



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS-LIBRAS DE TERMOS DA  
HISTÓRIA DO BRASIL**

**Eduardo Felipe Felten**

**BRASÍLIA-DF  
2016**

**Eduardo Felipe Felten**

**GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS-LIBRAS DE TERMOS DA  
HISTÓRIA DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Enilde Faulstich.**

**BRASÍLIA-DF  
2016**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Enilde Faulstich**  
Presidente – UnB/LIP

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Machado de Oliveira Vilarinho**  
Membro efetivo – UnB/LIP

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Patrícia de Faria do Nascimento**  
Membro efetivo externo - SEEDF

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rozana Reigota Naves**  
Suplente – UnB/LIP

**BRASÍLIA-DF**  
**2016**

## DEDICATÓRIA

Ao meu Senhor Jesus, que me ama e que me deu forças, sabedoria e inspiração para produzir essa pesquisa.

A minha Mãe do Céu, Nossa Senhora Rainha da Paz que, com amor materno me protege e intercede pelos caminhos acadêmicos e profissionais.

A minha família que com muito amor, entendimento e auxílio me educaram e acompanharam com paciência esse percurso.

Aos Surdos e Surdas do Brasil que me ensinam todos os dias a ser humano.

## AGRADECIMENTO

Neste importante e formidável momento em minha história, gostaria de agradecer a **Deus** primeiramente e acima de todas as coisas por ter me amado, me alcançado e nunca me abandonado nas horas tempestuosas e em horas oportunas, o que contribuiu veementemente para essa espetacular vitória em minha existência.

À **Virgem Imaculada**, Mãe de Jesus e minha, que em tempo algum deixou-me a mercê quando supliquei a sua intercessão poderosa por forças, inspiração e muito amor para cumprir a minha missão acadêmica. Neste momento oportuno, tenho a honra e a graça de proclamar: *Totus tuus Mariae!*

Quero agradecer também a minha amada família, orientadoras e amigos:

**Clotilde Müller Felten**, quem me educou no amor e no acalento de mãe, onde encontro refúgio e segurança. Verdadeiramente, é a personificação do amor de Deus.

**Adelar Felten**, quem me auxiliou e motivou para chegar onde estou, onde encontro segurança e compreensão em seu amor de pai. Verdadeiramente, é a personificação do amor de Deus.

**Lisiane Felten**, com seu afeto generoso, obtive inspiração nos estudos e apoio nos frágeis momentos da vida, com a sua generosidade que só encontramos no amor entre irmãos.

**Gabriel Felten de Oliveira** que, em meio ao conturbado período de conclusão desta pesquisa, chegou em minha vida como um raio de esperança, amor e fortaleza.

**Enilde Faulstich** que, com muita cordialidade, sabedoria e eficiência soube transferir seu brilhante conhecimento como orientadora e amiga durante o processo desta pesquisa.

**Sandra Patrícia Faria-Nascimento** que, com gentileza, disponibilidade e sapiência auxiliou-me em importantes questões e ouviu-me em momentos decisivos a pesquisa.

**Patrícia Tuxi** que, com grande amizade, conhecimento e ternura esteve comigo em todos os momentos precisos com importantes contribuições e necessários abraços.

**Falk Moreira, Messias Ramos, Daniela Prometi e Fátima Félix**, importantes pesquisadores Surdos que me auxiliaram com disponibilidade e amor à Libras no processo de criação e validação dos sinais-termo desta pesquisa.

**Eleandro Philippsen, Émile Cardoso e Thayza Matos**, importantes amigos, professores e exímios pesquisadores com os quais pude recorrer na necessidade e digamos, dionisíacos momentos juntos em meio ao desvario processo acadêmico, além de me presentarem com caras contribuições para esta pesquisa.

**Dayane Augusta** que, com seu conhecimento histórico e dispendioso tempo, se dispôs a dialogar com as definições dos verbetes desta pesquisa como exímia consultora.

Aos amigos distantes **Surdos e Não-Surdos, professores e tradutores/intérpretes de Libras** que, com parceria e bondade, me motivaram do começo ao fim dos estudos na pós-graduação.

Aos amigos **Surdos e Não-Surdos, professores e tradutores/intérpretes de Libras** que estão perto e que me ouviram, sorriram e choraram juntos durante vários momentos da minha história.

Aos familiares que estão distantes, especialmente a minha amada avó, **Julia Ribeiro Felten**, tios, tias e primos.

Àqueles que estão por perto e que, alegremente, compartilharam comigo deste processo acadêmico e contribuíram com boas risadas, desengonçadas brincadeiras e taças sempre cheias.

Aos amados avós que já se foram **Danilo Felten, João Müller e Maria Müller**, que me ajudaram no processo educacional e no reconhecimento da importância da família.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para que o objetivo deste trabalho fosse alcançado.

“É evidente que, se uma pessoa aprendeu a língua de sinais como primeira língua, seu cérebro/mente a fixará, e a usará pelo resto da vida, ainda que a audição e a fala sejam plenamente disponíveis e perfeitas. A língua de sinais, convenci-me, era uma língua fundamental do cérebro” (Oliver Sacks, 2010).

## RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida dentro da linha de pesquisa Léxico e Terminologia, apresenta um modelo de Glossário Sistemático Bilíngue Português - Libras de termos da História do Brasil. O objetivo é sistematizar termos da História do Brasil do português e propor a criação de sinais-termo correspondentes na Língua Brasileira de Sinais - Libras, que representem conceitos e significados, seguindo os fundamentos das teorias lexicais e terminológicas. Escolhemos o campo semântico relativo à História do Brasil para o estudo de conceitos, formação de sinais-termo já existentes e validação de novas unidades lexicais, por ser uma área do conhecimento ainda não explorada. A metodologia seguida foi a da pesquisa qualitativa, com coleta de dados, pautada em quatro procedimentos: a) listagem os termos mais frequentes usados no ensino da História do Brasil em três períodos históricos: América Portuguesa, Império e República; b) criação de sinais-termo correspondentes; c) avaliação dos sinais-termo de acordo com as propriedades da Língua de Sinais Brasileira e d) validação dos sinais-termo com os alunos Surdos. O Glossário Sistemático Bilíngue Português – Libras de termos da História do Brasil foi delineado para professores Surdos e Não-Surdos, tradutores e intérpretes de Libras e estudantes Surdos e Não-Surdos. O glossário desenvolvido foi concebido para apresentar equivalência, em Libras, de conceitos e significados complexos, relativos à História do Brasil. Esperamos que esse modelo possa fornecer suporte para a elaboração de materiais didáticos adequados que integrem recursos visuais em Libras e o português escrito nas atividades educacionais. Além disso, desejamos oferecer condições apropriadas para a concepção de conceitos e de significados para o público alvo, durante o processo de educação básica, por meio de linguagem acessível e educação eficaz.

**Palavras-chave:** Glossário. Bilíngue. Terminologia. Libras. Sinais-termo. História do Brasil.



## ABSTRACT

This dissertation presents a model of a Systemic Bilingual Portuguese - Libras Glossary of some terms belonging to Brazilian History, developed within the research line in Lexicon and Terminology. The goal is to systematize the terms of Portuguese and to create corresponding term-signs in Brazilian Sign Language - Libras, which may represent concepts and meanings, following the principles of lexical and terminological theories. We have chosen the semantic field of History of Brazil for the study of concepts, term-sign formation, and training and validation of existing and new lexical units, because is a field of knowledge not yet investigated. The methodology follows the qualitative research, based on data collection which is guided by four procedures: a) listing the most common terms used in the teaching of Brazilian History in three historical periods: Portuguese America, Empire and Republic; b) creating corresponding term-signs; c) evaluate the term-signs according to the properties of the Brazilian Sign Language and d) validating the term-signs with the Deaf students. The Systemic Bilingual Portuguese – Libras Glossary of some periods of the History of Brazil was designed for Deaf and hearing teachers, for translators and interpreters, as well as Deaf and hearing students. The glossary developed, is designed to explain, in Libras, concepts and complex meanings, related to the Brazilian History. We hope that this model can provide support for the development of appropriate teaching materials that incorporate visual resources of Libras and written Portuguese on educational activities. In addition, we wish to offer suitable conditions for the design of concepts and meanings for the target audience, immersed in basic science education process, through satisfactory and efficient language.

**Keywords:** Glossary. Bilingual. Terminology. Libras. Signs-term. History of Brazil.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ASL- American Sign Language.

LSB – Língua de Sinais Brasileira.

CM – Configuração de Mão.

M- Movimento.

L – Locação.

PA – Ponto de Articulação.

OP – Orientação da Palma da Mão.

EFs – Expressões Faciais.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

LabLibras/UnB – Laboratório de Língua Brasileira de Sinais da Universidade de Brasília.

NEE - Necessidades Educativas Especiais.

MEC – Ministério da Educação.

ProUni – Programa Universidade para Todos.

UL – Unidade Lexical.

ULS – Unidades Lexicais Sinalizadas.

UT – Unidade Terminológica.

UTS – Unidades Terminológicas Sinalizadas.

UTCS – Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação dos termos selecionados.	20
Quadro 2 – Frequência das UTs selecionadas para compor o glossário.	84
Quadro 3 – Modelo de ficha terminológica.	90
Quadro 4 – Ficha terminológica do verbete <i>Brasil Império</i> .	91
Quadro 5 - Categorias do parâmetro Movimento na Libras.	107
Quadro 6 - Relação de UTS segundo a formação de palavras de Marchand (1969) e de sinais de Faria-Nascimento (2009)	112
Quadro 7 - Relação de UTCS segundo a formação de sinais-termo pelo processo de derivação.	113
Quadro 8 - Relação de UTCS segundo a formação de sinais-termo pelo processo de composição	113

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interseção entre Linguística e História.	24
Figura 2 – Construto do processo da narrativa segundo Jörn Rüsen.	26
Figura 3 – Adaptação da estrutura representativa de Saussure.	31
Figura 4 – Sinal-termo de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.	32
Figura 5 – Imagem da obra <i>O Grito do Ipiranga</i> .	32
Figura 6 - Léxico comum do sinal de <i>Independência do Brasil</i> .	33
Figura 7 - Recorte do Glossário de Latim.	68
Figura 8 – Documento oficial da fundação do INES em 1857.	70
Figura 9 – Recorte de estampa elaborada por Flausino da Gama (1875).	71
Figura 10 – Recorte do dicionário elaborado por Oates (1988).	72
Figura 11 – Material impresso com ULs da Libras (exemplo 1).	73
Figura 12 – Material impresso com ULs da Libras (exemplo 2).	73
Figura 13 – Dicionário da Língua Brasileira de Sinais INES versão 2008 (LIRAS; FELIPE).	74
Figura 14 – Glossário do Curso Letras-Libras da UFSC.	75
Figura 15 – Recorte de verbetes do Glossário de termos técnicos em processamento de dados.	76
Figura 16 – Recorte do verbete de “controlador do trocador de calor do ar-condicionado”.	77
Figura 17 – Print da página da consulta do verbete TAL glossário do Letras-Libras da UFSC.	78
Figura 18 - Recorte do verbete “monarca”.	70
Figura 19 - Recorte do verbete “coroar”.	80
Figura 20 – Programa AntConc: exemplo de funcionamento.	85
Figura 21 – Modelo de verbete no glossário sistêmico.	87
Figura 22 - Uso do verbete em Libras.	88
Figura 23 – Glossário Sistêmico de Termos da História do Brasil: exemplo de uso do item remissivo em Libras.	88
Figura 24 – Unidade Terminológica Sinalizada do Curso de Letras-Libras da UFSC.	94
Figura 25 – Configuração de Mão de Faria-Nascimento (2009).	96
Figura 26 – Configuração de Mão de Faria-Nascimento (2009).	97
Figura 27 – ULS/Sinal-termo de “AMÉRICA PORTUGUESA” e aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009).	100
Figura 28 – Combinação entre as CMs dos morfemas AB na ULS/Sinal-termo de “BRASIL IMPERIAL”.	101
Figura 29 – ULS/Sinal-termo de BRASIL REPÚBLICA.	102

Figura 30 – ULS/Sinal-termo de EXPANSÃO MARÍTIMA.	102
Figura 31 – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA.	103
Figura 32 – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO.	103
Figura 33 – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA DE POVOAMENTO.	104
Figura 34 – ULS/Sinal-termo de CONQUISTA.	104
Figura 35 – ULS/Sinal-termo de OCUPAÇÃO.	104
Figura 36 – A formação de sinais-termo pelo processo de derivação por morfema-base.	105
Figura 37 – Formação da UTC segundo Faulstich 2003.	106
Figura 38 – UTCS/Sinal-termo: EXPANSÃO MARÍTIMA.	108
Figura 39 - UTCS/Sinal-termo: PRIMEIRO REINADO.	109
Figura 40 – UTCS/Sinal-termo: PERÍODO REGENCIAL.	109
Figura 41 – UTCS/Sinal-termo: SEGUNDO REINADO.	110
Figura 42 – UTCS/Sinal-termo: NACIONALISMO.	111
Figura 43 – UTCS/Sinal-termo: ABDICAÇÃO.	111
Figura 44 – Versão preliminar da BNCC da Disciplina História para os anos finais do Ensino Fundamental.	116
Figura 45 – Estrutura do verbete em Português.	121
Figura 46 – A macroestrutura do glossário em Libras.	122
Figura 47 – Item da paralexigrafia em Libras.	122
Figura 48 – Estrutura do verbete em Libras.	123
Figura 49 – Lista de abreviações do glossário em Libras.	123
Figura 50 – Busca do verbete em Libras a partir da CM.	124
Figura 51 – ULS/Sinal-termo de BRASIL REPÚBLICA.	125
Figura 52 – Informações técnicas em Libras sobre imagem ilustrativa do BRASIL IMPERIAL.	125
Figura 53 - Busca do verbete a partir do Português.	126

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>OBJETO DE ESTUDO</b> .....	19
<b>JUSTIFICATIVA DA DISSERTAÇÃO</b> .....	20
<b>OBJETIVOS</b> .....	21
<b>DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA</b> .....	22
<b>CAPÍTULO 1: INTERSEÇÃO ENTRE LINGUÍSTICA E HISTÓRIA</b> .....	23
1.1. A NARRATIVA HISTÓRICA COMO OBJETO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA .....	23
1.2. AS CONTRIBUIÇÕES DA LEXICOLOGIA PARA AS CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DA HISTÓRIA.....	29
1.3. AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS QUE COMPÕEM O VOCABULÁRIO DE HISTÓRIA .....	34
1.3.1 AVALIAÇÃO DO NOVO DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL ILUSTRADO (MELHORAMENTOS, 1971) .....	38
1.3.2 AVALIAÇÃO DO DICIONÁRIO DO BRASIL JOANINO: (1808 – 1821) (VAINFAS, 2008) .....	45
1.3.3 AVALIAÇÃO DO DICIONÁRIO DE CIÊNCIA HUMANAS (DORTIER, 2010) .....	52
1.3.4 AVALIAÇÃO DO DICIONÁRIO DE NOMES, TERMOS E CONCEITOS HISTÓRICOS (AZEVEDO, 2012) .....	59
<b>CAPÍTULO 2: HISTÓRICO, ANÁLISE E ESTRUTURA DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES</b> .....	67
2.1 OS DICIONÁRIOS SÃO UMA HERANÇA DOS GLOSSÁRIOS? .....	67
2.2 GLOSSÁRIOS BILÍNGUES COMO VIA DE ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	69
2.3 A ESTRUTURA DO VERBETE DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES .....	75
2.3.1 A ESTRUTURA DO VERBETE DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES PORTUGUÊS – INGLÊS .....	76
2.3.2 A ESTRUTURA DO VERBETE DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES PORTUGUÊS – LIBRAS .....	77

2.3.2.1 GLOSSÁRIO DO CURSO DE LICENCIATURA DE LETRAS-LIBRAS DA UFSC .....	77
2.3.2.2 DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO TRILÍNGUE DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....	78
2.3.2.3 DICIONÁRIO ILUSTRADO DE LIBRAS .....	80
<b>CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>82</b>
3.1 SELEÇÃO DO CORPUS DA HISTÓRIA DO BRASIL .....	82
3.2 PERCURSO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DE DICIONÁRIOS DE TERMOS DA HISTÓRICA .....	85
3.3 METODOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DE PROPOSTA DE GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS –LIBRAS .....	86
3.3.1 FICHAS TERMINOLÓGICAS PARA COMPOSIÇÃO DE VERBETES PARA O GLOSSÁRIO BILÍNGUE PORTUGUÊS-LIBRAS .....	89
<b>CAPÍTULO 4: A TERMINOLOGIA DA LIBRAS .....</b>	<b>93</b>
4.1 A CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DO SINAL-TERMO .....	93
4.1.1 OS SINAIS-TERMO DESTA PESQUISA.....	95
4.1.2 CORPUS DESTA PESQUISA .....	98
4.2 UNIDADE TERMINOLÓGICA COMPLEXA SINALIZADA .....	105
4.3 A FUNÇÃO SOCIAL DA TERMINOLOGIA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	114
<b>CAPÍTULO 5: EXPLICAÇÃO ACERCA DA COMPOSIÇÃO DO GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS – LIBRAS DE TERMOS DA HISTÓRIA DO BRASIL .....</b>	<b>118</b>
5.1 A APRESENTAÇÃO DOS VERBETES EM PORTUGUÊS .....	118
5.2 A APRESENTAÇÃO DOS VERBETES NA LIBRAS .....	121

<b>CAPÍTULO 6: GLOSSÁRIO SISTÊMICO DE ALGUNS TERMOS DA HISTÓRIA DO BRASIL EM PORTUGUÊS .....</b>	<b>127</b>
6.1 APRESENTAÇÃO .....	128
6.2 SOBRE A MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO .....	128
6.2.1 METODOLOGIA DO PLANO DE TRABALHO .....	128
6.2.2 COMO É O GLOSSÁRIO .....	129
6.2.3 A CONSULTORIA ESPECIALIZADA .....	130
6.2.4 A ESTRUTURA CANÔNICA DO VERBETE .....	130
6.3 A TERMINOLOGIA .....	131
6.4 LISTA DE ABREVIACÕES .....	131
6.5 OS VERBETES .....	132
6.5.1 AMÉRICA PORTUGUESA .....	132
6.5.2 BRASIL IMPÉRIO .....	137
6.5.3 BRASIL REPÚBLICA .....	143
6.5.4 REFERÊNCIAS DO GLOSSÁRIO .....	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE I .....</b>	<b>167</b>



## INTRODUÇÃO

Esta dissertação teve como desafio propor a elaboração de um modelo de glossário sistêmico bilíngue, com os fundamentos da lexicologia e terminologia. O objetivo é sistematizar termos do português e criar sinais-termo correspondentes na Língua Brasileira de Sinais - Libras, que representem conceitos e significados, seguindo os princípios das teorias lexicais e terminológicas. Escolhemos o campo semântico relativo à História do Brasil para estudo de conceitos, formação de sinais-termo e validação de unidades lexicais já existentes e novas. Para isso, foi feito o levantamento do léxico da Libras que se enquadra conceitualmente na proposta terminológica empreendida por esta pesquisa.

Esta investigação está amparada no interesse de proporcionar aos Surdos temas fundamentais da História do Brasil para a formação de uma consciência histórica que se dá nas salas de aulas formais, no entanto alcançam o sujeito na vida prática com compreensão elementar sobre a formação política, social e cultural, concepções fundamentalmente históricas. O desafio que encontramos na Educação Básica brasileira são ausências de métodos e materiais bilíngues congruentes que auxiliem os Surdos ao longo da sua jornada educativa que está intrinsecamente relacionada à comunicação. Essas lacunas colaboram com o desigual conhecimento científico oferecido durante a formação educacional. Isso significa que as informações precisas não chegam com qualidade aos estudantes Surdos, porque faltam materiais adequados em Libras.

Um dos modos que pode diminuir as conseqüentes distâncias comunicativas na educação de Surdos é o fomento à acessibilidade mediante materiais em Libras para que os alunos sejam contemplados com conhecimento em sua língua e por meio de recursos visuais. Para tanto, a aprendizagem técnica e científica pode ser empregada com auxílio do vocabulário especializado, no caso desta pesquisa, o campo semântico parte da História do Brasil, utilizando o Português e a Libras. Nosso glossário sistêmico cria um caminho percorrido pelo consulente entre os verbetes, caminho colaborativo para assegurar e completar os conceitos de maneira concatenada. Toda a estrutura da obra está em perspectiva bilíngue.

A pesquisa se propôs elaborar material que conduza o estudante ao aprendizado por meio da Libras e do Português para alunos Surdos, Professores Surdos e não-Surdos e Tradutores e Intérpretes que atuam na área educacional, com o propósito de ser um material de consulta de grande valia.

A importância deste glossário assenta-se na contribuição linguística entre Surdos, professores Surdos e não-Surdos e Tradutores e Intérpretes de Libras nas escolas; no estreitamento de caminhos comunicativos; na amplificação e promoção do léxico dos alunos Surdos e não-Surdos; e na ajuda da compreensão das tramas dos eventos e dos fatos históricos brasileiros. A proposta bilíngue considera a Libras como fator determinante na constituição da identidade Surda, valorização reconhecida legalmente pela Lei 10.436/2002, subsídio legal ao direito de comunicar-se na L1 dos Surdos.

A dissertação está escrita em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos noções de Linguística e de História. Buscamos para isso, uma consonância teórica que alcance as questões conceituais da História, especificamente a do Brasil, e as relações fundamentais com vocabulário de especialidade próprio da linguagem histórica fundamentada nos estudos científicos do léxico do Português e da Libras. Além disso, avaliamos 4 dicionários que comportam o léxico da História do Brasil, a fim de mostrar o modo como são organizadas as obras disponíveis. Entretanto, vale lembrar que as discussões empreendidas no capítulo 1 são de caráter mais linguístico que histórico.

No capítulo 2, analisamos o percurso histórico sobre a formação de dicionários com base em glossários latinos, com significados nas línguas latinas vulgares modernas. Ainda, analisamos outros materiais em Libras, por meio de imagens, que serviam para cursos de Libras no final da última década de 1900 e no começo da primeira década de 2000 e possuem certa estrutura que deu origem a dicionários atuais em Libras. Finalmente, analisamos a microestrutura de alguns dicionários de Libras e glossários em línguas orais.

No capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos desenvolvidos para elaboração da terminologia da História do Brasil em Libras-Português. Os procedimentos possuem caráter qualitativo e descritivo que buscam entender os fenômenos específicos da criação de sinais-termo na Libras. Ainda, explicamos as orientações científicas dos dados encontrados durante a pesquisa, a fim de satisfazer as necessidades científicas e linguísticas brasileiras.

No capítulo 4, apresentamos os princípios teóricos que fundamentam a constituição morfológica do sinal-termo, a distinção entre *termo* e *sinal-termo* (FAULSTICH, 2012) conforme as modalidades das línguas e algumas reflexões sobre as mudanças terminológicas diacrônicas na Libras. Explicamos os processos morfológicos de formação de sinais e sinais-termo por composição e derivação. Para nortear a leitura e a compreensão desta dissertação, já apresentamos, neste momento, a diferença entre termo e sinal-termo. A distinção é a que segue:

- **Termo:** palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas do conhecimento específico. Também *unidade terminológica*. Ver unidade terminológica complexa (FAULSTICH, 2012).
- **Sinal-termo:** Termo criado na Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. Ver sinal. Ver termo (FAULSTICH, 2012).

Este assunto será melhor explorado no capítulo 4. Ainda neste capítulo, registramos o postulado formulado por esta pesquisa para explicar o modo como o morfema especificador serve como argumento predicador em Unidades Terminológicas Complexas sinalizadas. E, por último, discutimos a relevância da terminologia na Educação de Surdos.

No capítulo 5, apresentamos a estrutura dos glossários em Português e em Libras. Veremos os elementos lexicográficos que nortearam a estruturação do glossário no Português como língua-fonte e na Libras como língua-alvo, além de apresentar o percurso inverso por se tratar de um glossário bilíngue. Apresentamos, além disso, as instruções de como consultar a obra e fornecer informações sobre a macro e microestrutura dos verbetes nas línguas envolvidas. Os glossários em Português e em Libras estarão disponíveis no apêndice deste trabalho. Por apresentar modalidade linguística diferente das línguas orais, o modelo do glossário em Libras estará disponível em dispositivo móvel para computador, com os vídeos e a estrutura próprios.

Por último, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas. Acrescentamos, ainda, que as figuras cuja referência é Felten (2016) foram criadas para os fins desta dissertação.

## **OBJETO DE ESTUDO**

O tema desta pesquisa de mestrado se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) e no Laboratório de Língua de Sinais Brasileira (LabLibras) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. O objeto de estudo são termos da História do Brasil, entendido como um vocabulário especializado, utilizado nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) aplicadas em 2009 a 2014. A seleção dos termos será apresentada no Capítulo 3.

Os termos da História do Brasil selecionados pertencem a três períodos históricos, como indicado nos objetivos específicos, que serão apresentados adiante. No Quadro 1, a seguir, apresentamos amostras dos termos separados por períodos:

**Quadro 1** – Relação dos termos selecionados.

Colônia Portuguesa	Brasil Império	Brasil República	Termos afins
<b>Colônia</b>	Abolição da Escravatura	Guerra de Canudos	Imagens Históricas
<b>Colonização Portuguesa</b>	Primeiro Reinado	Messianismo	Colônia Portuguesa
<b>Coroa Portuguesa</b>	Monarquia	Potências do Eixo	Brasil Império
<b>Colônia de Exploração</b>	Independência do Brasil	Potências Aliadas	Brasil República
<b>Engenho</b>	Período Regencial	Proclamação da República	
<b>Expansão Marítima</b>	Rei de Portugal	Segunda Guerra Mundial	

**Fonte:** Felten (2016).

## JUSTIFICATIVA DA DISSERTAÇÃO

A ideia da pesquisa surgiu a partir da minha experiência como professor e intérprete da Libras, ao verificar que, durante as aulas que englobam as dimensões da Área de Ciências Humanas, conforme a organização curricular do Currículo em Movimento da Educação Básica da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, a falta de termos de especialidade na Libras dificulta o trabalho profissional e também a aprendizagem dos alunos Surdos. Esse é um âmbito que exige atenção, pois a proposta curricular se preocupa em formar “cidadãos críticos na perspectiva dos multiletramentos, em razão da multiplicidade de linguagens e de culturas nas e das sociedades contemporâneas”, cidadania “concebida na perspectiva de uma cidadania construída” (SEEDF, 2014, p. 21).

A motivação do tema surgiu das minhas observações empíricas como professor e intérprete da Libras, fundamentadas nas aulas das disciplinas de História do Brasil por um lado, e, por outro lado, pelos estudos empreendidos nos Temas de Sociologia e Antropologia

Cultural, como segunda graduação pela Universidade Estadual de Goiás - UEG, os quais contribuíram para ampliar o interesse na educação dos alunos Surdos na perspectiva das Ciências Humanas. Hoje, conforme Theodoro (2007, p. 49), “tudo muda, a cada momento, no mundo contemporâneo” e, para que a pessoa em sua diversidade entenda que o hoje é o resultado de uma sucessão de fatos e crie condições para que se aprofunde na consciência de si e do outro, faz-se necessário que o homem adquira consciência histórica, aquisição desenvolvida e alcançada nas aulas de História Geral e História do Brasil na Educação Básica.

Dessa forma, o sujeito Surdo, inserido no contexto social e cultural brasileiro, deve ter o direito e as condições conforme a sua necessidade de entender esse processo e adquirir igualmente consciência histórica. Por sua vez, estudos da Libras, empreendidos na graduação em Letras/Libras oferecida pela Universidade Federal de Santa Catarina – USFC, deram-me a oportunidade de ser licenciado para o ensino da Libras como primeira língua (L1) e segunda língua (L2).

No desenvolver da profissão, identificamos que a ausência de sinais-termo correspondentes da História do Brasil torna-se um obstáculo para o entendimento da História pelo aluno Surdo na sala de aula regular e tarda o seu acesso à Universidade, tendo em vista que a História do Brasil é conteúdo exigido nos processos seletivos, como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), um dos mais importantes programas do Governo Nacional de acesso ao ensino superior.

Uma possível solução para este problema é a elaboração de material com conteúdo que esteja em consonância com a educação básica e que forneça, acima de tudo, direito à aprendizagem e acessibilidade aos alunos Surdos, matriculados nas variadas redes de ensino no Brasil. Isso será possível, porque o glossário tem como objetivo principal promover um léxico especializado que esteja disponível para ser consultado e que sirva de apoio para os alunos, os professores e intérpretes, além de ser um material que promova o conhecimento e acesso à informação.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um modelo de glossário sistêmico que contemple termos usados nas provas do ENEM, relacionados aos períodos colonial, denominado por alguns especialistas em História do Brasil como América Portuguesa, Imperial e República, com vistas a sistematizar termos do português e a criar sinais-termo correspondentes na Língua de Sinais Brasileira.

Para atingir o objetivo geral, relacionamos os seguintes objetivos específicos:

- I. Listar os termos mais frequentes usados no ensino da História do Brasil em três períodos históricos: América Portuguesa, Império e República.
- II. Criar sinais-termo em Libras para os termos indicados em I.
- III. Avaliar, em reuniões exclusivas com os Surdos pesquisadores de terminologia e lexicografia do LabLibras, os sinais-termo de acordo com as propriedades da Língua de Sinais Brasileira.
- IV. Validar os sinais-termo com os alunos Surdos do Ensino Médio da rede pública de ensino.
- V. Registrar, em glossário sistêmico, os sinais-termo validados.

## **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

A Libras está inserida no cenário nacional e possui papel político-linguístico na comunicação entre Surdos e Não-Surdos. Diante desse contexto, o Brasil possui um espaço favorável para o ensino e aprendizado da Libras e da Língua Portuguesa. Assim, o dicionário funciona como um instrumento para consulta do léxico entre as duas línguas. Entretanto, é fundamental que hajam estudos lexicográficos e terminográficos para que se aprimore as estruturas dos dicionários e glossários, e contribua com a ampliação do léxico da Libras.

Diante desse panorama lexicográfico, pretendemos colaborar para o desenvolvimento de um modelo de glossário sistêmico bilíngue de termos da História do Brasil, a fim de contribuir com o ensino de História do Brasil para alunos Surdos e Não-Surdos por meio da consulta de termos de especialidade.

Nesta pesquisa, buscamos responder aos seguintes questionamentos:

- I. Que princípios teóricos da ciência histórica que fundamentam os estudos linguísticos da terminologia.
- II. Que semelhanças e diferenças existem entre um dicionário e um glossário.
- III. Como se faz e como se deve fazer um glossário sistêmico bilíngue de termos da História.
- IV. Que processos conduzem a criação de um sinal-termo.

## **CAPÍTULO 1 - INTERSEÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LINGUÍSTICA**

Neste capítulo, apresentamos uma aproximação entre as duas disciplinas em questão, a saber, a Linguística e a História. Buscamos, acima de tudo, uma consonância teórica que alcance as questões conceituais da História, especificamente a do Brasil, e as relações fundamentais que há no vocabulário de especialidade próprio da linguagem histórica. As discussões aqui empreendidas possuem caráter mais linguístico que histórico.

### **1.1 A NARRATIVA HISTÓRICA COMO OBJETO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA**

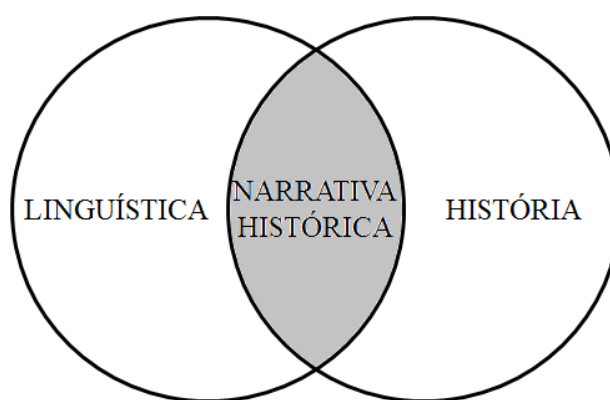
A narrativa, para a Linguística, é concebida como o discurso engendrado à temporalidade passada em relação ao momento da enunciação, ou seja, é “a linguagem posta em ação, a língua assumida pelo falante” (DUBOIS, 1978, p. 192), trazida à tona por utilidade e motivação prática científica, ou ainda, um gênero textual que pressupõe elementos básicos como uma instância narrativa que pode ser um ponto de vista, um personagem, uma antologia, no caso da História, um pensamento atuante num tempo e num espaço determinados onde quem narra é o historiador. Isso quer dizer que, na História, existe um fato narrado que tenta constituir uma reflexão sob determinados efeitos inseridos em tempo e espaço definidos.

Na narrativa histórica, os personagens da narrativa não mudam de espaço e tempo em que os fatos ou eventos aconteceram como é possível na narrativa literária, por exemplo. A História mostra fatos determinados pelas fontes disponíveis. A Princesa Isabel sancionou a Lei Áurea no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1888, para a extinção da escravatura no Brasil. Essa informação que é de grande valor para a História da nação possui um personagem, no caso, a filha de Dom Pedro II que, pela conjuntura política e social da época, fez com que a Lei fosse sancionada no Rio de Janeiro e não em outra cidade.

É preciso ter essa concepção clara para que possamos compreender a relação entre a Linguística e a História, ou ainda, as contribuições da História para a Linguística. Além do mais, ao se referir à narrativa e ao discurso, não se pretende empreender um estudo de análise do discurso; antes, pretendemos analisar o discurso histórico como objeto de análise linguística para obtenção de conceitos sob o ponto de vista da Lexicologia e da Terminologia, seja ele resultado da análise investigativa do historiador seja, apenas, recolha de fontes consideradas históricas pela História.

Para a História, a narrativa é o produto final de uma investigação, constituída por meio de um método, ou seja, o produto que o historiador entrega de sua pesquisa que, segundo Rüsen (2010), é expresso por repercussões temporais das casualidades do mundo humano. Por intermédio da narrativa, a História pretende não apenas narrar as modificações temporais, mas explicá-las. Analogamente, a concepção de narrativa para a História possui o mesmo valor semântico que a Linguística. A interseção entre as duas ciências se encontra no texto. Assim, podemos representar o ponto em que se encontram as duas ciências. Vejamos:

**Figura 1** – Interseção entre Linguística e História.



Fonte: (FELTEN, 2016)

A pesquisa linguística da narrativa histórica começa no momento em que o trabalho investigador do historiador termina. A esse respeito, Rüsen (2010) relata que

o princípio da narrativa passou a ser um tema no debate teórico na história quando tornou necessário levar em conta a especificidade do pensamento histórico ao se tratar do padrão de racionalidade da explicação científica. [...] Narrar é um tipo de explicação que corresponde a um modo próprio de argumentação racional. O narrar passou a ser visto, como uma práxis cultural elementar e universal da constituição de sentido expressa pela linguagem (p. 153-154).

Além de justificar as concepções de narrativa histórica para as duas ciências, é fundamental deixar definido as atribuições de cada investigador, isto é, o que compete ao historiador e ao linguista na análise da relação Linguística e História. Escrever a história é tarefa do historiador, já o linguista, ocupa-se das observações e experiências empíricas da linguagem conforme a sua orientação investigativa. Esta pesquisa seguiu orientada por análises estritamente linguísticas da narrativa histórica, sobre um vocabulário especializado da História



do Brasil proveniente do discurso histórico sob a orientação dos estudos Lexicológicos e Terminológicos. Para tanto, é pertinente que se evidencie o processo de construção da narrativa histórica em consonância com os estudos sobre teoria da histórica de Jörn Rüsen e em companhia da Linguística.

Começamos pelas fontes, heranças do mundo humano, recurso pelo qual a História “fala”. Do ponto de vista da Escola Metódica positivista do século XIX, quando a História se constituiu como disciplina, a questão central da História é a descoberta dos fatos voltados à pesquisa documental em que o ofício do historiador era exercido com “base no modelo das ciências naturais, a ciência ao invés da arte” (HARTOG, 2005, p. 174), com leituras de documentos considerados fontes consistentes. Em seguida, a descoberta dos fatos, voltada à pesquisa documental, ganhou abrangência, pois as possibilidades interpretativas ganham amplitude com a Escola dos *Annales* no século XX em que Marc Bloch justifica que o campo do historiador se amplia na mesma proporção que a tipologia da sua fonte, discussão que marcou as décadas de 1970 e 1980. Os produtos dessas análises resultam em reflexões sobre o passado e, conforme revelam Karnal e Tatsch (2004, p. 45), ocorre “um diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas”.

A abrangência da tipologia das fontes históricas identificada pela *Annales* tem favorecido os pesquisadores da História em descobrir em pinturas, histórias em quadrinhos, discurso fílmico, relatos de experiência, cartas deixadas por prisioneiros em campos de concentração nazistas, novelas e tantos outros objetos considerados pela História fontes interpretativas, materiais passíveis de construção da narrativa. *A História da Vida Privada no Brasil*, *a História das Mulheres no Brasil*, *A História da Feiura*, *A História da Beleza*, *a História do Vestiário do Ocidente* e tantos outros novos campos, ao longo do século XX, trouxeram ressignificações ao documento histórico (ibid., p. 47). Outros recursos que podemos considerar como fontes históricas são os dicionários para estudos diacrônicos.

A construção da narrativa histórica é expressa por uma “sequência temporal de situações: elas afirmam que alguma coisa num determinado momento ( $t^1$ ) era assim, mais tarde era diferente ( $t^2$ ) e ainda mais tarde ( $t^3$ ) ainda mais diferente” (RÜSEN, 2010, p. 44). Esquemáticamente, o processo da construção na narrativa histórica pode ser apresentado como simples sequência temporal das várias situações de “S”:

**Figura 2** – Construto do processo da narrativa segundo Jörn Rüsen.

$$S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow \dots S_n$$

Fonte: (RÜSEN, 2010; p. 44)

Essa “alguma coisa”, representada simbolicamente por um “S”, refere-se ao elemento de uma dada história: Dom João VI embarca de Portugal para o Brasil juntamente com a família e outros que compunham a Corte, numa fuga das tropas de Napoleão Bonaparte, para se proteger e proteger seus territórios, e eleva o Brasil à categoria de Reino, ao assinar o Decreto em que criava o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; Dom Pedro I assinou a declaração de independência para que houvesse a separação política do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e a instituição do Império do Brasil. O processo investigativo que segue a representação da evolução temporal em que um fato procede a outro anterior influencia o seguinte, a narrativa histórica faz dos acontecimentos do passado, a narrativa para o presente, conforme a ênfase de Johann Gustav Droysen (1967).

Conforme o construto apresentado por Rüsen, verificamos que a narrativa histórica está determinada por um procedimento mental da capacidade de o homem interpretar a si mesmo e ao mundo ao seu redor. Dessa forma, tecemos compreensões e consciência de quem somos por meio da atividade intelectual de tornar presente aquilo que está no passado: nisto consiste a complexidade daquilo que chamamos história.

Desse modo, o pensamento histórico segue uma lógica cognitiva da prática linguística para constituição de sentido, isto é, expressa pela linguagem narrativa. Narrar faz parte da experiência humana, pois a todo momento estamos a pensar o passado, refletir fatos empíricos inerentes as nossas ações cotidianas e abstraímos uma série de informações que nortearão o nosso presente e poderão repercutir futuramente. Todo esse processo cognitivo da capacidade intelectual de compreender aquilo que vivemos e experimentamos ocorre por intermédio da língua, fundamento no qual o pensamento histórico passa pela prática linguística, uma vez que a língua é formadora e perpassa por todas as ciências.

Conforme Delbecque (2006), a língua nos permite estabelecer ligações cognitivas entre formas e significado que estão além da sua função comunicativa. A reconstrução do passado é exercida pelo ofício do historiador ao empregar um determinado método investigativo que estabelecerá, conforme o pensamento histórico, formas e significados cognitivos na

organização temporal das análises das fontes que resultará numa narrativa habitualmente exposta por um texto. É a partir deste resultado que entra em exercício as análises do linguista.

Até aqui, refletimos sobre o processo de construção da narrativa histórica no âmbito teórico a considerar os princípios da pesquisa histórica, suas formas e funções. A partir daqui, vamos para além dos fundamentos da História para vermos a estruturação dos textos, bem como os elementos e expressões linguísticas escolhidas pelo historiador para compor o discurso histórico.

O discurso histórico manifestado pelo texto comporta a capacidade de interpretação textual e a própria mentalização do mundo por parte daquele que o escreve. É importante considerarmos que as fontes históricas não falam por si, o que requer um especialista que as interprete, que veja aquilo que um sujeito comum é incapaz de conceber sem o mínimo de conhecimento sobre a razão histórica e os princípios da pesquisa. Além deste fato, muitos historiadores do pós-segunda guerra como Eric Hobsbawm, Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, das décadas de 70 e 80, e outros mais recentes como Hayden White e Leandro Karnal problematizam a questão da narrativa histórica, reconhecendo elementos de ficcionalização em oposição à perspectiva positivista de uma construção que se orienta sob a égide da objetividade e neutralidade.

Quanto à imparcialidade do investigador, Hayden White (1994 apud MOSCATELI, 2003, p. 06), por exemplo, cita quatro modos fundamentais de implicação ideológica, isto é, o anarquismo, o conservadorismo, o radicalismo e o liberalismo, doutrinas que, no processo de construção de uma narrativa histórica, interferem na maneira pelos quais os pesquisadores constroem e explicam os acontecimentos históricos. Isso significa que as definições dos termos que compõe o modelo de glossário proposto por esta pesquisa, não estão baseados nas implicações ideológicas apresentadas por White (1994), entretanto, devemos considerar que também não estão imunes, uma vez que as definições são criadas a partir de bibliografia especializada de historiadores que possuem narrativas fundamentalmente ideológicas. Além do mais, não cabe a esta pesquisa de cunho linguístico entrar nos méritos dessas questões. Tais impasses ficam na responsabilidade dos historiadores e das suas reflexões sobre História. Do ponto de vista linguístico, essas implicações inerentes à História, refletem na composição conceitual dos termos coletados para esta pesquisa, conceitos obtidos da historiografia que constrói a História do Brasil.

Um exemplo a respeito dessas implicações encontramos na definição do termo *Proclamação da República*. Alguns historiadores defendem que a proclamação da República em 1889 se deu devido à decadência do império. Outros, no entanto, advogam a perspectiva de

um golpe articulado por militares liderados por Deodoro da Fonseca. Observamos, com o exemplo acima descrito, que as definições dos termos da História do Brasil são provenientes de uma “cadeia narrativa de sentenças históricas” (RÜSEN, 2010, p. 46) que acompanham uma lógica do pensamento histórico munido por intencionalidades independentes no passado e no presente, isto é, tanto de quem cria um elemento num determinado tempo no passado, o que poderá se tornar uma fonte histórica, quanto daquele que a interpreta no tempo presente e que possa orientar a vida humana atual.

Por uma questão metodológica, as definições do glossário proposto, conforme desenvolvemos, foram retiradas de bibliografia especializada de historiadores que, seriamente, narram a História do nosso país, a saber, Lilia Moritz Schwarcz (2010, 2013), Heloisa Murgel Starling (2015), Angélica Madeira (2005), Mary del Priori (2010), Renato Venâncio (2010), Ronaldo Vainfas (2008), Gilberto Cotrim (2012). A partir dessas narrativas mais recentes que reinterpretem a História do Brasil, que compreendem os períodos da América Portuguesa, Império e República, que organizamos a terminologia dessa área do conhecimento. Nesse sentido, portanto, os termos carregam conceitos que são produtos de um longo processo da constituição da nação e da identidade do povo brasileiro. Por essa razão, podemos dizer que os termos são implicações de uma profunda reflexão dos fatores extralinguísticos, abstraídos e postos numa lógica história racional demonstradas por Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Gilberto Freyre (1933) em *Raízes do Brasil* e *Casa Grande e Senzala*, por exemplo.

A linguagem da história surge para nomear os próprios eventos históricos, acontecimentos que só podem ser expostos a partir de seus rastros discursivos (DOSSE, 2012). Ao observarmos fatos históricos como eventos ocorridos pontualmente em um determinado período histórico, para que esses mesmos eventos possam se cristalizar e se fixar, é necessário o emprego da linguagem. De acordo com Dosse (ibid., p. 166), a “(...) relação essencial entre linguagem e acontecimento – histórico – se constitui pela problematização das correntes etnometodológicas, do interacionismo e, é claro, pela abordagem hermenêutica<sup>1</sup>”. Essas três correntes ajudam a lançar bases de uma semântica histórica. Verificamos, portanto, que os termos recorrentes, encontrados nas provas de História do Brasil no ENEM, abrangem valor semântico histórico e abarcam a relação essencial entre linguagem e eventos históricos.

---

<sup>1</sup> A hermenêutica é a arte e o método de interpretar significados expressos textualmente. Como disciplina, a hermenêutica estuda e sistematiza os processos para construção e justificação dos sentidos de um texto ou de um análogo ao texto (artefatos, cultura material, ritual, organização). Disponível em <<https://ensaiosnotas.wordpress.com/2014/11/20/o-circulo-hermeneutico-para-leituras-criticas/>>. Acesso em 01 fev.2016.

É fato que a história brasileira está a ser repensada, reconstruída e refletida atualmente. Exemplo clássico são os estudos sobre o descobrimento do Brasil em que alguns historiadores defendem não mais um “descobrimento”, mas um “achamento” que conota intencionalidade das terras de além-mar. Hoje, essa concepção é problematizada pelos professores de História do Brasil na Educação Básica. Com a história propiciamente repensada, os conceitos sobre os fatos e eventos vão se renovando e, juntamente com eles, outros termos são gerados para definir esses conceitos. Isso evidencia que a História passa pela perspectiva linguística para se estabelecer como ciência não apenas por modelos cientificistas, mas pelos caminhos cognitivos de abstração e expressões por meio da linguagem. As relações entre a lexicologia e os conceitos da História, serão discutidas no próximo subitem.

## 1.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LEXICOLOGIA PARA AS CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DA HISTÓRIA

Os estudos lexicais, empreendidos na área da linguagem da Libras, cooperam para a ampliação do léxico e contribuem para a acessibilidade com o objetivo de suprir a carência dos surdos em diferentes contextos. Neste estudo não fazemos uma tradução de termos da História do Brasil para a Libras, mas de um estudo da relação entre signo, significado e conceito na língua de sinais e no Português dos termos correspondentes, pois, conforme Rey (2001), a terminologia só pode ter sentido como um resultado do confronto com muitas posições mais ou menos teorizadas sobre a língua e os signos. Para a formação de sinais-termo na Libras buscamos o resultado do confronto das posições teóricas da terminologia disponíveis na Língua Portuguesa e na Libras.

As seleções léxicas efetuadas impostas pelo sujeito de acordo com a motivações extralinguísticas orientam o processo de produção do discurso. Ao mesmo tempo em que o enunciado apresenta elementos léxicos e a produção retórica da história, apresenta o resultado de uma lógica que envolve fatores extralinguísticos.

As definições dos termos da História do Brasil são construídas com base em conceitos extraídos de bibliografia especializada propostas e constituídas pelas séries discursivas de Lilian Schwarcz (2010, 2015), Leandro Karnal (2004), Mary del Priori (2010), Lúcia Bastos Neves (2002), Ronaldo Vainfas (2008), Boris Fausto (1930), Raimundo Faoro (1958), Hilário Franco Júnior (1998), Angélica Madeira (2005), em que as interdições não funcionam da mesma maneira ao se referirem ao mesmo evento e fatos históricos: são enunciados heterogêneos que emanam de grupos sociais distintos. Isso significa que, à medida que o

historiador fala sobre a reconstrução dos fatos, depara com determinadas ideologias que são inerentes as suas posições políticas e sociais. Essa constatação foi motivada por meio das análises historiográficas para as definições dos termos do glossário proposto.

O termo, conforme dissemos na Introdução (FAULSTICH, 2012), é uma “palavra simples, composta, símbolo ou fórmula que designam conceitos”<sup>2</sup> de determinadas áreas especializadas, também chamado de unidade terminológica. Ainda, segundo a autora, para distinguirmos um termo do léxico comum, é necessário observarmos a “forma linguística que representa uma dada noção” (FAULSTICH, 1997, p. 47) numa área do conhecimento científico ou técnico. Inferimos, pois, que os termos da História são provenientes das construções discursivas, resultantes de uma profunda reflexão que passa por todo processo investigativo, perpassa pela operação intelectual reflexiva, faz correspondência com as estruturas mentais da língua e se constituem em unidades semânticas.

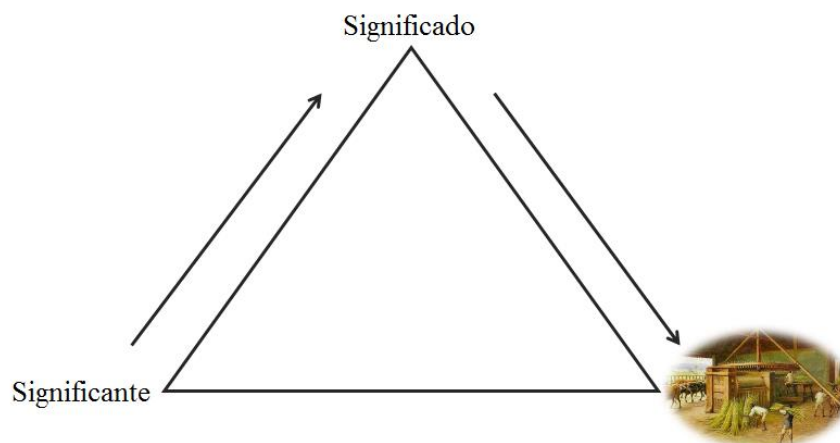
A Linguística recolherá os produtos de um processo sistêmico mental, constituído por um sistema de significação. Nesse sentido, a Linguística empreende um estudo científico de produtos, que estão registrados em um edito, uma lei, um decreto, uma declaração de guerra, uma carta, um relato de naufrágio ou de descobertas de além-mar, documentado com palavras. Para G. Matoré (1953 apud ROBIN, 1973, p. 41), a lexicologia na história “tem por objetivo o vocabulário das sociedades passadas”.

Todo processo de elaboração linguística é da ordem do conhecimento passa pelo cognitivo. O percurso mental produz um vocábulo que na História está impregnado de sentido e significado conceitual com função de demonstrar um determinado evento histórico vivido pela sociedade. Esse vocábulo para a teoria de Saussure é o signo linguístico entendido como uma “entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2012, p. 106). Na Libras, as duas faces são definidas por Saussure pela união entre conceito e imagem acústica. O conceito é a representação mental que prepara um objeto para receber a definição. A imagem acústica é a representação natural de nível psíquico da palavra, ou seja, a projeção mental da imagem/ideia da palavra ou do sinal produzido. Como demonstração há o vocábulo *engenho*, que tem como imagem acústica a ideia característica mental e conceito de propriedade onde se produzia açúcar. Para Richards e Ogden (1972 apud CARVALHO, 2003, p. 33a), há um terceiro elemento na constituição do signo de Saussure: a coisa significada conforme a Figura 3.

---

<sup>2</sup> FAULSTICH, E. **Nota Lexical**. Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm. Disponível em <http://www.centrolexterm.com.br/#!notas-lexicais/c22tu> . Acesso em 07 mar. 2016.

**Figura 3** – Adaptação da estrutura representativa de Saussure.



Fonte: Adapt. de CARVALHO, 2003; p. 33.

A figura de um *engenho* conforme a representação seria, para Richards e Ogden (1972), a coisa representada. Embora o esquema contemple as ideias de Saussure, com o termo *engenho*, conseguimos remeter à imagem concreta às propriedades rural onde se produzia açúcar na América Portuguesa. Entretanto, em termos como *movimento histórico* que são altamente abstratos ou *colonização* que apresenta ação processual, notamos que a coisa significada na Libras possui princípio na relação não-arbitrária entre forma e função. Com base nessas ideias, conduzimos nossa investigação com vistas a que a compreensão da história pelos estudantes Surdos possa ser feita pelos recursos que a língua de sinais oferece.

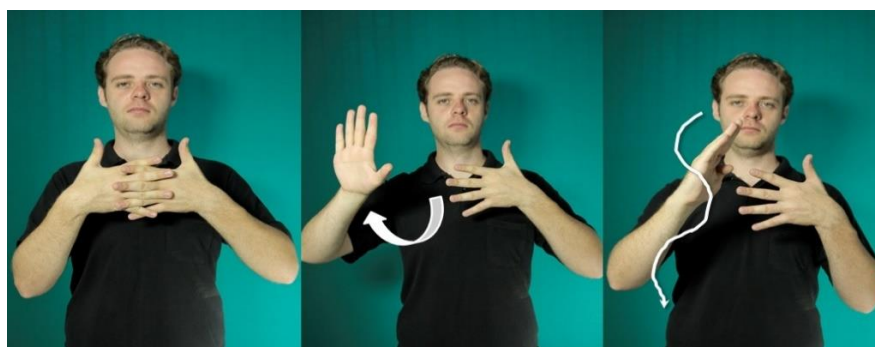
Ao descrever a terminologia na Língua Portuguesa e na Libras, é importante estabelecer o contexto de uso entre *termo* e *sinal-termo*. O *termo* é o léxico especializado utilizado em áreas técnicas, como a História do Brasil. Já *sinal-termo* é uma expressão criada por Faulstich (2012) que aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras (2012)*. Essa distinção entre termo e sinal-termo está no nível da modalidade da língua em que o *termo*, no Português, refere-se à palavra como elemento ou unidade linguística significativa que designa, conforme a autora, os conceitos de áreas do conhecimento específico.

Nem sempre os conceitos serão remetidos a uma coisa concreta conforme apresentam Richards e Ogden (1972) como ocorre com os sinais-termo, mas estarão unidos a contextos socioculturais não concretos por meio dos quais, por questões imagísticas confundidas com iconicidade, os usuários da Libras estabelecem relações visuais entre o objeto e o conceito.

De acordo com os estudos da criação dos sinais-termos no LabLibras, conforme o exemplo do termo do português *Independência do Brasil*, apresentado na Figura 4, percebemos

uma arbitrariedade, ou seja, não há relação preexistente entre o conceito do “movimento político elitista para a ruptura com Portugal” (DEL PRIORE, 2010, p. 164) e o significado semântico do sinal, conforme a Figura 4. Ao constituir erroneamente associação semântica com a obra de Pedro Américo, como podemos observar na Figura 6, comumente o sinal é utilizado pelos falantes da língua de sinais. A independência brasileira não se deu por um movimento popular ou uma revolta contra a metrópole, como apresenta a obra *O Grito do Ipiranga* na Figura 5, mas por um movimento estritamente político que envolveu poucos personagens.

**Figura 4** – Sinal-termo de “Independência do Brasil”.



Fonte: Felten (2016).

**Figura 5** – Imagem da obra *O Grito do Ipiranga*.



Fonte: Pedro Américo: Óleo sobre a tela, 415 cm × 760 cm, Museu Paulista da USP (1888).

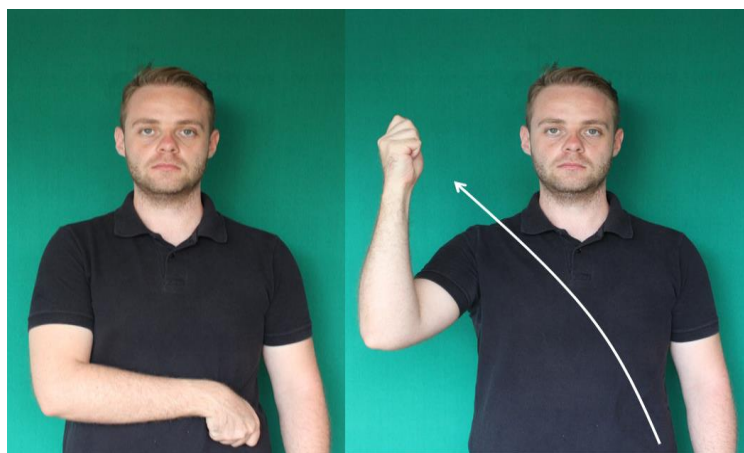
A definição de *Independência do Brasil* é a parcela semântica do processo histórico. A definição, em princípio, pode parecer limitada. No entanto, ela significa um processo complexo em uma ciência subjetiva e que está em constante revisão, mas possui condições de remeter ao cerne do conceito do significante. Assim, a forma e o conteúdo do sinal estão no âmbito conceitual, ou seja, a forma de representação mental. Desse modo, a definição do termo acima



exemplificado é, portanto, a interpretação simples e racional do conceito complexo e subjetivo, porém possui condições de manter o percurso histórico do processo da construção do conceito que tem por significante o sinal-termo correspondente ao significante do português, a manter, assim, a arbitrariedade do signo linguístico apresentada por Saussure.

Isso quer dizer que o sinal atual de *Independência do Brasil*, sinalizado na Libras conforme a Figura 6, faz referência à obra criada por Pedro Américo, como vimos na Figura 5. Percebemos que o sinal é motivado substancialmente por questões estéticas ou imagísticas, o que é diferente da iconicidade cognitiva, visto que, o signo interpretante produto da mente, estruturado a partir da construção de conceitos adquiridos no ensino da História do Brasil, são assimilados no nível mental da língua.

**Figura 6** – Léxico comum do sinal de “Independência do Brasil”.



Fonte: (FELTE, 2016)

Como podemos observar, a associação do signo ao objeto, o sinal apresentado na Figura 6 não é arbitrário, ou seja, é motivado e possui intenção estética instituída ao longo do tempo por uma assimilação cultural. Tal objeto, no caso o termo *Independência do Brasil*, consiste em formas manuais simbólicas que representam a finalidade ou um momento crucial do processo da independência do Brasil.

Os estudos da terminologia favorecem a construção de conceitos que nortearão a criação de sinais-termo na Libras e exigem do terminólogo arcabouço teórico e método de pesquisa elaborado, pois estas reflexões exigem a aplicação da terminologia que estuda a forma e o conteúdo dos termos nas linguagens utilizadas em áreas de especialidade, no caso, a História do Brasil. O estudo empreendido por essa pesquisa refere-se à forma e o conteúdo dos termos com base nos significados que adquirem pragmaticamente em linguagens de especialidade

organizadas sob a forma conceitual do português a fim de resultar sinais-termo correspondentes na Libras.

Assim, em termos linguísticos, os sinais na Libras são elementos linguísticos que comportam um significado. Nesse sentido, a terminologia como disciplina que estuda o léxico de especialidade, a organização de glossários e dicionários e a elaboração de definições é a disciplina ideal que auxilia a articulação de conceitos dos termos da área da História do Brasil. Não temos a pretensão de explorar, construir e justificar o enredo social e histórico, mas de desenvolver um instrumento que visa a organização de termos, sistematiza e esclareça os conceitos dos fatos e eventos históricos. Deste modo, a história (do Brasil) contribuirá com a Linguística, pelo arcabouço discursivo motivado por relatos ordenados individuais, motivados por um sistema de signos sistematizados, produto que o indivíduo adquire passivamente por meio da língua.

### 1.3. AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS QUE COMPÕEM O VOCABULÁRIO DA HISTÓRIA

Para a análise realizada de determinadas obras dicionarísticas da área da História, levamos em consideração aquelas que se intitulam dicionários terminológicos que integram o léxico das Ciências Humanas, grande área científica em que a História do Brasil está incluída. Para isso, aplicamos critérios de análise teórico-linguísticos como ponto de partida para que possamos identificar se as obras seguem o modelo lexicográfico tradicional ou seguem um método de descrição em narrativas textuais, inerentes à experiência discursiva das Ciências Humanas.

A proposta desta investigação é a elaboração de um glossário de termos técnicos, dessa forma, é elementar que façamos a distinção entre glossário e dicionário. Conforme Faulstich (2010), o dicionário de terminologia apresenta os termos de uma ou de várias áreas científicas ou de áreas técnicas, disposta em ordem sistêmica ou em ordem alfabética. Já um glossário apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência do termo.

O que distingue, segundo a autora, um dicionário de terminologia de um glossário é principalmente a quantidade de termos que um ou outro contém, de acordo com as finalidades de informação do conhecimento terminológico a serem repassados em conformidade com o público alvo. Assim, um “dicionário compila uma grande quantidade de termos, ao passo que

um glossário lista uma quantidade menor” (FAULSTICH, 2010, p. 178). Outros autores como Haensch et al (1982, p. 145) inferem que

El conjunto de los términos técnicos de una ciencia, profesión u outra actividad humana (por ejemplo, deportes, caza, pesca) constituye su terminología. Hoy, la mayoría de los diccionarios técnicos (monolingües o plurilingües) son diccionarios terminológicos.

Ao utilizarmos o auxílio de obras que compõem o léxico da História para as definições dos termos do glossário proposto nesta pesquisa, observamos que há imprecisões entre as obras analisadas sob a perspectiva lexicográfica dado que, supostamente, os autores, editores e organizadores das obras selecionadas não são dicionaristas ou terminólogos ou não participam de grupos de pesquisa na área dicionarística ou de terminologia.

O **roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos** (FAULSTICH, 2011, p. 182) foi adotado para evidenciar o caráter das obras escolhidas e fundamentar o modelo de glossário proposto por esta pesquisa segundo os critérios da lexicografia canônica.

Avaliamos 4 dicionários, a saber: i) Novo Dicionário de História do Brasil Iustrado, das Edições Melhamentos (1971); ii) Dicionário do Brasil Joanino: (1808 – 1821), de Vainfas e Neves (2008); iii) Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, de Azevedo (2012); iv) Dicionário de Ciências Humanas, de Dortier (2010); e Dicionário de História do Mundo, de Wright e Law (2013). A seguir, apresentamos as avaliações das obras selecionadas com enumeração sequencial. Antes disso, apresentamos o modelo de **roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos**, vazio, para que seja conhecido o conteúdo da avaliação.

## **ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS**

Título:

Autor:

Editora:

Edição:

Data:

Local de publicação:

Volume (s):

Epígrafe:

### **1. Sobre o autor**

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

### **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

### **3. Sobre a apresentação material da obra**

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

3.11. A obra possui ampla divulgação?

#### 4. **Sobre o conteúdo**

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas etc.?

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

b) gênero?

c) sinonímia?

d) variante(s) da entrada?

e) variante(s) da definição?

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

g) marcas de uso? Como se classificam?

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

j) equivalente(s)?

k) formação da palavra?

l) indicação de pronúncia?

m) origem e etimologia?

n) divisão silábica?

o) nomenclatura científica?

p) remissivas úteis entre conceitos?

q) fontes?

r) notas?

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

## **5. Sobre a edição e publicação**

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

### ***1.3.1 Avaliação do Novo Dicionário de História do Brasil Ilustrado (MELHORAMENTOS, 1971)***

#### **Roteiro para avaliação de dicionários**

**Título:** Novo Dicionário de História do Brasil Ilustrado.

**Autor:** Departamento Editorial das Edições Melhoramentos

**Editora:** Edições Melhoramentos

**Edição:** 2ª edição, revista.

**Data:** 1971

**Local de publicação:** São Paulo

**Volume(s):** 1

#### **1. Sobre o autor**

##### **1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?**

Não. A obra Novo Dicionário de História do Brasil Ilustrado é uma edição de 1971, cuja organização geral se deu pelo Departamento Editorial das Edições Melhoramentos de São Paulo e teve como colaboradores alguns historiadores como Myriam Ellis, Laima Mesgravis e Odilon Nogueira de Matos e contou com o auxílio do dicionarista Ubiratan Rosa, autor de alguns dicionários como Dicionário Rideel – Língua Portuguesa e Dicionário Rideel Português-Espanhol-Português.

##### **1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?**

Não há informações na obra.

### **1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?**

O grupo de colaboradores do dicionário são compostos por historiadores.

### **1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?**

A organização geral é de responsabilidade da Editora Melhoramentos e o grupo de consultores são historiadores.

## **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

### **2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:**

#### **a) os objetivos da obra?**

O Novo Dicionário de História do Brasil visa as necessidades dos estudantes brasileiros da época e previu ir além dos temas mais amplos da formação escolar. Buscou definições de termos da História do Brasil que caracterizam a realidade histórica e sociológica do país no início da década de 70 do século XX. Alguns verbetes que definem os termos *Ciclo da Borracha*, *Ciclo da Mineração* e *Ciclo do Açúcar*, apresentam a maneira em que a história econômica do Brasil era ensinada nas escolas, isto é, em ciclos sucessivos. Embora ainda existam resquícios desse aspecto hoje nas salas de aula e em livros didáticos, várias pesquisas de cunho histórico apontam para uma continuidade dessas atividades econômicas e não simplesmente a interrupção de uma em detrimento da outra. Isso significa que elas coexistiram e que podemos considerar ainda outras atividades em menor escala.

#### **b) o público para o qual o conteúdo se dirige?**

Para a Editora Melhoramentos, o Novo Dicionário é destinado para estudiosos da História do Brasil e também para outros consulentes que queiram conhecer a natureza dos fatos históricos brasileiros.

#### **c) há informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?**

Sim. O dicionário apresenta um caminho pelo qual o consulente poderá percorrer para chegar ao objetivo alcançado, conforme apontado na *Apresentação* da obra. A Editora Melhoramentos

informa sobre os verbetes dos termos, não nomes, da seguinte maneira (MELHORAMENTOS, 1971, p. 07):

Para complementar a informação, usaram-se com prodigalidade as referências cruzadas (remissivos), geralmente indicados por v. (ver, veja, vide), quando não pelo título completo do artigo ou verbete que mantém conexão com aquele ou aqueles onde são indicados. Usou-se o mesmo recurso para evitar repetições fastidiosas.

Por ser um dicionário de História, não biográfico, mas com grande número de verbetes de nomes próprios, a obra apresenta informações que esclarecem o leitor sobre envolver os personagens da História do Brasil e a maneira do consulente procurá-lo (ibid., 1971, p. 07):

Não poucas vezes um personagem importante da História aparece, com seu nome, em verbete pequeno, como no caso, por exemplo, de Martim Afonso de Sousa. Seu verbete biográfico é relativamente curto. Isto se explica pelo fato de Martim Afonso de Sousa figurar em outros verbetes de temas da História do Brasil. Finalmente, nem sempre o verbete é consignado segundo o último nome do personagem. Exemplo: *Alves*, Antônio de. Adotou-se o critério de registrar ambos os nomes por que é mais conhecida a figura histórica, no caso, *Castro Alves*, Antônio de. Neste particular deve o consulente procurar o personagem sempre pelo sobrenome mais conhecido.

#### **d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?**

Não há referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*.

### **2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?**

Há, ao final do dicionário, uma tábua de temas correlatos com bibliografia específica e indicação de temas que se interrelacionam.

## **3. Sobre a apresentação material da obra**

### **3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?**

Não há prefácio redigido por personalidade da área de dicionarística.

### **3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?**

As palavras-entradas do verbete estão adequadas para a consulta e estão em letras maiúsculas e negrito. A fonte da entrada é maior em relação as outras informações do verbete e o espaçamento é simples entre as linhas.

### **3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?**



Esta obra apresenta as ilustrações condizentes com a estrutura informacional do dicionário, ou seja, claras, algumas coloridas com páginas destinadas para cada uma e as suas respectivas referências (ibid., 1971). Além disso, a obra possui índice de pranchas, seus autores e a página onde as imagens históricas e mapas se encontram, porém não há lista de abreviaturas, os editores preferiram utilizar abreviaturas seguidas das suas referências no corpo do texto, além de possuir formato que favorece seu manuseio prático e fácil.

### **3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?**

O *Nôvo Dicionário de História do Brasil* possui os caracteres e fonte das letras adequados para a leitura, bem como a distribuição uniforme nas margens do texto.

### **3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?**

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética e em negrito com os caracteres maiúsculos, por exemplo: **ABDICAÇÃO DE D. PEDRO I** (p. 12), **ABERTURA DOS PORTOS** (13), **CABANAGEM** (p. 119).

### **3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?**

A obra contempla apenas a Língua Portuguesa.

### **3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?**

Embora a obra seja grande, com capa dura e apresente folhas amarelados por conta do tempo, o formato e a organização interna da obra permitem ao consulente manuseio prático e fácil, porque está dividido em ordem alfabética e o tamanho dos caracteres são adequados para a leitura dos verbetes. Além disso, a obra possui bom estado de uso.

### **3.8. A obra está editada em suporte informatizado?**

A edição encontra-se apenas impressa, sem suporte informatizado.

### **3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?**

O dicionário é médio, com brochura de acabamento em capa de papelão, o que garante sua durabilidade. O miolo é composto de papel com gramatura maior a outros materiais mais

comumente utilizados em obras de mesma natureza, com aparência amarelada devido ao tempo de publicação.

### **3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?**

A obra possui índice de pranchas, que são as listas dos autores e páginas onde as imagens históricas e mapas se encontram, entretanto, não há lista de abreviaturas. Os editores preferiram utilizar abreviaturas dos itens remissivos como V. (ver, veja, vide) e seguidas das suas referências no corpo do texto.

### **3.11. A obra possui ampla divulgação?**

A obra encontra-se esgotada na Editora e não está disponível em livrarias para venda. Entretanto, pode ser encontrada em bibliotecas que possuam acervos com publicações mais antigas.

## **4. Sobre o conteúdo**

### **4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?**

As entradas do *corpus* do *Novo Dicionário de História do Brasil* não apresentam neologismos ou palavras derivadas, embora configurem de modo completo a área à qual se referem.

### **4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?**

Sim, apresentamos entradas de nomes próprios e termos da História do Brasil. A natureza desta questão está esclarecida na *Apresentação* do dicionário.

### **4.3. Os verbetes apresentam:**

#### **a) categoria gramatical?**

Não contém categoria gramatical.

#### **b) gênero?**

Não contém gênero gramatical.

#### **c) sinonímia?**

Não há sinonímias.

**d) variante (s) da entrada?**

Foram encontradas algumas variantes como **BANDEIRAIRAS** (p. 77) para os termos **BANDEIRAS E ESTRADAS** (p. 250) e **BLOQUEIO** (p. 100) para o termo **BLOQUEIO CONTINENTAL** (p. 100).

**e) variante (s) da definição?**

Não possui variante da definição.

**f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?**

Não há critérios para distinguir homonímia de polissemia.

**g) marcas de uso? Como se classificam?**

Não há marcas de uso.

**h) indicação de área ou subárea de especialidade?**

Não há indicação de área ou subárea de especialidade.

**i) contexto? (exemplo ou abonação?)**

Não há contexto.

**j) equivalente (s)?**

Não há equivalente (s).

**k) formação da palavra?**

Não há informações sobre formação da palavra.

**l) indicação de pronúncia?**

Não há indicação de pronúncia por se tratar de um dicionário terminológico de História do Brasil. Os autores partem do princípio que os leitores conhecem a pronúncias das palavras do português.

**m) origem e etimologia?**

Não apresenta origem, nem etimologia.

**n) divisão silábica?**

Não há divisão silábica.

**o) nomenclatura científica?**

A obra é composta de nomenclatura que contempla a área da História do Brasil por se tratar de um dicionário terminológico.

**p) remissivas úteis entre conceitos?**

Observamos que essa estrutura de remissiva é construída conforme o campo semântico do termo *Invasões Francesas* remonta às incursões da França à costa do Brasil, bem como as tentativas de colonização nas costas do Sergipe (ibid., 1971, p. 284) de acordo com as definições de *França Antártica* e *França Equinocial*. Os verbetes subsequentes são remissões por conter informações a respeito da presença dos franceses na América Portuguesa. Contudo, entre as definições dos termos apresentados, não há relação hierárquica entre os termos que podem ter o estatuto de hiperônimo e hipônimo conforme apresenta Faulstich (1995), de modo em que os termos de remissivos estabelecem relação conceitual com o significado da entrada.

**q) fontes?**

Não há fontes nos verbetes.

**r) notas?**

Não há notas.

**4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?**

O *Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado* é composto por artigos que explicam as entradas, mas que não se caracterizam como uma definição. No exemplo do verbete *Noite das Garrafadas*, tendo em vista que “as definições são, por regra, constituídas de um enunciado de uma frase só” (FAULSTICH, 2011, p 195).

**4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?**

Os artigos dos verbetes do dicionário fornecem acesso descomplicado ao consulente que está inserido no contexto das séries finais da Educação Básica, consulentes do Ensino Superior e outros que queiram consultar a obra.

## **5. Sobre a edição e publicação**

### **5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?**

Sim, a fins didáticos, visando a necessidade dos estudantes.

### **5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?**

Escolas de ensino médio principalmente, e universidades para cursos de Ciências Humanas.

### **1.3.2 Avaliação do Dicionário Do Brasil Joanino: (1808 – 1821) (VAINFAS, 2008)**

**Título:** Dicionário do Brasil Joanino: (1808 – 1821).

**Autor:** Ronaldo Vainfas & Lúcia Bastos Pereira das Neves (organizadores).

**Editora:** Editora Objetiva Ltda.

**Edição:** 1<sup>a</sup>

**Data:** 2008.

**Local de publicação:** Rio de Janeiro

**Volume(s):** 1.

## **1. Sobre o autor**

### **1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?**

Não. Vainfas é elaborador de outras duas obras que compõe o léxico da História do Brasil, o Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808 (2000) e o Dicionário do Brasil Imperial: 1822-1889 (2002). Lúcia Bastos Pereira das Neves participou apenas desta edição sob análise.

### **1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?**

Os autores não participam de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia.

### **1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?**

Ambos organizadores do Dicionário do Brasil Joanino: (1808 – 1821) são historiadores e possuem pesquisas na área da História do Brasil.

#### **1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?**

Ronaldo Vainfas é professor da Universidade Federal Fluminense - UFF e Lúcia Bastos Pereira das Neves é professora de História Moderna na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.

## **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

### **2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:**

#### **a) os objetivos da obra?**

O Dicionário do Brasil Joanino objetivou, em primeiro plano, lançar uma edição comemorativa da Chegada de D. João e da Família Real ao Rio de Janeiro e, em segundo plano, alcançar professores e pesquisadores da História do Brasil.

#### **b) o público para o qual o conteúdo se dirige?**

O conteúdo do dicionário pretende alcançar professores, pesquisadores da História do Brasil e o público que queira conhecer mais sobre a História do Brasil. À vista disso, os organizadores justificam na *Introdução* da obra a importância da bibliografia analisada e oferta (VAINFAS, NEVES, 2008) de um instrumento de consulta para pesquisadores e professores de história; também procuram atender a todos os interessados na História brasileira, sobretudo no papel central que nela desempenhou a cidade do Rio de Janeiro. Afinal, convém que o Rio de Janeiro se tornou capital do vice-reino do Brasil em 1763; manteve-se como capital do império brasileiro no século XIX e conservou a posição de capital da República até 1960.

#### **c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?**

Não há informações sobre como consultar o dicionário, entretanto, na *Introdução* da obra, os organizadores informam o leitor sobre o que levaram em consideração para a elaboração dos verbetes como conceitos, estrutura e processos históricos; as instituições criadas no Rio de Janeiro em detrimento da vinda da Família Real; os episódios históricos após a permanência da Corte; e as personagens ligados a política, economia e artes em geral. Essas informações, ao que tudo indica, são relevantes para situar o consulente e evidenciar a finalidade da obra.

#### **d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?**

Não há referências bibliográficas de onde fora extraído o *corpus* do dicionário.

#### **2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?**

Não há bibliografia justificada pelos organizadores. Ao final da obra, há os créditos das imagens utilizadas no dicionário.

### **3. Sobre a apresentação material da obra**

#### **3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?**

O prefácio foi redigido pela Comissão Organizadora da obra.

#### **3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?**

A tipologia empregada foi Times New Roman 10. O tamanho da fonte, o espaçamento entre letras e linhas facilitam a leitura dos verbetes. Como os organizadores justificam que a obra é destinada para pesquisadores, professores de história e todos os interessados na História Brasileira, consideramos a família tipográfica adequada.

#### **3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?**

Nas vastas explicações dos 150 verbetes da obra, encontramos informações como documentos históricos na palavra entrada *Abertura dos Portos* (2008, p. 19), pinturas de Debret (2008, p. 159) em *Fazenda de Santa Cruz* ou imagens históricas de Antônio de Domingos Siqueira na entrada *Rio de Janeiro* (2008, p. 393), o que o caracteriza como dicionário ilustrado, conforme podemos verificar a posição da imagem histórica como ilustração do verbete *Transmigração da corte* (VAINFAS; NEVES, 2008, p. 426-427).

#### **3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?**

Sobre a apresentação material da obra observamos que as utilizações dos recursos gráficos estão de acordo com a obra proposta, todavia, as definições dos verbetes não possuem distribuição uniforme entre as margens do texto, o que não propicia bordas nítidas e limpas. Além disso, o tamanho da letra das remissivas e da bibliografia, como podemos notar no final do verbete, são

menores que a fonte dos outros campos do verbete, o que pode passar despercebido pelo consulente.

### **3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?**

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética.

### **3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?**

A obra analisada não possui características de um dicionário de língua. Contempla apenas a Língua Portuguesa.

### **3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?**

Sim. A obra é de tamanho médio e permite manuseio prático e fácil.

### **3.8. A obra está editada em suporte informatizado?**

Não.

### **3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?**

O dicionário é médio, com brochura de acabamento em capa mole, atributos que garantem sua durabilidade.

### **3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?**

Os autores não apresentam uma lista de abreviações e de símbolos. Quando há esses recursos, os autores selecionados para a explicação da palavra-entrada justificam no corpo do texto.

### **3.11. A obra possui ampla divulgação?**

Sim. A obra pode ser encontrada em bibliotecas e, algumas edições, estão disponíveis em livrarias para venda.

## **4. Sobre o conteúdo**

### **4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?**



Os autores, ao organizarem o Dicionário, deram a oportunidade para outros pesquisadores escreverem sobre os artigos dos verbetes do *corpus* escolhido, motivo pelo qual podemos perceber, falta de explicações conceituais dos termos, mas extensas narrativas sobre os termos e nomes que compõe a obra, estruturas e processos históricos que molduram a vinda da família real ao Brasil, como as instituições fundadas pelo príncipe regente para a capital do império luso-brasileiro, os episódios históricos como a abertura dos portos às nações amigas ou a elevação do Brasil à condição de Reino Unido, e alguns personagens ligados à política, economia e artes, incluindo Dom João VI, Carlota Joaquina e Dom Pedro I. Não há neologismo e nem palavras derivadas registradas.

#### **4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?**

A referência a áreas de especialidade corresponde aos nomes próprios e aos termos da História do Brasil. A natureza desta questão está esclarecida na *Introdução* do dicionário.

#### **4.3. Os verbetes apresentam:**

##### **a) categoria gramatical?**

Não apresentam categoria gramatical.

##### **b) gênero?**

Não apresentam gênero gramatical.

##### **c) sinonímia?**

Não apresentam sinonímia.

##### **d) variante (s) da entrada?**

Não apresentam variante (s).

##### **e) variante (s) da definição?**

Embora o Dicionário não apresente informações sobre variantes conforme a estrutura canônica lexicográfica, alguns verbetes apresentam variantes no corpo do texto das definições, como no caso da entrada **Reino Unido** (p. 386) que possui o mesmo valor semântico do termo **Reino**

**Unido de Portugal e Algarves** (p. 386), encontrado na definição. O mesmo acontece com a entrada **Cortes Portuguesas** (p. 110) que possui como variante o termo **Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa** (p. 110).

**f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?**

Não existem critérios para distinguis homonímia de polissemia.

**g) marcas de uso? Como se classificam?**

Não há marca de uso.

**h) indicação de área ou subárea de especialidade?**

A obra possui a história do Brasil império como área de especialidade.

**i) contexto? (exemplo ou abonação?)**

Não são registrados contextos.

**j) equivalente(s)?**

Não são registrados equivalentes.

**k) formação da palavra?**

Não são registradas informações sobre a formação de palavras.

**l) indicação de pronúncia?**

Não existem indicações de pronúncia.

**m) origem e etimologia?**

Não há registro sobre a origem e a etimologia dos termos.

**n) divisão silábica?**

Não é apresentada a divisão silábica.

**o) nomenclatura científica?**

A nomenclatura científica não é apresentada.

**p) remissivas úteis entre conceitos?**

Observamos que as remissões seguem a mesma coerência organizacional encontrada no Dicionário ao completarem a definição dos termos, porém, eles se apresentam numa relação não necessariamente hierárquica dos termos nas definições com o estatuto de hiperônimo e hipônimo, como podemos notar no verbete *Movimento Constitucionalista de 1821*, em que o autor remete aos termos *Cortes portuguesas*, *D. Pedro*, *Emancipação política*, *Revolução do Porto* (2008, p. 343) nesses verbetes, por exemplo, há relações significativas comuns, mas não são distribuídas hierarquicamente conforme a definição canônica mais frequente em dicionários tradicionais, “cuja primeira preocupação é dizer o que é aquilo que se exhibe sob a representação de uma palavra” (FAULSTICH, 2014, p. 381).

**q) fontes?**

Não mencionado.

**r) notas?**

Não mencionado.

**4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?**

Não. Há explicações extensas, como podemos observar no verbete do temo *Movimento Constitucionalista de 1821* (p. 340-343). Usar o termo definição não é adequado, tendo em vista o modelo canônico da definição, conforme aponta Faulstich (2014).

**4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?**

A linguagem utilizada pelos organizadores alcança o nível de discurso do usuário, tendo em vista que o público que se destina a obra, como foi apresentado, são professores, pesquisadores e demais interessados na História do Brasil.

**5. Sobre a edição e publicação**

**5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?**

De um lado, os pontos negativos da obra são: i) verbetes extensos sem explicação dos critérios de seleção dos termos; ii) falta de informações consistentes sobre a utilização da obra; iii) ausência de lexicógrafos para compor a obra; iv) margens dos verbetes não justificadas; v) caracteres das remissivas e da bibliografia menos que os outros campos do verbete; vi) grande número de verbetes de nomes de personagens.

Por outro lado, a proposta do Dicionário do Brasil Joanino em promover uma obra em comemoração aos 200 anos da chegada da Família Real portuguesa no Brasil é primorosa. Apesar de ter muitos nomes num dicionário terminológico, os personagens escolhidos e justificados pela Comissão de Elaboração são pouco conhecidos, o que faz com que o público conheça esses agentes. Diante do que apresentamos, recomendamos a edição e a publicação da obra, por ser importante para os estudos da História do Brasil.

## **5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?**

Universidades e escolas de Ensino Médio no Brasil.

### **1.3.3 Avaliação do Dicionário de Ciências Humanas (DORTIER, 2010)**

**Título:** Dicionário de Ciência Humanas.

**Autor:** Jean-François Dortier (direção).

**Editora:** Editora WMF Martins Fontes.

**Edição:** 1ª edição.

**Data:** 2010.

**Local de publicação:** São Paulo.

**Volume(s):** 1

## **1. Sobre o autor**

### **1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?**

Não. Jean-François Dortier é elaborador do dicionário analisado e de outra obra intitulada *O Dicionário de Ciências Sociais*, publicada em 2013.

### **1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?**

Dortier não faz parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia.

### **1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?**

Jean-François Dortier é sociólogo fundador e diretor da publicação de revistas científicas como, por exemplo, a *Le Cercle Psy*<sup>3</sup>, mídia on-line e extensão trimestral de pesquisa em psicologia.

### **1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?**

A profissão exercida na época da publicação da obra em análise não foi mencionada na obra.

## **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

### **2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:**

#### **a) os objetivos da obra?**

O dicionário sob análise pretende, segundo Dortier, estar aberto não exclusivamente aos conceitos, aos autores e às teorias tradicionais das ciências humanas, mas também ao que é novo. E acrescenta no prefácio da obra que (2010)

ao lado dos grandes domínios como o trabalho, a família, o indivíduo, o Estado, encontrar-se-ão novos campos de exploração: a identidade, a vida cotidiana, a sexualidade, o reconhecimento [...]. Ao lado de disciplinas clássicas como a antropologia, a sociologia e a história, encontraremos a psicologia evolucionista, os *cultura studies*, as neurociências, a arqueologia e a bioética. Ao lado das grandes figuras – Sigmund Freud, Karl Marx, Bronislaw K. Malinowski e Michel Foucault -, encontraremos aqueles cujos nomes e obras fazem as ciências humanas da atualidade.

#### **b) o público para o qual o conteúdo se dirige?**

O autor não especifica para que público que se dirige o conteúdo do Dicionário de Ciências Humanas. Dortier, em seu *prefácio*, aponta o público em geral, e não especifica os possíveis consulentes da obra.

#### **c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?**

Não há na macroestrutura da obra informações sobre como consultar o Dicionário de Ciências Humanas.

<sup>3</sup> Disponível em < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Fran%C3%A7ois\\_Dortier](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Fran%C3%A7ois_Dortier)>. Acesso em 28 jan. 2016.

**d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?**

Não há registro sobre a extração do *corpus* para compor a obra.

**2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?**

Não há informações sobre a bibliografia de consulta pelo autor.

**3. Sobre a apresentação material da obra****3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?**

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

**3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?**

A família tipográfica da obra é Times New Roman, fonte 11, espaçamento simples entre as linhas do texto do verbete. Outras informações, como as informações complementares da definição que estão em outra seção, a família tipográfica muda para Arial, fonte 11 e espaçamento simples entre as linhas, como na informação complementar sobre “Representação e realidade: ‘Quantos objetos há em cima da mesa’” (p. 521) referente ao termo **Pulsão** (p. 520 -522).

**3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?**

Não há ilustrações na obra.

**3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?**

Os elementos como fonte, caractere e espaçamento facilitam a leitura do consulente e as palavras-entradas são destacadas pelo uso de negrito e estão em caixa alta.

**3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?**

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética e algumas remissivas em ordem sistemática. No verbe *Concorrência*, o autor remete ao termo *Mercado* como remissiva. Isso exemplifica que as remissivas se encontram em ordem sistemática divididas em campos temáticos.

### **3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?**

A obra analisada não possui características de um dicionário de língua. Por ser um dicionário de terminologia, a obra contempla apenas a Língua Portuguesa.

### **3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?**

Sim. A obra é de tamanho médio e permite manuseio prático e fácil.

### **3.8. A obra está editada em suporte informatizado?**

Não.

### **3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?**

O dicionário é médio, com brochura de acabamento em capa dura, atributos que garantem sua durabilidade.

### **3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?**

Quando há recursos de abreviações, há explicação do recurso no corpo do texto. Esses mesmos recursos podem ser encontrados no início da obra na lista de abreviações.

### **3.11. A obra possui ampla divulgação?**

A obra possui ampla divulgação entre pesquisadores, professores, estudantes e aos que se interessam pela área das Ciências Humanas.

## **4. Sobre o conteúdo**

### **4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?**

Algumas entradas contemplam palavras do inglês como os termos *Baby-Boom* (DORTIER, 2010, p. 39), *Big Man* (Id., Ibid., p. 47), *Borderline*, (Id., Ibid., p. 49), *Botton-Up* (Id., Ibid., p. 50), *Cultural Studies* (Id., Ibid., p. 106) *Locus Of Control* (Id., Ibid., p. 367) *Mangement* (Id., Ibid., p. 376) *Underclass* (Id., Ibid., p. 631), entradas do francês como *Collège De France* (Id., Ibid., p. 83), abreviações como *DSM-IV* (Id., Ibid., p. 149), de etimologia do latim como *Habitus* (Id., Ibid., p. 264), *Homo Oeconomicus* (Id., Ibid., p. 277) e *Homo Sapiens* (Id., Ibid., p. 278), de etnologia como *Potlach* (Id., Ibid., p. 506) utilizadas por índios da região noroeste

dos Estados Unidos. E palavras derivadas como *Taylorismo* (Id., Ibid., p. 605) de Charles Teylor e *Fordismo*, (Id., Ibid., p. 222) de Henry Ford.

#### **4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?**

Não há campo no verbete que faça referência a áreas de especialidade. O autor situa o consulente na área técnica dos termos do dicionário, dividindo-os em suas respectivas áreas das Ciências Humanas no corpo do texto explicativo. Percebemos que os conceitos do termo *Funcionanismo* (DORTIER, 2010, p. 232-234) se diferem de acordo com a concepção da área de especialidade, razão pela qual o autor optou por esclarecer o conteúdo do termo e dividi-lo em subáreas.

#### **4.3. Os verbetes apresentam:**

##### **a) categoria gramatical?**

Não há registros da categoria gramatical dos verbetes.

##### **b) gênero?**

Não há registros de gênero gramatical nos verbetes.

##### **c) sinonímia?**

Não há sinonímia para o mesmo conceito na obra.

##### **d) variante (s) da entrada?**

Não foi registrada variante da entrada.

##### **e) variante (s) da definição?**

As variantes da obra, embora não estejam apresentadas conforme a organização canônica lexicográfica precedida de abreviação (*var.*), estão uma sobre a outra separadas por vírgula, como nos termos **Ideologia de Procriação**, **Ideologia Genética** ou especificadas entre parênteses como no termo **Variável (dependente e independente)** (p. 635-636).

##### **f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?**



Não há critérios para distinguir homonímia de polissemia.

**g) marcas de uso? Como se classificam?**

Não há informações sobre as marcas de uso nos verbetes.

**h) indicação de área ou subárea de especialidade?**

A indicação da área, conforme o prefácio da obra, contempla todas as áreas das Ciências Humanas.

**i) contexto? (exemplo ou abonação?)**

Não há registro de contexto no verbete.

**j) equivalente (s)?**

Não há registro de equivalente (s) na obra.

**k) formação da palavra?**

Não há registro de formação de palavra (s).

**l) indicação de pronúncia?**

Não há indicação de pronúncia.

**m) origem e etimologia?**

Não há registro de origem e etimologia nos verbetes.

**n) divisão silábica?**

Não há registro de divisão silábica nos verbetes.

**o) nomenclatura científica?**

Não há informações sobre nomenclatura científica nos verbetes.

**p) remissivas úteis entre conceitos?**

As remissivas do dicionário em questão estabelecem relação com outros verbetes a fim de complementar informações entre conceitos. As remissões podem ocorrer com a premência de remeter a uma palavra que inaugura a definição com o estatuto de hiperônimo e hipônimo que se transformam em outra palavra-entrada para reforçar o conceito do termo anterior. Entretanto, as explicações recorrentes em dicionários terminológicos de cunho enciclopédico não seguem o princípio hierárquico de hiperônimo e hipônimo.

Isso quer dizer que não se inicia o que deveria ser a definição com o termo remissivo *Classe Social*, indicada no final do verbete logo após a Bibliografia. Além disso, o autor remete ao nome *Mendras* – sociólogo francês – e a *Estratificação social* que se enquadram como remissivas sistemáticas. Para mais, Dortier não remete a termos, por exemplo, *grupo social*, *burguesia* ou *luta de classe* para citar alguns que estão indicados no esclarecimento do termo exemplificado.

Além do mais, as remissivas são marcadas com uma pequena seta e em negrito, o que pode confundir o consulente. Seria mais adequado, as remissivas serem marcadas dentro do verbete com V. (Ver ou Veja) ou com Cf. (Conferir), conforme aponta Faulstich (2011, p. 194).

#### **q) fontes?**

Não há informações sobre fontes nas remissivas.

#### **r) notas?**

Não há notas nos verbetes da obra. O que encontramos, durante a análise, foram informações complementares que estão em seção separada do verbete como “Dois casos de afasia” (DORTIER, 2010, p. 7) referente ao verbete cuja entrada é **AFASIA** (Id., Ibid., p. 7).

#### **4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?**

Não. Há explicações extensas como podemos observar no verbete do temo *Classe Média*. Usar o termo definição não é adequado, tendo em vista o modelo canônico da definição, conforme aponta Faulstich (2014).

#### **4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?**

A linguagem utilizada pelos organizadores alcança alguns usuários e não o grande público, de maneira generalizada como declara o autor. Dortier poderia indicar de forma detalhada o

público a que destina a obra como pesquisadores, professores ou estudantes da área das Ciências Humanas, por exemplo.

## **5. Sobre a edição e publicação**

### **5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?**

Recomenda-se a edição e a publicação da obra, já que apresenta conteúdo significativo, além de contemplar uma diversidade significativa e diversificada do léxico existente nas além de contemplar uma diversidade de termos complexos da área das Ciências Humanas.

### **5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?**

O principal ponto de difusão da obra seriam Universidades.

#### ***1.3.4 Avaliação do Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos (AZEVEDO, 2012)***

**Título:** Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos.

**Autor:** Antonio Carlos do Amaral Azevedo; com a colaboração de Rodrigo Lacerda.

**Editora:** Lexikon Editora.

**Edição:** 4.ed., rev. e atual.

**Data:** 2012

**Local de publicação:** Rio de Janeiro.

**Volume(s):** 1

## **1. Sobre o autor**

### **1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?**

Não. Azevedo é elaborador de dicionário e publicou outra obra conhecida como *Dicionário Histórico de Religiões*.

### **1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?**

A obra contou com a revisão de Paulo Geiger, editor executivo das Enciclopédias *Delta-Larousse*, *Delta Universa*, *Barsa*, *Mirador International* e dos dicionários *Koogan-Larousse*, *Caldas Aulete*, *Aurélio* e *Aurélio Digital*<sup>4</sup>.

### **1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?**

Antonio Carlos do Amaral Azevedo, autor da obra, é formado em História, bem como seu revisor, Rodrigo Lacerda.

### **1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?**

O autor lecionava as disciplinas de História Antiga e Medieval como professor visitante na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

### **2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:**

#### **a) os objetivos da obra?**

Nos agradecimentos, é definido o objetivo seguinte para a obra: “(...) estabelecer uma fórmula inovadora e acessível da compreensão histórica, visando a atender à curiosidade e ao interesse não só de estudantes e professores, como ainda dos mais diversificados segmentos da sociedade” (AZEVEDO, 2012, p. 13).

#### **b) o público para o qual o conteúdo se dirige?**

Conforme mencionado, o autor menciona que o público para o qual o conteúdo se dirige são estudantes, professores e diversos segmentos da sociedade.

#### **c) há informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?**

Na seção “OBSERVAÇÕES PARA O MANEJO DO DICIONÁRIO”, explica o modo como se deu a organização dos verbetes, com exemplos sobre como é utilizado o os nomes próprios de países, cidades, pessoas, etc.; de que maneira estão registrados os títulos de obras, citações, palavras e expressões estrangeiras, as datas e remissões.

<sup>4</sup> Informações disponíveis em < <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02586>>. Acesso em 29 jan. 2016.

**d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?**

Sobre a bibliografia de onde foi extraído o corpus, o autor justifica da seguinte maneira: “As características do dicionário e o seu universo tornaram inviáveis o registro das obras, jornais, revistas especializadas, artigos consultados para a feitura dos verbetes” (AZEVEDO, 2012, p. 14).

**2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?**

Não é mencionado.

**3. Sobre a apresentação material da obra****3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?**

Não. O prefácio da 4ª edição, a que está em análise, foi redigida pelos editores. O prefácio da 2ª edição foi escrito pelo Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da UGF e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arno Wehling, e os propósitos da 2ª e 3ª edição foram escritos pelo próprio autor da obra.

**3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?**

Conforme as informações sobre o livro (última página, após os termos da seção “Z”), as tipologias empregadas foram a Meta Bold para a entrada e a LeMonde Livre no corpo dos verbetes, em corpo 8,5/10. O tamanho da fonte, o espaçamento entre letras e linhas, e a impressão nítida, sem manchas ou falhas, são elementos que facilitam leitura. Logo, a família tipográfica é adequada.

**3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?**

Não apresenta ilustrações na obra.

**3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?**

Sim. Ao iniciar cada letra da ordem alfabética, o dicionário indica a letra inicial ao lado direito da folha, em fonte aumentada e em negrito. As palavras-entradas estão em negrito e em caractere maiúsculo maior que a do verbete. Além disso, o autor apresenta uma padronização

na estrutura do verbete, o que dá equilíbrio visual a obra. Ademais, o autor pontua algumas observações sobre o uso do itálico e das aspas (AZEVEDO, 2012, p. 14).

Os títulos de obras foram registrados em letras maiúsculas; as citações, os trechos, as reproduções ou as traduções estão entre aspas. Todas as palavras e expressões estrangeiras vêm em itálico (ex.: *cursus honorum*, *enclosures*, *enragés*), exceto nomes próprios.

### **3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?**

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética.

### **3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?**

O dicionário está apenas em Português. Embora apresente algumas expressões e palavras estrangeiras, a obra dirige-se aos falantes de Língua Portuguesa.

### **3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?**

Sim. A obra é em formato impresso e possui tamanho médio, o que permite manuseio prático e fácil.

### **3.8. A obra está editada em suporte informatizado?**

A obra não está editada em suporte informatizado.

### **3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?**

Sim. A obra está em brochura, o papel do miolo é do tipo offset e a capa é do tipo cartão, o que garante a sua durabilidade.

### **3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?**

Quando há recursos de abreviações, há explicação do recurso no corpo do texto. A obra não possui lista de abreviações, mas, ao consultar o dicionário, o uso do asterisco quando a palavra-entrada na forma exata e quando a entrada se manifesta em um termo remissivo, entre parênteses. Essas considerações estão discriminadas na sessão sobre as “OBSERVAÇÕES PARA O MANEJO DO DICIONÁRIO” (AZEVEDO, 2012, p. 14).

### **3.11. A obra possui ampla divulgação?**

Sim. A obra está disponível para venda em livrarias e pode ser encontrada em bibliotecas escolares e universitárias.

#### **4. Sobre o conteúdo**

##### **4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?**

As entradas contemplam apenas a língua escrita e não há registros do uso da língua oral na composição dos verbetes. Além disso, não há classificações de neologismo. Embora não há registro de palavras derivadas, encontramos os termos **Islamismo** (AZEVEDO, 2012, p. 261) que deriva de **Islã** (Id., Ibid., p. 261), por exemplo.

##### **4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?**

Não há registros das áreas de especialidades nas entradas.

##### **4.3. Os verbetes apresentam:**

###### **a) categoria gramatical?**

Não apresentam categoria gramatical.

###### **b) gênero?**

Não se indica a marcação de gênero gramatical.

###### **c) sinonímia?**

Não apresenta sinonímia.

###### **d) variante (s) da entrada?**

Há poucas variantes na obra. Quando há, ela está em parêntese como no termo **CRACK (DA BOLSA)** (Id., Ibid., p. 131).

###### **e) variante (s) da definição?**

Não apresenta variante da definição.

**f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?**

Não são apresentados critérios.

**g) marcas de uso? Como se classificam?**

Não são apresentadas marcas de uso.

**h) indicação de área ou subárea de especialidade?**

A área de especialidade é a História Geral, conforme aponta o autor na apresentação da 4ª edição.

**i) contexto? (exemplo ou abonação?)**

Não há registro de contexto.

**j) equivalente (s)?**

Os equivalentes aparecem no corpo do texto da definição do verbete e entre parênteses conforme o termo **CRIOULO** (*crioulo*, espanhol, *créole*, francês) (Id., Ibid., p. 133), por exemplo.

**k) formação da palavra?**

Não apresenta formação de palavra.

**l) indicação de pronúncia?**

Não se indica pronúncia. Os autores partem do princípio que os leitores conhecem a pronúncia das palavras do português.

**m) origem e etimologia?**

Não apresenta origem e etimologia.

**n) divisão silábica?**

Não apresenta divisão silábica.

**o) nomenclatura científica?**



Não é registrada nomenclatura científica.

**p) remissivas úteis entre conceitos?**

Os verbetes não apresentam sequência de remissivas. As remissões são chamadas no corpo do texto do verbete como podemos observar no recorte do verbete *Islamismo* em que o autor aponta a remissiva entre parêntese e letra maiúscula (v. Sunitas) para indicar derivação do termo e outra remissiva (Islã\*) sem os parênteses, em letra maiúscula e com um asterisco do lado direito da palavra.

Além disso, observamos que parte das explicações dos termos que compõe o *corpus* do dicionário seguem a ordem hierárquica dos termos que podem ter estatuto de hiperônimo e hipônimo, porém, não estabelece relações remissivas entre esses termos. Isto significa que a primeira palavra utilizada (“termo”) poderia ser utilizada como remissiva com estatuto de hiperônimo entendido como termo geral ou genérico. Assim, sugerimos que as remissivas pudessem estar organizadas no final do verbete com o indicativo ‘Ver’.

**As remissivas possuem a seguinte estrutura:**

**q) fontes?**

Não mencionado.

**r) notas?**

Não apresenta.

**4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?**

Não. Embora o autor mencione que os verbetes estão redigidos de maneira concisa, há explicações extensas que falam sobre o termo para a constituição do verbete. Usar o termo definição não é adequado, tendo em vista o modelo canônico da definição *o que é e para que serve?*, conforme Faulstich (2014).

**4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?**

A linguagem utilizada pelos organizadores alcança alguns usuários e não o grande público, de maneira generalizada como aponta o autor. Dortier (2010) poderia indicar de forma detalhada

o público a que destina a obra como pesquisadores, professores ou estudantes da área das Ciências Humanas, por exemplo.

## **5. Sobre a edição e publicação**

### **5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?**

Sim, embora seja necessária uma revisão que contemple os preceitos técnicos da lexicografia como a posição das remissivas nos verbetes, recomendamos a edição e a publicação da obra.

### **5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?**

Universidades, livrarias, escolas de Ensino Médio.

Os dicionários analisados são descritivos, porque apresentam informação histórica e não de normativa gramatical. Além disso, verificamos que as obras se aproximam do tipo enciclopédico por ampliar informações com artigos bastante longos, sem se preocupar com os critérios práticos da lexicografia, como os campos definidos para a constituição de verbete conforme os dicionários de língua comum. Por isso, as análises indicam que, as obras são, na verdade, dicionários enciclopédicos que são “grandes compilações que expõe os conhecimentos humanos de uma época, ou de uma disciplina científica ou artística, em forma sistemática” (HAENSCH, 1982, p. 110), pois, embora disponham de artigos extensos com informações extralinguísticas, são organizados, basicamente, com as entradas em ordem alfabética, apresentam remissivas e referências bibliográficas, elementos básicos que caracterizam dicionários e enciclopédias.

## **CAPÍTULO 2 – HISTÓRICO, ANÁLISE E ESTRUTURA DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES**

Neste Capítulo faremos, primeiramente, um percurso histórico sobre a formação de dicionários, a partir de glossários que contêm o vocabulário do Latim com significados nas línguas latinas vulgares modernas. Num segundo momento, analisaremos alguns materiais que não estão em uso atualmente e que compõem um vocabulário em Português com correspondentes em Libras por meio de imagens que serviam para cursos de Libras no final da última década de 1900 e no começo da primeira década de 2000. Esses materiais possuem estrutura que deu origem a dicionários atuais em língua de sinais. Finalmente, analisamos a microestrutura de alguns dicionários de Libras e glossários de línguas orais.

### **2.1 OS DICIONÁRIOS SÃO UMA HERANÇA DOS GLOSSÁRIOS?**

Conforme os estudos históricos que investigam a origem dos glossários, o pensamento humano convergiu para a necessidade de explicar os significados das palavras das línguas em contato com outras, sobretudo europeias, levando à criação de ‘listas’ de palavras ou apenas ‘glosas’.

Os termos ‘dicionário’, ‘glossário’, ‘vocabulário’, na antiguidade, possuíam significados diferentes, conforme J. Grimm (1966 apud HAENSCH et al., 1982, p. 104) “Los gregos y romanos no tenían idea de un diccionario, y las posteriores denominaciones ‘*lexicon*’, ‘*glosarium*’, ‘*dictionarium*’, ‘*vocabularium*’, usuales em sus lenguas, significan otra cosa”.

Américo Castro, na obra ‘*Glosarios latino-españoles de la Edad Media*’ (1991), nos apresenta alguns glossários compilados na Idade Média como o apresentado pela Figura 7.

Figura 7 – Recorte do Glossário de Latim.

<i>agapa</i> : amiento del dardo (E 479).	<i>carilus</i> : pepino (E 750).
<i>agardinus</i> : goloso (E 575).	<i>cas...a</i> : espumadero (E 767) (glosa trunca).
<i>agelaster</i> : padraastro (E 620).	<i>catarsia</i> : manceba falsa (E 779).
<i>alofolium</i> : chapin (E 529).	<i>chilicorius</i> : amador (T 151).
<i>amia</i> : voz (T 570).	<i>cicitus</i> : tranca ¿trança? (E 715).
<i>amilla</i> : arpilla (E 481).	<i>cimabulum</i> : almendra (T 1238).
<i>antamo</i> o <i>autamo</i> : pasmar (E 2440).	<i>circiporata</i> (sin glosa) (P 240).
<i>armabratum</i> : molde de candelas (T 1299).	<i>clepio</i> : relvar (T 2070).
<i>arue</i> : altamente (E 59).	<i>conpulum</i> : porquera (E 995) (v. <i>venabulum</i> , pág. 308).
<i>ateditus</i> : enojados de fazer (T 1602).	<i>conspica</i> (sin glosa) (P 550).
<i>auferus</i> : viento cierço (E 550).	<i>crocenus</i> : cosa maravillosa (T 1512).
<i>augerulum</i> : gayuva (E 523).	<i>curtidulus</i> : tajón (T 155).
<i>baco</i> : poner embargo (E 2456).	<i>deriso</i> : envarnizar (E 2585).
<i>balduca</i> : puntada (T 587).	 
<i>balencina</i> : tripa (E 654).	<i>eceo</i> : apostar (T 1857).
<i>belotus</i> : espárrago (E 653).	<i>edon</i> (sin glosa) (P 274).
<i>brigulus</i> : gorrión (E 672).	<i>efluencius</i> : más escogidamente (E 128).
<i>brotus</i> : bocado de dueña (T 79).	<i>eparicus</i> <sup>3</sup> : echacuervo (E 1101).
<i>bulino</i> : ensuziar (E 2464).	<i>estonber</i> : puxavan (T 194).
<i>buo</i> : peer (E 2461).	 
<i>cache...o</i> : accontentar (T 1793) (glosa trunca).	<i>falsiperis</i> : falso m <sup>o</sup> (E 1126).
<i>calataria</i> : puta vieja (E 879).	<i>feletior</i> : el muslo del... (T 1074).
<i>cana</i> : partidas de lugarón (T 595).	<i>fiscardus</i> : puges (T 210).
<i>caramaragarabrum</i> : dinero malo (E 835).	<i>fulgetura</i> : fustan (P 469).
	<i>funga</i> : gemollete (P 221).

Fonte: CASTRO, 1991, p. 31.

O desenvolvimento da imprensa na Idade Moderna deu um impulso importante para a Lexicografia. Na época renascentista, os dicionários monolíngues eram chamados de ‘*thesaurus*’ (tesouro), por exemplo, o ‘*Thesaurus lingue latinae*’ (HAENSCH, 1982, p. 108) que é um instrumento lexicográfico extenso com grandes citações de autores, em sua maioria, prosistas e poetas.

Ainda no mesmo século, originou-se a lexicografia enciclopédica, que se caracteriza, conforme apresentamos no Capítulo 1, por reunir grande repertório dos conhecimentos humanos de uma determinada época, disciplina ou produção artística. A primeira enciclopédia europeia redigida em língua moderna foi *Le Grand Dictionnaire Historique* de Louis Moréri (1677 apud HAENSCH, 1982, p. 111). O século das luzes, conforme o autor, foi o tempo das enciclopédias como a *Cyclopaedia* do inglês Ephram Chambers (1728) e a *Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des mérites* dirigida por Diderot e D’Alembert (1751-1780, apud HAENSCH, 1982, p. 111).

Ao longo do século, grande foi o número e a tipologia dos dicionários de forma híbrida, entre os quais o dicionário enciclopédico que possui informações sobre as coisas e explicações linguísticas; os dicionários do editorial *Larousse* de Paris; no século XVIII, os dicionários normativos como o da Academia Francesa e o *Diccionario de autoridades* publicado pela Real

Academia Espanhola (apud HAENSCH, 1982, p. 112), dicionários etimológicos como o *Etymologisches Wörterbusch der romanischen Spranchen* iniciado por Diez no século XIX.

Outros tantos dicionários que propõem instrumentos lexicográficos adequados foram elaborados graças à ascensão da linguística histórica e comparativa no século XIX, entre esses, grandes *dicionários históricos e etimológicos, diccionarios y vocabularios especializados*, que foram desenvolvidos em outros países, como os *dicionários de uso, dicionários por conceitos, dicionários descritivos modernos*.

Tradicionalmente, encontram-se entre os pioneiros nessa área, importantes lexicógrafos portugueses, como Cardoso (1562), Barbosa (1611) e Moraes Silva (1789). A partir de então, dicionários portugueses do século XVIII entram em contato com outras línguas europeias e promovem uma lexicografia bilíngue e monolíngue, conforme Verdelho (2002, p. 25).

De acordo com a lexicografia histórica, observamos que os dicionários latinos, com os quais buscamos dados históricos pela proximidade das línguas portuguesa e espanhola como as obras de Haensch et al. (1982), Castro (1991) e Verdelho (2002), mostram que a Lexicografia Descritiva, aquela que engloba e descreve o léxico da língua, historicamente apresenta um repertório cuja estrutura se compõe de léxico inserido nos dicionários latinos, de acordo com a necessidade dos falantes e do período histórico. Assim sendo, leva-nos a entender os dicionários como herança dos glossários com explicações do latim para as línguas vulgares ou línguas modernas em formação.

## 2.2 GLOSSÁRIOS BILÍNGUES COMO VIA DE ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A Educação de Surdos no Brasil começou ainda no Império (1822-1889), com a criação do Instituto de Surdos-Mudos (ISM), em 1857, por determinação do imperador D. Pedro II e colaboração do professor francês E. Huet. O ISM é hoje o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), instituição que é referência nacional na área da surdez e promove formação de docentes, fóruns, seminários e pesquisas em linguística e educação de Surdos, além de materiais pedagógicos e vídeos em língua de sinais para distribuição a instituições especializadas em todo país.

Único no Brasil, o INES é uma importante instituição de aplicação de ensino que atende às necessidades linguísticas e educacionais dos Surdos. Embora fosse, e ainda seja, uma instituição de referência em qualidade de ensino, a descentralização da educação era eminente, e os sistemas educacionais no país começaram a mudar com a ascensão da República, além de

sofrer os ecos do Congresso de Milão de 1880, com a proibição do uso da língua de sinais na educação, grande perda para a Comunidade Surda.

Na Figura 8, a seguir, apresentamos o documento oficial de fundação do INES em 1857.

Figura 8 – Documento oficial da fundação do INES em 1857.

406

COLLEGIOS DE MENINOS.

**COLLEGIO NACIONAL**

RUA DOS BENEDECTINOS N.º 8

OS MENINOS  
A CARGO DE  
M. E. HUET  
DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO



Nº RIO DE JANEIRO

AS MENINAS  
A CARGO DE  
M. DE VASSIMON  
E SUAS FILHAS

PARA

**SURDOS-MUDOS DE AMBOS OS SEXOS**

DEBAIXO DO PATROCINIO DE

**SUAS Magestades Imperiaes**

DE UMA COMMISSÃO INSPECTORA.

Este estabelecimento, fundado por M. E. Huet, ex-director da Instituição dos Surdos-Mudos de Bourges, e destinado à regeneração intellectual e moral dos Surdos-Mudos do Brasil, admite qualquer individuo dos dois sexos, desde a idade de 7 a 16 annos.

O curso de estudos completo é de 6 annos, em que se aprendem as seguintes

DISCIPLINAS.

Escripta e leitura.	Historia do Brasil.
Elementos da lingua nacional —	Historia sagrada e profana.
Grammatica.	Arithmetica.
Noções de religião e dos deveres	Desenho.
sociaes — Cathecismo.	Escripturação mercantil.
Geographia.	

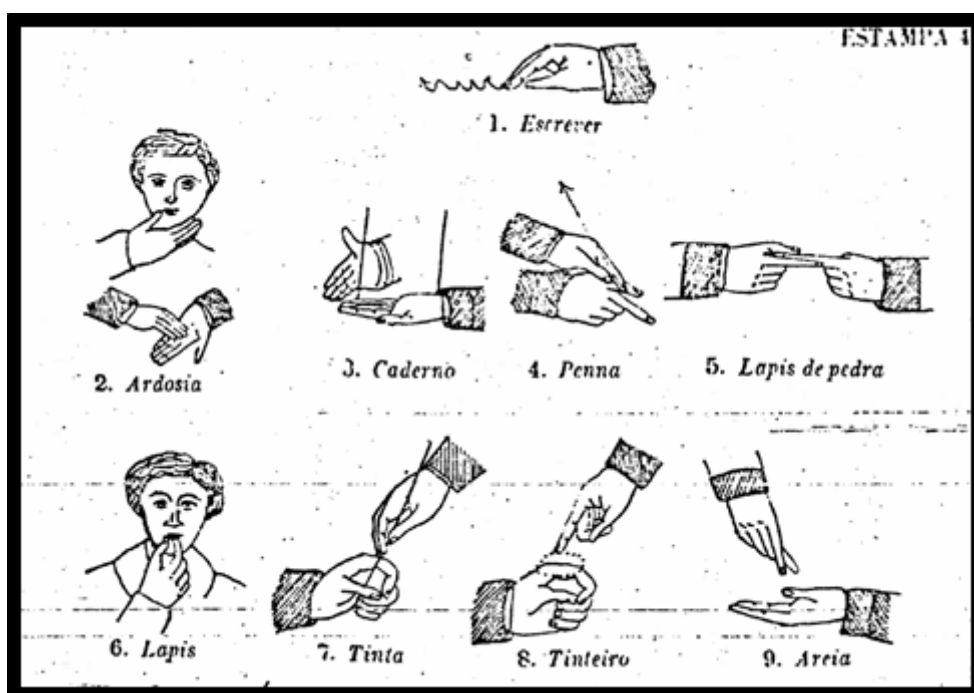
Lições de agricultura theorica e pratica para os meninos, e trabalhos usuaes de agulha para as meninas.

Dar-se-hão outrossim lições de pronuncia, de articulação e de leitura áquelles individuos, em quem se reconhecer aptidão para

Fonte: <http://www.ines.gov.br/uploads/institucional/Doc-INES-01.jpg>

Em 1875, Flausino José da Gama, aluno do ainda ISM produziu uma obra com estampas que compõe a então conhecida como “*linguagem dos signaes*” intitulada *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. A obra objetivava divulgar os sinais aos professores, pais e outros que se interessassem pela forma de comunicação dos surdos. Toda iconografia apresentada na obra foi de autoria do autor. O trabalho de Flausino da Gama é considerado uma das primeiras obras lexicográficas da Língua de Sinais no Brasil ainda no século XIX. Na Figura 9, a seguir, apresentamos um recorte de uma das estampas inseridas na obra.

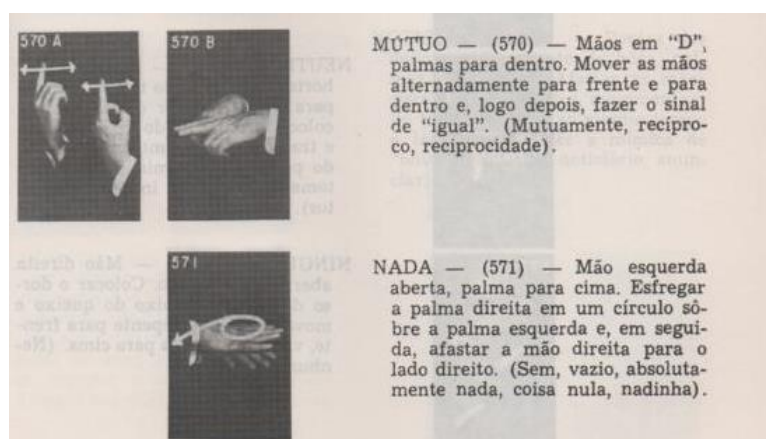
**Figura 9** – Recorte de estampa elaborada por Flausino da Gama (1875).



Fonte: GAMA, 1875.

Em 1946, o norte americano padre Eugênio Oates veio ao Brasil para um trabalho missionário, e logo se interessou pelos “problemas” dos Surdos. Em 1988, o padre produziu uma obra chamada na apresentação de “dicionário de mímica”, embora seja intitulada de “Linguagem das Mãos”. O objetivo da obra, segundo Oates (1988), era difundir “gestos” e “mímica” dos “surdos-mudos” para expressar novas ideias com mais ênfase e clareza. Além disso, a obra é composta por “gestos” que não pertencem ao Brasil, mas que visam completar e dar exatidão ao pensamento, conforme apresenta o padre Vicente de Paulo Penido Burnier, na apresentação da obra. Na Figura 10, a seguir, apresentamos um recorte de uma das estampas inseridas na obra.

**Figura 10-** Recorte do dicionário elaborado por Oates (1988)



Fonte: OATES, Eugênio. *Linguagem das Mãos*. Editora Santuário: São Paulo, 1988. p. 133.

Esse cenário educacional começa a mudar na década de 1960 e de forma efetiva na década de 1970, quando as “reformas educacionais alcançam a área de educação especial sob a égide dos discursos da normalização e da integração” (FERREIRA, 2006, p. 87). Décadas depois, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) promove em Jomtien, na Tailândia, em 1990, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, para fomentar o compromisso mundial de oferecer educação de qualidade e acessível a todas as crianças, jovens e adultos contemplando a promoção da educação especial.

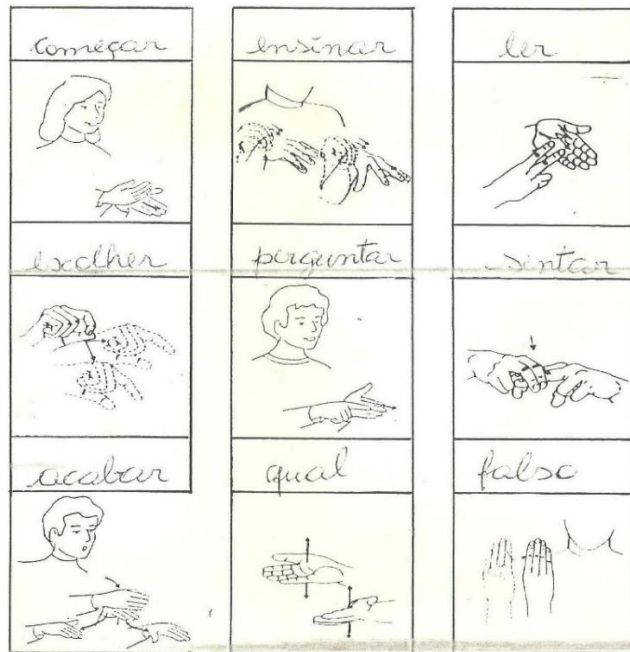
Em 1994, em Salamanca, na Espanha, houve a Conferência Mundial de Educação Especial cujo documento estabelece os princípios, as políticas e as práticas na área das Necessidades Educativas Especiais (NEE). Conforme as determinações propostas por essas Conferências Mundiais, o Brasil estabeleceu políticas educativas e adequações necessárias para a equalização e universalização da Educação, como o Plano Decenal de Educação para Todos no período de 1993 a 2003 e, desde então, as propostas educativas nacionais vêm sendo repensadas.

O contexto histórico apresentado serve para entendermos o processo qualitativo e formativo da Educação Inclusiva no Brasil, diante do atual sistema educacional implementado. Todo o processo de mudanças e adequações educacionais interferem diretamente na Educação de Surdos. Com as mudanças e adequações, foi necessário iniciar capacitação profissional, principalmente para docentes da Educação Básica, e promoção da Libras no contexto educacional. Para tanto, materiais pedagógicos para o ensino de Surdos foram criados, bem como outros materiais, com registros de Libras para atender à demanda crescente nas escolas especiais e, em seguida, nas escolas inclusivas.



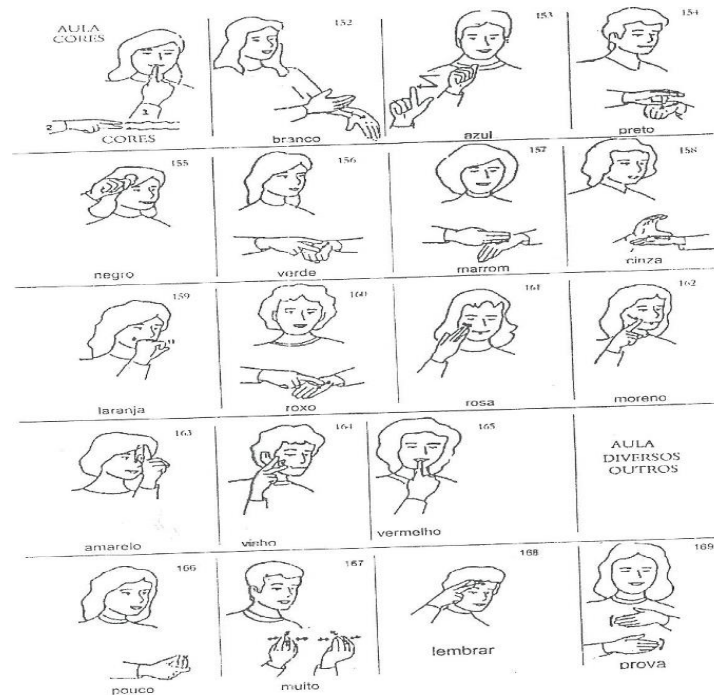
Apresentamos nas Figuras 11 e 12, a seguir, alguns desses materiais elaborados entre as décadas de 1990 e primeira década de 2000 para ensino de Libras.

**Figura 11** – Material impresso com ULs da Libras (exemplo 1).



Fonte: Materiais de cursos de Libras. Sem referência.

**Figura 12** – Material impresso com ULs da Libras (exemplo 2).



Fonte: ASB, 1999.

Com o reconhecimento legal de Libras pela Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, a língua de sinais no Brasil passou a ter mais visibilidade e assegurou ao sujeito Surdo formas

adequadas de comunicação e acesso ao conhecimento não apenas na Educação, mas em várias instâncias sociais. Diante dessa realidade, o bilinguismo, proposta que forma o sujeito Surdo e o Não-Surdo usuário de Libras a conhecerem e usarem a Língua Portuguesa e a Libras, ascende, e, com essa modalidade, faz-se necessária a metodologia diferenciada tanto para o ensino do Português quanto para o de Libras.

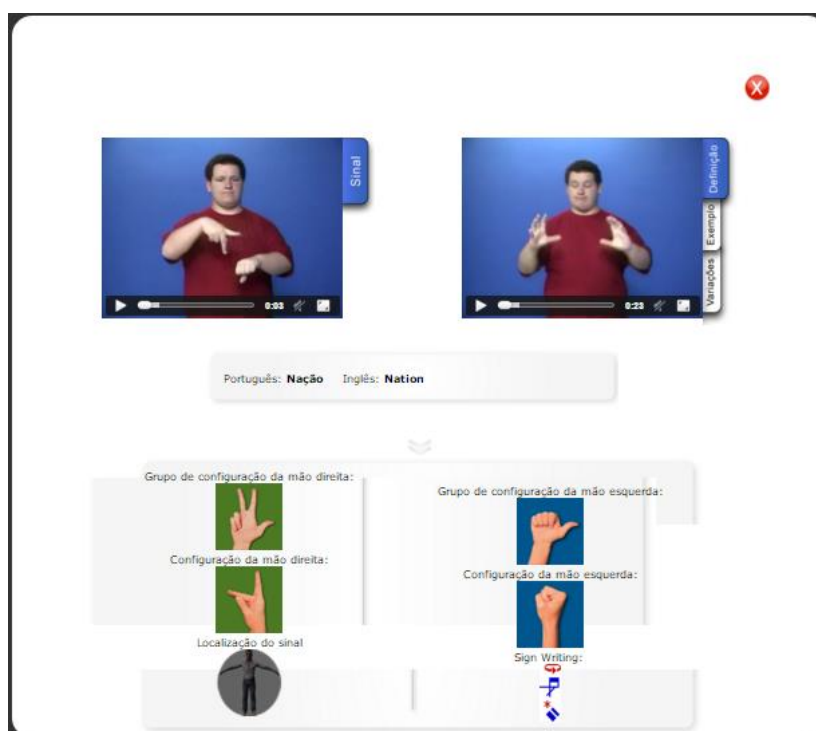
A partir disso, surgiu ferramentas *on-line* que reúnem o léxico de Libras em consonância com a Língua Portuguesa. Um dos primeiros conteúdos *on-line* que realizou essa proposta foi o site <[www.acesobrasil.org.br/libras/](http://www.acesobrasil.org.br/libras/)>, conforme a Figura 13. Ainda na mesma década, com a criação do curso superior em Letras-Libras, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) criou um Glossário, como apresentado na Figura 14, com o vocabulário utilizado nas disciplinas ofertadas. Hoje o Glossário da UFSC contempla as áreas acadêmicas de Letras-Libras, Arquitetura e Cinema.

**Figura 13** – Dicionário da Língua Brasileira de Sinais INES versão 2008 (LIRAS; FELIPE).

The screenshot shows the interface of the 'LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais INES versão 2008'. At the top, there is a navigation menu with 'Alfabética', 'Por Assunto', and 'Mão'. Below this is a search bar and a list of letters from A to Z. The main content area is divided into several sections: 'Assuntos', 'Palavras', 'Acepção', 'Vídeo', 'Exemplo', 'Exemplo Libras', 'Classe Gramatical', and 'Origem'. The word 'ECONOMIZAR' is highlighted in the 'Palavras' section. The 'Acepção' section shows the definition: 'Gastar com moderação; poupar; deixar de gastar.' The 'Vídeo' section shows a sign language interpreter. The 'Exemplo Libras' section shows the sign language example: 'EST@ CARRO G-Á-S EU ECONOMIZAR DINHEIRO.' The 'Classe Gramatical' section shows 'VERBO' and the 'Origem' section shows 'nacional'. At the bottom, there is a footer with the logo of 'Acessibilidade Brasil' and the website address 'www.acesobrasil.org.br'.

Fonte: <http://www.acesobrasil.org.br/libras/>

**Figura 14** – Glossário do Curso Letras-Libras da UFSC.



Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/218>

Outros materiais foram publicados em formato impresso como o *Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais em dois volumes* (2001a e 2001b) ou o *Dicionário Ilustrado de Libras* (2011). Com as novas tecnologias de comunicação e o fácil acesso à internet, alguns aplicativos para *smartphone* contemplam e fomentam a Libras como ferramentas de conhecimento e acessibilidade, caso dos aplicativos *ProDeaf* e *Hand Talk*.

O percurso lexicográfico e terminográfico de Libras surgiu num momento importante, na tentativa de suprir as exigências sincrônicas, segundo as mudanças diacrônicas de uma língua expeditamente dinâmica. Entretanto, é necessário que reflitamos sobre a qualidade dessas obras que, de maneira urgente, tentam suprir as ausências e a demandas que existem, sobretudo, na Educação. Para isso, apresentamos uma análise da microestrutura dos glossários e dicionários bilíngues Português – Libras.

### 2.3 A ESTRUTURA DO VERBETE DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES

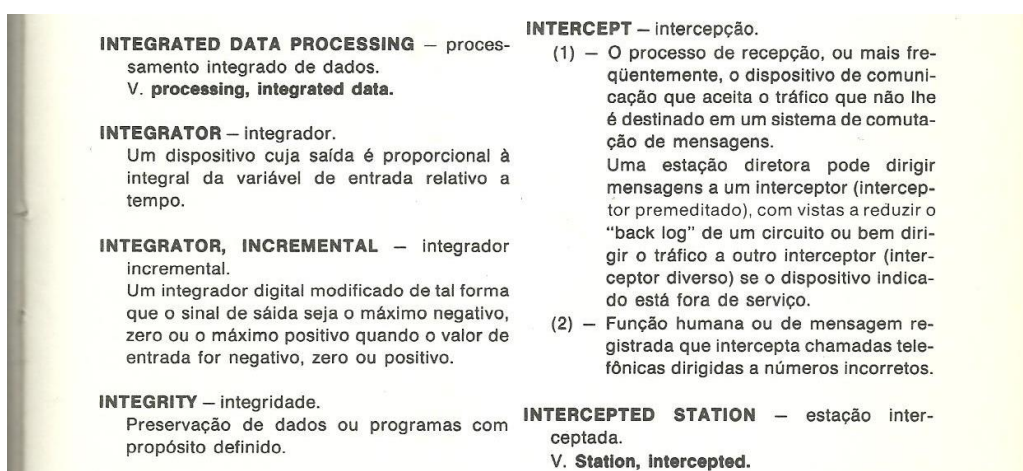
Os glossários podem ser classificados em monolíngues, semibilíngues, bilíngues ou até trilíngues. Os glossários monolíngues apresentam o repertório léxico com as definições das ULs em apenas uma língua. Os dicionários semibilíngues apresentam o repertório léxico em uma língua (língua-fonte) e equivalentes em outra (língua-alvo). Quando há definições nesse tipo de

dicionário, usualmente estão na língua fonte, apresentando na língua-alvo apenas os equivalentes. Entretanto, os dicionários bilíngues, além de apresentarem as entradas nas duas línguas, possuem os verbetes tanto na língua-fonte, como na língua-alvo. Neste capítulo, veremos alguns exemplos de Glossários e Dicionários que se caracterizam em monolíngues, semibilíngues e bilíngues.

### 2.3.1 A Estrutura do Verbetes de Glossários Bilíngue Português – Inglês

Ao observarmos obras que envolvem apenas as línguas orais, como o *Glossário de termos técnicos em processamento de dados* (1976), de César Bhering Camarão, verificamos que os termos deste glossário partem da língua inglesa (língua-fonte) e os equivalentes estão em Português (língua-alvo). Escolhemos essa obra por ser um exemplo de glossário com termos equivalente. No entanto, as definições contemplam apenas a língua-fonte não havendo registros na língua-alvo. Por isso, na apresentação da obra, fica claro que se trata de um glossário semibilíngue e não de um glossário monolíngue como podemos observar na Figura 15 a seguir:

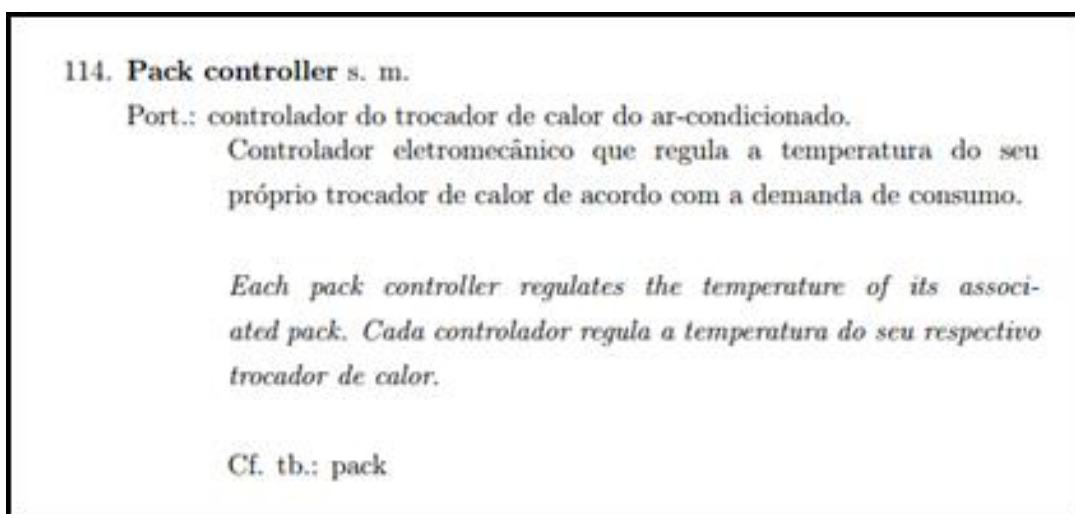
**Figura 15** – Recorte de verbetes do Glossário de termos técnicos em processamento de dados.



Fonte: CAMARÃO, 1976, p. 123.

Para que o glossário seja efetivamente bilíngue, é importante que os campos existentes no verbete estejam contemplados nas duas línguas envolvidas como no verbete da Figura 16 do *Dicionário técnico-bilíngue Inglês-Português da subárea do check list* (SILVA, 2009). Neste exemplo, a palavra-entrada parte do inglês (língua-fonte) e o equivalente está no português (língua-alvo) incluindo as definições nas duas línguas. Assim, tanto os consulentes que pesquisam a obra a partir do Inglês quanto os que pesquisam a partir do Português terão acesso à informação conforme a necessidade e interesse.

**Figura 16** – Recorte do verbete de “controlador do trocador de calor do ar-condicionado”.



Fonte: SILVA, 2009, p. 171.

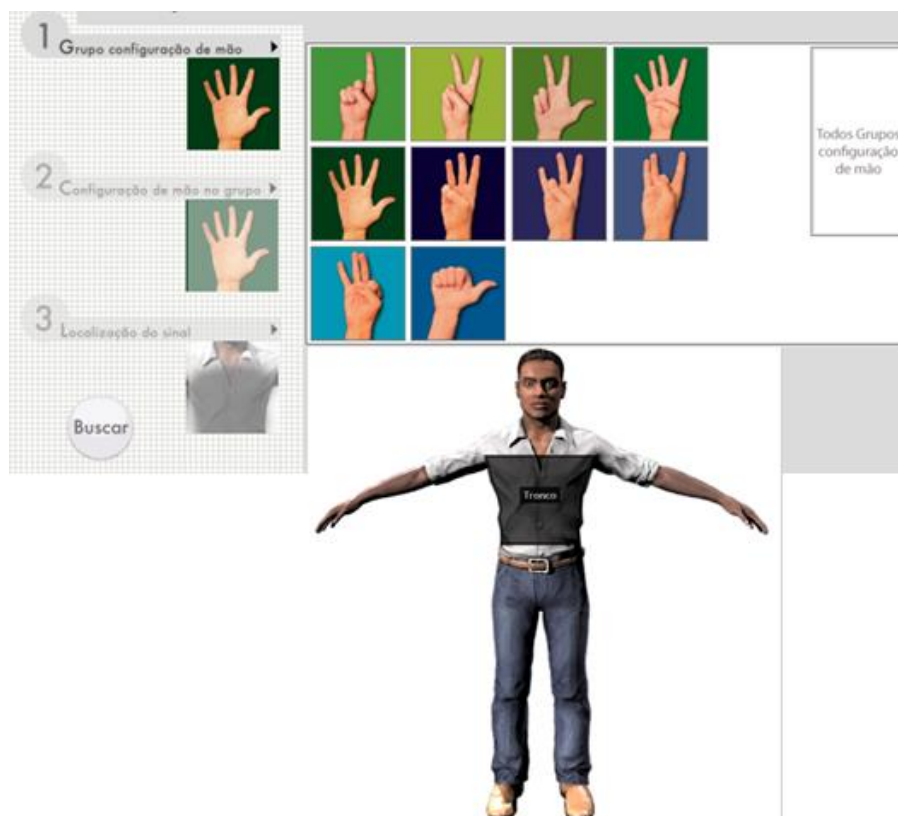
A proposta bilíngue em um glossário tem essencialmente duas finalidades: a compreensão de enunciados na língua de partida e a produção de enunciados na língua de destino (HAENSCH, 1982, p. 513-514). Assim, um glossário bilíngue se define como uma obra que compõe as unidades léxicas de uma língua e “fornece equivalentes ou tradução” (SILVA, 2010, p. 332) dessas unidades na língua-alvo. Certos disso, podemos dizer, ainda, que uma obra bilíngue completa fornece informações conceituais nas duas línguas (L1 e L2), respectivamente.

### **2.3.2 A Estrutura do Verbetes Glossários Bilíngues Português – Libras**

#### **2.3.2.1 Glossário do Curso de Licenciatura de Letras-Libras da UFSC**

A estrutura do verbete em um glossário ou dicionário bilíngue deve contemplar as línguas envolvidas como encontramos no glossário do Curso de Licenciatura de Letras-Libras da UFSC, de acordo com a Figura 17. O Surdo tem as opções de procurar o verbete pelo Português, em Libras, por meio da Configuração de Mão (CM) e da localização (L). Esses elementos favorecem o Surdo por oferecer ferramenta de busca compatível com a modalidade da Libras.

**Figura 17** – Print da página da consulta do verbete TAL glossário do Letras-Libras da UFSC.



Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisalibras>.

Por essa estrutura, o consulente Surdo consegue acessar o verbete a partir da entrada em Libras. Ao consultar outras entradas, é possível ampliar o conceito da UL inicialmente consultada. No dicionário do INES (LIRA; FELIPE, 2008), sobre o qual já nos referimos na Figura 14, só é possível acessar o verbete pela busca em português, pela ordem alfabética que abre uma lista de palavras e que leva a ULS equivalente. Os demais campos abertos dessa consulta como o contexto e a classe gramatical estão em Língua Portuguesa e o exemplo, supostamente em Língua de Sinais, está registrado por meio de notações léxicas da Língua Portuguesa. Essa estrutura não caracteriza uma obra bilíngue.

Ao pesquisar nesta obra os termos selecionados nesta pesquisa, identificamos dois verbetes em comum: *nação* e *símbolo*.

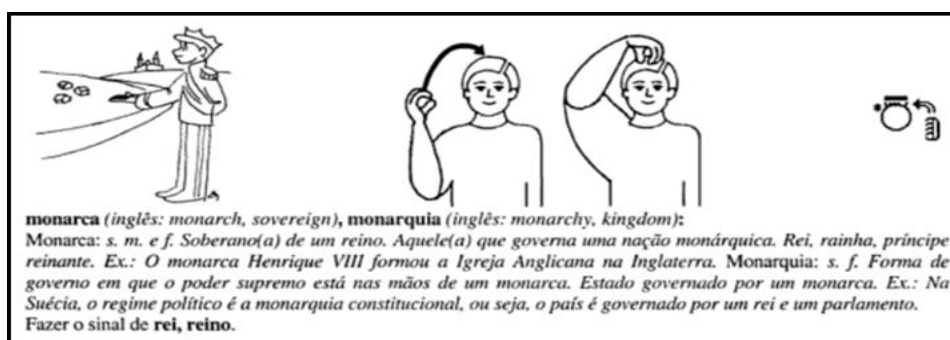
### ***2.3.2.2 Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais***

Os verbetes do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001a e 2001b), obra dividida em dois volumes (v. I: sinais de A a L e v. II: sinais de M a Z), importante fonte de pesquisa para aqueles que se interessam

pela área de Libras e da Educação de Surdos, mantém a forma de organização tradicional conforme o tratamento lexicográfico em que as entradas estão em ordem alfabética, possuem campos bem definidos como categoria gramatical, gênero gramatical, definição e contexto, aparecem sempre em Língua Portuguesa e atendem parcialmente a três línguas: libras. português e inglês.

Ao observarmos a Figura 18, podemos ver que a definição do verbete contempla apenas o Português e faz com que o consulente acesse a definição da entrada exclusivamente nesta língua. O verbete oferece uma pista do conceito explicado na definição por ilustrações pictóricas, o que permite, segundo os autores, o “reconhecimento visual direto do sinal e a aprendizagem de sua composição quirêmica visual direto do significado do sinal” (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001a, p. 42). Na prática, a ilustração não atende às especificidades linguísticas da modalidade visual da Língua de Sinais.

Figura 18 – Recorte do verbete “monarca”.



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL, v. II, 2001, p. 918

Outros elementos do verbete, como a ilustração prototípica do conceito, o sistema de escrita de sinais *Signwriting* e a descrição da realização do sinal, parecem complementar as informações contidas na definição apresentada em português. O Dicionário apresenta os elementos mencionados como suporte à Língua de Sinais. Além dessas informações, a obra apresenta o equivalente em Língua Inglesa, de forma a contemplar outra língua oral e não a *American Sign Language – ASL*, o que seria mais adequado. Concordamos com Faulstich (2006, p. 200) que, pela estrutura do verbete, “é possível considerar o Dicionário mais de natureza bilíngue português-libras do que, efetivamente, trlíngue português-inglês-libras”.

Ao pesquisar nesta obra os termos selecionados nesta pesquisa, identificamos quatro verbetes em comum: *juiz*, *monarca*, *nação* e *rei*. O termo *monarca* aparece no nosso glossário como item remissivo do termo *rei*.

### 2.3.2.3 Dicionário Ilustrado de Libras

O *Dicionário Ilustrado de Libras* (BRANDÃO, 2011) não segue a forma de organização tradicional conforme o tratamento lexicográfico, embora as entradas estejam em ordem alfabética. O Dicionário apresenta uma tentativa de entrada em Libras, com o verbete introduzido por meio de imagens sequenciais da produção do sinal. Logo abaixo, em tamanho reduzido, uma sequência quase “silábica” de como produzir o sinal como pode ser observado na Figura 19.

Figura 19 – Recorte do verbete “coroar”.



Fonte: BRANDÃO, 2011, p. 302.

O verbete está distribuído em cinco partes: i) fotografia sequencial do sinal; ii) “silabação” do sinal; iii) equivalente em português acompanhado de descrição das etapas de produção do sinal; iv) definição; v) desenho do ato de coroar na lateral direita do verbete. Além disso, o tamanho da fonte é inadequado, o que dificulta a leitura do consulente. Pela estrutura do verbete, é possível considerar a obra como semibilíngue sem tratamento lexicográfico adequado, com modelo de sinalização ilustrado como equivalente do termo na Libras. Na prática, assim como o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* apresentado na Figura 18 não atende às especificidades linguísticas da modalidade visual da Língua de Sinais.

Ao pesquisar nesta obra os termos selecionados nesta pesquisa, identificamos dois verbetes em comum: *abolição da escravatura*, *ditadura*, *guerra* e *nação*. Entretanto, no nosso glossário o termo *ditadura* se apresenta como *ditadura militar*.

Ao realizarmos uma análise contrastiva entre as estruturas lexicográficas dos verbetes das obras em Português e em Libras, compreendemos que as obras mencionadas são relevantes instrumentos do conhecimento de áreas especializadas, como os glossários de termos técnicos mencionados, e os Dicionários que registram a Libras são obras que oferecem contribuições



importantes para aqueles que pretendem se aprofundar no ensino de Surdos e no conhecimento da língua.

Estudos lexicológicos, terminológicos e lexicográficos, de Libras empreendidos, sobretudo, no Centro Lexterm e no LabLibras da Universidade de Brasília, que estabelecem métodos e formas adequadas na estruturação lexicográfica de Libras, além de favorecer a ampliação do léxico nessa língua, com estudos sobre a formação de sinais-termo, vêm aprofundar e sugerir propostas adequadas aos registros lexicográficos com Línguas de Sinais. Importantes estudos já foram apresentados como a *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS* (COSTA, 2012); *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música* (PROMETI, 2013); *Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos* (BARROS, 2013); entre outros tantos pesquisadores que vêm desenvolvendo pesquisas na Universidade de Brasília nos últimos anos.

A partir dessas reflexões, desenvolvemos um modelo de glossário efetivamente bilíngue. O glossário desenvolvido por esta pesquisa procura atender as duas línguas envolvidas, constituindo-se em duas vias: uma em que a língua-fonte é o Português (L1) e a língua-alvo a Libras (L2); e outra em que a língua-fonte é a Libras (L1) e a língua-alvo é o Português (L2), constituindo um glossário reverso (FAULSTICH, 2010). Para tal, todos os campos do verbete e a paralexigrafia da obra estão nas duas línguas envolvidas, respeitando a estrutura correta do que concebemos como uma obra terminográfica efetivamente bilíngue, de forma a atender às especificidades das línguas em questão. O método adotado para a estruturação do glossário será apresentado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 3 - PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste Capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos desenvolvidos para elaboração da terminologia da História do Brasil em Libras-Português. Os procedimentos possuem caráter qualitativo e descritivo, que buscam entender os fenômenos específicos da criação de sinais-termo na LSB. Utilizaremos o método descritivo-analítico para descrever as características desse fenômeno, além de explicar os procedimentos científicos dos dados encontrados na pesquisa a fim de satisfazer as necessidades científicas e linguísticas brasileiras.

O método aplicado para essa pesquisa segue o modelo de ficha terminológica desenvolvido por Faulstich (1995), uma vez que o “registro do termo é feito em uma ficha de terminologia, a qual funciona como uma «certidão de nascimento»” (FAULSTICH, 1995, p. 4). Além disso, a ficha de terminologia tem campos mais ou menos fixos segundo a autora. Para a seleção dos campos da ficha, depende do tipo de repertório a ser elaborado. O modelo apresentado é próprio para glossário sistemático, conforme veremos a seguir.

### 3.1 SELEÇÃO DO CORPUS DA HISTÓRIA DO BRASIL

Inicialmente, os termos da História do Brasil foram coletados das provas do ENEM aplicadas entre os anos de 2009 e 2014, disponíveis no Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP<sup>5</sup> do Governo Federal. O Enem também é utilizado para o acesso a programas oferecidos pelo Governo Federal, tais como o Programa Universidade para Todos (ProUni). A recolha dos dados fora feita com o objetivo de compor o *corpus* definitivo desta pesquisa.

Este conteúdo constitui o núcleo epistemológico da disciplina de História de que podemos extrair suas funções: tornar o passado inteligível e compreensível, selecionando e focalizando algumas partes dele, que, desse modo, adquiriram “permanência, relevância e significado” (FINLEY, 1989, p. 5). Ao conjecturar o passado como elemento fundamental e norteador desta pesquisa, percebemos que o cerne dos estudos históricos é o “*tempo*”. Pereira (2013) considera o “*tempo*” não apenas como um *dado* da natureza, mas como pressuposto das teorias científicas.

Dessa forma, consideramos não só o passado como substancial, mas o *tempo* que vence o passado, à medida que as investigações dos fatos não se reportam apenas aos fatos passados;

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: março de 2015.

ultrapassa o presente, ao valorizar a história do tempo presente; e projeta o futuro, ao dar relevância aos fatos que acontecem. Ao considerarmos o tempo como objeto dos estudos científicos da História, reconhecemo-la como “elemento instituidor da mudança e, conseqüentemente, como *dado* da experiência humana” (PEREIRA, 2013, p. 10). Sob essa perspectiva o tempo é uma medida metodológica porque põe cada fato no lugar correto. Os termos relacionados estão todos ligados aos conceitos pelo tempo histórico.

Para recolher as ocorrências dos termos selecionados, em princípio, foi utilizado o programa AntConc<sup>6</sup> que possibilita identificar a frequência dos termos coletados nas provas selecionadas. Para que fosse possível o levantamento dos termos, foi necessário que a prova disponível no site do INEP em formato PDF fosse convertida em arquivo Word para, então, selecionar as questões de História no caderno de Ciência Humanas e suas Tecnologias e reconvertê-lo em formato .txt\*, único formato de texto legível pelo sistema. Ao realizar a conversão dos arquivos, encontramos o primeiro obstáculo: a maioria dos arquivos em PDF, ao serem convertidos para Word, apresentaram caracteres típicos de arquivos criptografados como traços (-), asteriscos (\*), cifrões (\$), dois pontos (:), entre outros, o que fez com que as sentenças ficassem incompletas. Por essa razão, mantemos a coleta manual dos dados.

O segundo obstáculo ocorreu com dois arquivos que não estavam criptografados: foi possível utilizá-los no AntConc para o levantamento da frequência dos termos, porém, pela conversão dos arquivos, algumas Unidades Terminológicas (UTs) se apresentaram e, entretanto, outras pré-selecionadas manualmente não apareceram. Conforme mencionado, as UTs foram pré-selecionadas e, em seguida, buscamos as frequências de uso pelo programa. Para a pré-seleção, estabelecemos três requisitos, a saber: i) a importância dos termos na História do Brasil; ii) a influência teórica/temática no ensino da História do Brasil conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica; iii) a importância teórica/temática para os estudantes Surdos. Abaixo, segue o Quadro 2 com a frequência das UTs encontradas pelo programa.

---

<sup>6</sup> O AntConc é um *software* que constrói concordâncias automaticamente, além de fornecer outras informações como listar a frequência de palavras em um texto. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Concordanciador>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

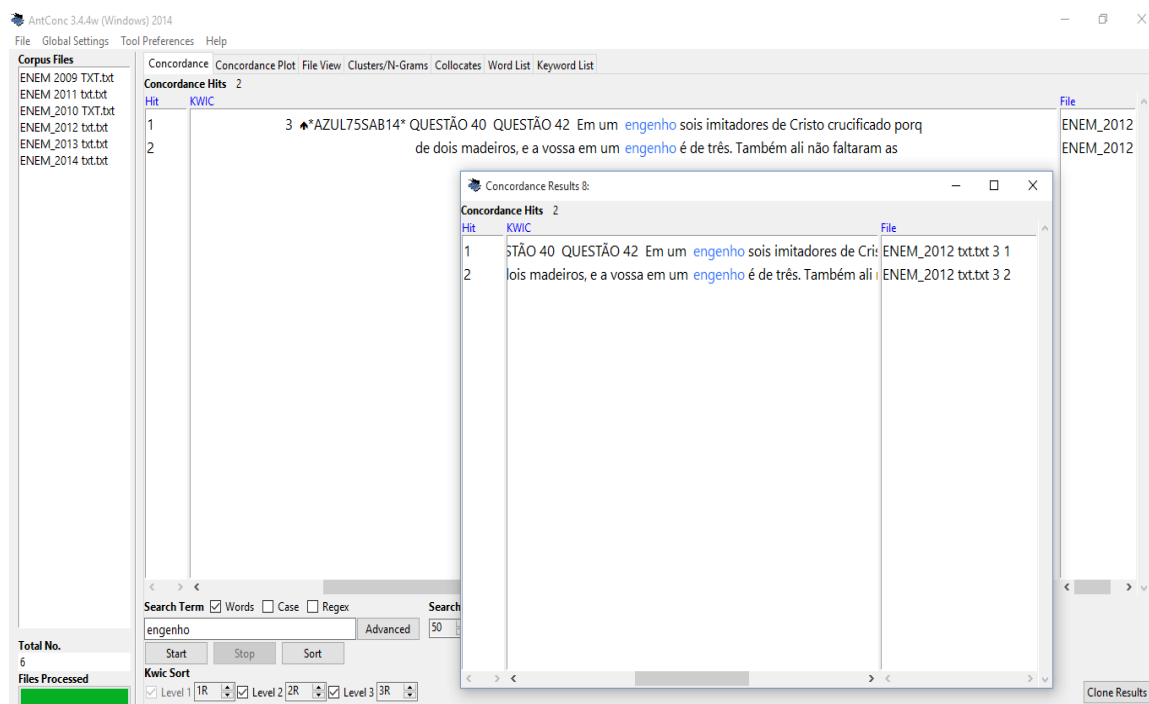
**Quadro 2** – Frequência das UTs selecionadas para compor o glossário.

<b>UTs</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>América Portuguesa</b>	
Colônia	1
Colonização portuguesa	4
Coroa portuguesa	2
Colônia de exploração	1
Engenho	2
Expansão marítima	1
<b>Brasil Império</b>	
Abolição da escravatura	3
Primeiro reinado	1
Monarquia	7
Independência do Brasil	3
Período regencial	1
Rei de Portugal	1
<b>Brasil República</b>	
Guerra de Canudos	1
Messianismo	1
Potências do eixo	1
Potências aliadas	1
Proclamação da república	1
Segunda guerra mundial	1

Fonte: Felten (2016)

A seguir, apresentamos na Figura 20, o funcionamento do programa AntConc com o exemplo do UT *engenho*:

**Figura 20** – Programa AntConc: exemplo de funcionamento.



FONTE: Felten (2016).

Descreveremos os procedimentos de busca. Para a frequência, é necessário digitar a UT desejada no campo *Search Term* e clicar na opção *Start*, para que o termo seja verificado nos arquivos em txt\*, adicionados previamente com a devida conversão dos arquivos, como podemos observar no campo *Corpus Files* na primeira janela, ou campo de fundo da Figura 31. A frequência é apurada na aba *Concordance*. O sistema busca a ocorrência do termo e em qual (is) arquivos o termo está. O programa lista os contextos em que a UT é utilizada e quantas vezes se repete. O mesmo procedimento foi executado para todas as UTs do Quadro 2.

Esse método utilizado para a seleção dos termos da História do Brasil do Enem, objetiva distinguir e apontar as disparidades linguísticas empregadas pelos surdos para, em seguida, registrar os sinais desta área de especialidade em Libras.

### 3.2 PERCURSO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DE DICIONÁRIOS DE TERMOS DA CIÊNCIA HISTÓRICA

A segunda etapa no percurso metodológico desta pesquisa é uma análise de obras de referência na área das Ciências Humanas, organizadas em ordem alfabética. A análise foi feita

por meio do preenchimento do **roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos** de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185).

Avaliamos 4 dicionários, a saber: i) Novo Dicionário de História do Brasil Ilustrado, das Edições Melhoramentos (1971); ii) Dicionário do Brasil Joanino: (1808 – 1821), de Vainfas e Neves (2008); iii) Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, de Azevedo (2012); iv) Dicionário de Ciências Humanas, de Dortier (2010); e Dicionário de História do Mundo, de Wright e Law (2013). A seguir, apresentamos a metodologia de avaliação das obras selecionadas.

### 3.3. METODOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DE PROPOSTA DE GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS–LIBRAS

Um glossário terminológico tem como uma das suas finalidades a apresentação do significado das palavras utilizadas em determinada área técnica. Escolhemos elaborar um modelo de glossário bilíngue de natureza sistêmica, a fim de auxiliar o consulente em seu percurso, a compreender o significado de uma unidade terminológica relacionada a outra. O glossário, para que se constitua um sistema em seu conjunto, possui duas características: a remissão, que é “o processo de remeter a informação de um ponto a outro” (FAULSTICH, 1993, p. 174) e remissiva, que se define como “cada item léxico que, remetido, possui conteúdo semântico próprio” (FAULSTICH, 1993, p. 174).

Ao adotarmos o método sistêmico no glossário proposto nesta pesquisa, consideramos a necessidade de fornecer informações constantes acerca do termo, trabalho inerente à função do terminógrafo. Além disso, para constituir um glossário sistêmico é importante que a tarefa de caracterização da obra comece na organização do verbete, conseqüentemente, no preenchimento das fichas terminológicas que comportam as informações necessárias para a análise do termo e para a organização de um glossário. Faulstich (1993 apud CRUZ, 2013, p. 29), explica a maneira como são estabelecidas as remissivas:

As remissivas, conforme Faulstich (1993, p. 177), são estabelecidas de acordo com as relações semânticas entre as palavras, as quais podem ser do tipo hiperonímia > hiponímia; sinonímia e antonímia; conceito conexo. A autora alerta, no entanto, que nem sempre ocorre a presença de remissiva num repertório lexicográfico, e para isso estabelece a seguinte estrutura de verbete: entrada = categoria gramatical + gênero + definição + fonte + contexto + fonte ± remissiva (s).

Conforme as reflexões sobre a remissão, inferimos que as remissivas são úteis na elaboração de glossário técnico, uma vez que organizam de forma sistêmica a estrutura da obra. Além disso, enriquecem o material lexicográfico, ao fornecerem um percurso para o consulente, com a intenção de ampliar a compreensão do conceito explicado nas definições, conforme podemos observar na Figura 21 a seguir:

**Figura 21** – Modelo de verbete no glossário sistêmico.

**independência do Brasil** *s.m.* Movimento colonial elitista para a ruptura com Portugal. DEL PRIORI, 2010. *A independência do Brasil pode ser definida como um movimento bastante elitista, quase uma disputa entre aristocratas portugueses.* DEL PRIORI, 2010. Nota: Para compreendermos a especificidade de nosso processo de independência, é necessário lembrarmos que ele conviveu com outros projetos alternativos, pois, há muito, uma parte da elite colonial aspirava à ruptura com Portugal. Tais propostas de independência, contudo, tinham uma forte marca regional, como fica claro na denominação de duas delas: a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana (ocorrida em 1817). DEL PRIORI, 2010. Ver [movimento histórico](#); [movimento de ruptura](#).

**movimento histórico** *s.m.* Corrente de pensamento que caracteriza mudança histórica, filosófica e social. Aapt. de HOUAISS, 2001. *É impossível entender as explicações católicas acerca do movimento histórico e de suas causas, sem entender de que maneira ela estabelece como deveria ser produzido o saber humano.* MANOEL, 2003. Ver [corrente de pensamento](#); [mudança histórica](#).

**movimento de ruptura** *s.m.* Corrente de pensamento que caracterizou a quebra de compromissos com Portugal. Adapt de HOUAISS, 2001. *A Independência do Brasil foi marcado pelo movimento de ruptura com Portugal.* Criado pelo autor. Ver [corrente de pensamento](#).

Fonte: Felten (2016).

Fonte: Felten (2016).

Ao consultar o glossário, o Surdo poderá clicar na palavra-entrada e terá acesso ao verbete em Libras, conforme a Figura 22:

Figura 22 – Uso do verbete em Libras.



Fonte: Felten (2016).

O mesmo recurso poderá ser utilizado para a remissiva. Sempre que o verbete remeter a outro termo, o consulente poderá acessá-lo em Libras, ao clicar no auxílio do verbete *movimento histórico*, conforme a Figura 23, por exemplo, e percorrer todo o caminho para compreender as relações lexicais entre os itens remissivos disponíveis.

Figura 23 – Glossário Sistêmico de Termos da História do Brasil: exemplo de uso do item remissivo em Libras.



Fonte: Felten (2016).



A escolha do caráter remissivo para o modelo de glossário em questão é um dos elementos que organiza a obra segundo os critérios práticos da lexicografia. Além disso, esse tipo de remissão – *ver* – é empregado no glossário, para dirigir o leitor de um verbete em Língua Portuguesa para seu equivalente em Libras, possibilitando ao consulente a encontrar informações mais completas.

### ***3.3.1 Fichas terminológicas úteis para composição de verbete de um glossário bilíngue Português-Libras***

Após os termos recorrentes terem sido selecionados dos cadernos das provas de Ciências Humanas e suas Tecnologias do Enem, o *corpus* será separado no tempo histórico da América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República.

Os verbetes estarão organizados em ordem alfabética do Português e obedecerão à seguinte estrutura de acordo com Faulstich (2014)<sup>7</sup>, para a produção das definições: entrada = categoria gramatical + gênero + definição + fonte da def. + contexto + fonte do contexto ± nota ± fonte da nota ± sinônimo ± remissiva. Os campos marcados com o sinal “+” são campos definidos, ou seja, são elementos básicos para compor um verbete e de preenchimento obrigatório. Os campos acima marcados com os sinais “±” podem compor ou não o verbete; isso depende do objetivo da obra em que o lexicógrafo o empreenderá.

À vista disso, os verbetes que compõem o glossário elaborado por esta pesquisa referem-se a noções sobre eventos e fatos históricos do Brasil e, segundo considerações significativas entre lexicologia e a História do Brasil, inferimos que os campos acima apresentados contemplam a tipologia de um glossário bilíngue Português – Libras, conforme o ponto de vista linguístico teórico. Na estrutura da ficha terminológica, decidimos não utilizar o campo dos equivalentes, pois o glossário em Língua de Sinais Brasileira partirá da macroestrutura do verbete em Português, a contemplar a modalidade linguística da língua.

Como já explicitamos antes, as remissivas precisam ser consideradas. Como objetivamos um glossário sistêmico, o campo da remissiva tornou-se obrigatório e deixou de ser facultativo. Decidimos, igualmente, sobre o campo da nota, dado que a área da História possui conteúdo abrangente de cunho extralinguístico em relação aos seus fatos e eventos e, por

---

<sup>7</sup>Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, Brasília, 2014 - Trabalho entregue em laboratórios de Lexicologia e Terminologia, turma Pós-Graduação.

isso, acrescentamos o campo mencionado para a possibilidade de constituir comentários práticos que complementem as informações da definição.

Com tais características, a ficha terminológica utilizada para a composição dos verbetes desta pesquisa foi composta da seguinte maneira:

**Quadro 3** – Modelo de ficha terminológica.

<b>FICHA TERMINOLÓGICA</b>	
<b>Nº</b>	
<b>entr.</b>	
<b>cat.</b>	
<b>gên</b>	
<b>var.</b>	
<b>sin.</b>	
<b>def.</b>	
<b>fonte def.</b>	
<b>cont.</b>	
<b>fonte cont.</b>	
<b>REMISSIVAS</b>	
<b>hiper.</b>	
<b>hip.</b>	
<b>INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES</b>	
<b>nota</b>	
<b>fonte nota</b>	

Fonte: Adapt. de FAULSTICH, 2013, p. 183.

Para complementar as informações, apresentaremos as explicações dos campos que compõem o verbete de acordo com Faulstich (2010, p. 180-183):

**entrada** [ent.]: Unidade linguística que possui conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal.

**categoria gramatical** [cat.]: indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser s. = substantivo ou n.=nome; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa.

**gênero** [gên.]: Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m = masculino ou f = feminino.

**variante** [var.]: Formas *concorrentes* com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente.

**sinônimo** [sin.]: Formas *coocorrentes* no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.

**definição** [def.]: A definição é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.

**fonte da definição** [font. def.]: Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição.

**contexto** [cont.]: O contexto é um fragmento de texto no qual o tempo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.

**fonte do contexto** [font. cont.]: Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação.

**remissivas**: Sistema de relação de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos e termos conexos, assim:

- hiperônimo [hiper.]: Termos cujo significado inclui o significado de outros, por isso é também chamado de termo genérico. Num dicionário ou glossário, o hiperônimo é, normalmente, a expressão léxica que inicia a definição.

- hipônimo [hip.]: Termo cujo significado representa uma subclasse em relação a um hiperônimo, por isso é também chamado de termo específico. Num dicionário ou glossário, o hipônimo é o termo que contribui na constituição do conteúdo da definição, por isso, pode haver mais de um [...]. A soma do conteúdo semântico do hiperônimo mais a do hipônimo delimita e distingue os conceitos na descrição do termo.

**nota**: Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.

**fonte da nota**: Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraído o comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementações da definição.

A seguir, apresentamos o exemplo da ficha terminológica preenchida para a elaboração do verbete *Brasil Império* em Português:

Quadro 4 – Ficha terminológica do verbete *Brasil Império*.

<b>FICHA TERMINOLÓGICA</b>	
<b>1. Número 28</b>	
<b>2. ent.</b>	Brasil império
<b>3. cat.</b>	Substantivo
<b>4. gên.</b>	Masculino
<b>5. var.</b>	Brasil imperial; Brasil monarquia
<b>6. sin.</b>	
<b>7. def.</b>	Período da história do Brasil que se iniciou com a Independência, em 7 de setembro de 1822, e terminou com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. BRITANNICA, 2015.
<b>8. font. def.</b>	<i>Brasil Império</i> . In: Britannica Escola Online. <i>Enciclopédia Escolar Britannica</i> , 2015. Disponível em: < <a href="http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio">http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio</a> >. Acesso em: 27 jul. 2015.
<b>9. cont.</b>	<i>Durante os 67 anos do Brasil imperial (1822-1889), o país passou por tantas revoltas internas que é um milagre que tenha mantido a unidade do seu vasto</i>

	<i>território - e não tenha se fragmentado como ocorreu com a América espanhola. SUPERINTERESSANTE, 2002.</i>
<b>10. fonte cont.</b>	CAVALCANTE, Rodrigo. Brasil Império. História. Revista Superinteressante Online. nº 181, outubro de 2002.
<b>Remissivas</b>	
<b>11. hiper.</b>	período histórico;
<b>12. hip.</b>	independência do Brasil; proclamação da república;
<b>13. nota</b>	Na maior parte desse período, o Brasil foi governado por imperadores, D. Pedro I e D. Pedro II, também chamados de “monarcas”. Havia um parlamento, formado por deputados e senadores, para discutir e aprovar leis, entre outras funções. E o Brasil passou a ter uma Constituição. Por isso, costuma-se dizer que o Brasil Império foi uma “monarquia parlamentar constitucional”. Adapt. de BRITANNICA, 2015.
<b>14. Font. nota</b>	<i>Brasil Império.</i> In: Britannica Escola Online. <i>Enciclopédia Escolar Britannica</i> , 2015. Disponível em: < <a href="http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio">http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio</a> >. Acesso em: 27 jul.2015.

Fonte: Felten (2016).

Para as definições do verbete, consideramos a especificidade do glossário e do seu público-alvo, dessa forma, adotamos a bibliografia especializada que esteja em consonância com esses quesitos como Enciclopédia Escolar, livros didáticos de História Geral e do Brasil, dicionários de História, História do Brasil e Ciências Humanas, além de literatura técnica/científica de renomados historiadores brasileiros. As mesmas referências e outras, como revistas científicas de História, serviram para a seleção dos contextos dos verbetes.

Algumas adaptações quanto ao modelo padrão da definição pragmática desenvolvida por Faulstich (2014) foram necessárias para que o conteúdo abordado pela bibliografia se enquadrasse ao *o que é e para que serve?*, no caso da História do Brasil, *o que foi e para que serviu?* os fatos e eventos históricos conforme a proposta da definição lexicográfica canônica. Todo o percurso metodológico foi necessário para que construíssemos um glossário conciso e útil para os Surdos. Após a fase de organização e definição dos termos em glossário em Língua Portuguesa e a classificação dos verbetes nos períodos históricos, houve a criação e validação dos sinais-termo entre os pesquisadores Surdos e Não-Surdos no LabLibras, além da validação dos sinais-terminos por alunos Surdos das séries finais do Ensino Fundamental e Médio. À vista disso, desempenhamos importantes reflexões sobre a terminologia e a constituição de novas UTs sinalizadas conforme apresentamos no próximo Capítulo.

## CAPÍTULO 4 - A TERMINOLOGIA DE LIBRAS

Neste Capítulo, apresentamos os princípios teóricos que fundamentam a constituição morfológica do sinal-termo. Explicitamos a distinção entre *sinal-termo* e *termo*, conforme as modalidades das línguas envolvidas, e tecemos comentários sobre as mudanças terminológicas diacrônicas em Libras. Explicaremos os processos morfológicos de formação de sinais e sinais-termo por composição e derivação e o registro do postulado formulado para esta pesquisa para explicar o modo como o morfema especificador serve como argumento predicador em Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas. Por último, discutiremos sobre o papel da terminologia na Educação de Surdos.

### 4.1 A CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DO SINAL-TERMO

A partir de um exame da constituição do sinal-termo subjacente aos estudos lexicais e terminológicos mais recentes, tendo em vista as condições e propriedades da LSB, empreendemos pesquisa de natureza lexical sobre a criação de sinais-termo de acordo com a estrutura linguística de Libras, a fim de colaborar com o direito linguístico do Surdo e com o ensino de Surdos, que seja regido pela igualdade.

Com efeito, o desenvolvimento de Libras e das pesquisas semânticas, associadas aos progressos no campo da teoria e da análise linguística – especificamente do léxico e da terminologia –, levaram estudiosos da área da Surdez a se preocupar cada vez mais com a crítica aos sinais do léxico comum que são ausentes ou não correspondem à concepção de estrutura morfológica subjacente e semântica adequada a determinadas áreas de especialidade.

Nesse contexto, os pesquisadores que estudam as unidades semânticas de Libras alcançam fecundas explorações no sistema lexical da língua e atingem regras de produção inerentes à criação de novas unidades lexicais. Ao criar um sinal-termo, é necessário que consideremos os mecanismos que podem estabelecer essas unidades léxicas. Todo o processo de formação de novas Unidades Léxicas (ULs) é compreendido como neologia. Já a palavra ou o sinal-termo formado, isto é, o resultado do processo chamamos de neologismo.

Há de se levar em consideração que a Libras está em fase de desenvolvimento linguístico em virtude de sua história. Para Barbosa (1981 apud GUILBERT, 1976 p. 77-78), a eficiência do sistema lexical na neologia leva em consideração “um período preciso da vida da comunidade linguística”, o que corrobora a criação lexical em razão da pertinência léxica,

ligada à história da sociedade falante da língua, no caso desta investigação, a comunidade brasileira falante do Português e da Libras.

A autora assinala ainda que a “neologia postula um sistema, um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas unidades” (GUILBERT, 1976, p. 78 apud BARBOSA, 1981). Assim, podemos inferir que esse processo não se dá de forma desordenada, pelo contrário, o aparecimento ou a criação de novos significantes é governado por regras que sistematizam esse fenômeno.

Bastuji (1974) defende que a neologia constitui uma criatividade pautada em regras e ao mesmo tempo uma criatividade que muda as regras, pois os sinais-termo desenvolvidos por este estudo compreendem, na verdade, UTs intermediárias, uma vez que foram estruturados pelo processo neológico laboratorial. Todo o processo, conforme apresentado no Capítulo 3, passou por várias etapas. Uma delas foi a validação com os alunos Surdos das séries finais do Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, na proposição de novas Unidades Terminológicas Sinalizadas (UTS) para uso, identifica-se que o mesmo sinal-termo pode sofrer alterações em sua estrutura, dado que, segundo Barbosa (1981), no processo neológico essas estruturas depreendem-se dessas UTS e permitem que o falante linguisticamente competente crie novas unidades ou simplesmente altere alguma estrutura morfológica para o conforto linguístico.

Podemos exemplificar esse fenômeno com as alterações que o sinal *Letras-Libras*, nome do Curso de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, sofreu. Na Figura 24, podemos observar o modo como era sinalizada a UTS no início da criação do curso.

**Figura 24** – Unidade Terminológica Sinalizada do Curso de Letras-Libras da UFSC.



Fonte: Felten (2016)

Pouco depois da criação e instituição do curso em várias Universidades Federais brasileiras, a mesma UT sofreu alterações pelos falantes de Libras matriculados no curso.

Com o fortalecimento produzido nesses ambientes em que se pensa a língua, as mudanças de natureza diacrônica acontecem à medida que o momento determinante dos

falantes de Libras é requerido e, nesse contexto, a UTS *Letras-Libras* sofreu mudanças previsíveis na introdução de neologismo de novo campo de conhecimento à época de construção do Curso. Nesse processo natural de evolução da língua, enquanto uma UL é introduzida no uso pode passar de um processo de composição para um processo de aglutinação como o que ocorreu com a UTS conforme a Figura 24.

#### ***4.1.1 Os sinais-termo desta pesquisa***

A constituição morfológica dos sinais-termo criados por esta pesquisa segue a proposta ‘fonomorfológica’ de Faria-Nascimento (2009) na construção das UTS, que consiste na análise dos parâmetros isoladamente e combinados. Esse estudo é orientado pelos parâmetros fonológicos da Libras, a saber, Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), considerados primários. E dos outros dois parâmetros considerados secundários, Orientação da Palma da Mão (OP) e as Expressões Não Manuais (Expressões Faciais e Corporais).

Para a autora, além de considerar a análise mais básica dos parâmetros fonológicos de Libras, é importante reconhecer que um parâmetro, além de possuir um traço distintivo (aquilo que difere; por exemplo, a ULS TRABALHAR de VÍDEO é o Movimento), “traz em si um significado que é acrescido à unidade lexical à qual é adicionada” (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 85). Por possuir o traço distintivo e a informação semântica do parâmetro acrescido à ULS, é que podemos categorizar os parâmetros como ‘fonomorfológicos’ e não apenas fonológicos, pois, a partir do instante em que a mão ativa e mão passiva estão prontas para articular determinada unidade lexical, os articuladores da Libras se mostram previamente motivados.

Falamos até aqui sobre ULS e UTS. É necessário que façamos distinção entre os termos para que possamos apresentar o propósito desta pesquisa. Por ser uma investigação que visa, entre outros objetivos, a criação de sinais-termo, há de se considerar o fenômeno que distingue a UL da UT, ou vice-versa.

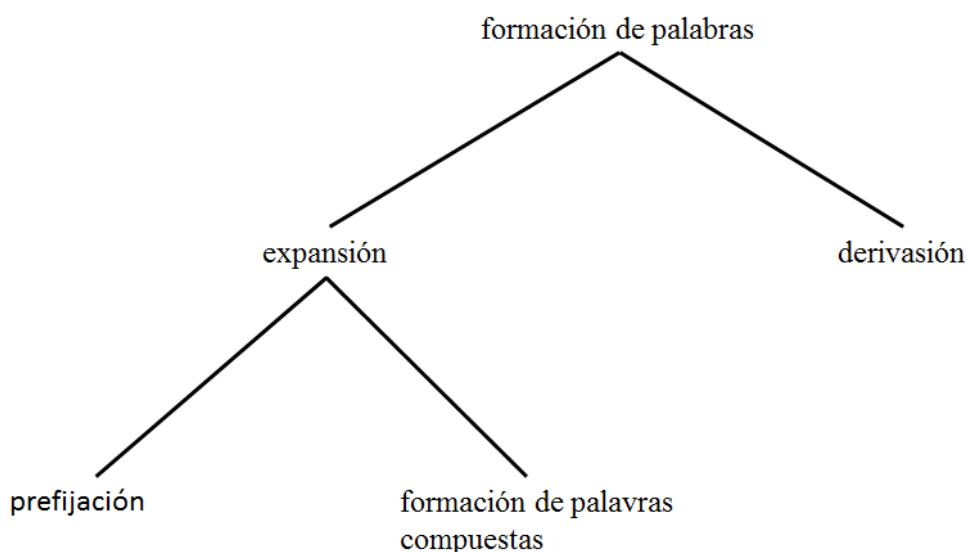
Os estudos de formação de sinais-termo são provenientes de análises comparativas com a Língua Portuguesa. Com base nos estudos morfológicos do Português de Zanotto (1986); Câmara Jr (1970); Fiorin (2005); Payne (1997), entre outros, observamos que a formação de palavras consiste, basicamente, na combinação de morfemas. Pesquisadores como Faria-Nascimento (2009); Bernardino (2012); Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) têm aberto espaço para investigação desse mesmo fenômeno.

Os pesquisadores acima mencionados auxiliam em algumas questões, ao analisar os dados como a base de formação de sinais-termo, que segue a concepção fonomorfológica a partir de morfemas-base de Faria-Nascimento (2009) e conforme já apresentamos, com base nas análises dos processos de derivação e composição da Libras segundo Marchand (1969).

A teoria de formação de palavras de Marchand se dá por dois processos, a saber, o processo de expansão e o processo de derivação. Entende-se por expansão a combinação entre morfemas AB em que ‘A determina B’ e AB pertence à mesma classe gramatical. O autor segue com o exemplo na língua inglesa onde *steamboat* funciona, como substantivo, exatamente igual a *boat* (MARCHAND 1969 apud HAENSCH et al., 1982). O processo de derivação se entende pela combinação AB que seja determinado por um morfema ligado à raiz.

Dessa forma, sobre a formação de palavras na lexicografia, Marchand (1969 apud HAENSCH et al., 1982, p. 236) apresenta sistematicamente a teoria de formação de palavras do seguinte modo:

**Figura 25** – Apresentação sistemática da formação de palavras segundo Marchand.



Fonte: Marchand (1969 apud HAENSCH et al., 1982, p. 236).

No âmbito intangível, podemos dizer que o processo de criação de UTS não se distingue do da ULS, conforme aponta Lara (1999 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59). A UTS se forma por impulsos tecnológicos, técnicos, comerciais, científicos, acadêmicos, etc., quando se apresenta a necessidade de delimitar com total precisão os objetos ou os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento, e a ULS se forma “no cerne da comunidade linguística como efeito da divisão social do trabalho e como resultado de interesses históricos da



comunidade, pelo que está sempre definido no contexto social” (LARA, 1999 apud FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59).

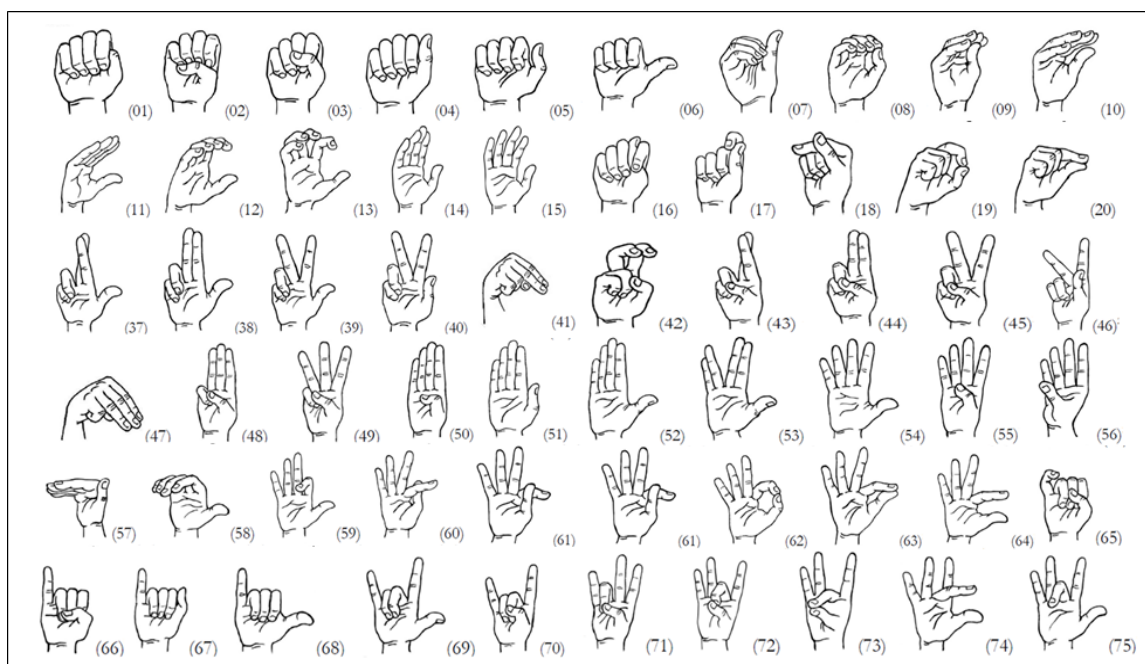
Conforme a autora, a criação de sinais se dá, basicamente, a partir de formativos que podem ser presos ou livres: na primeira posição fica o formativo que tem estatuto morfológico com valor de base realizado pela mão passiva ao qual é agregado outro morfema. O morfema-base é articulado pela mão passiva e o morfema especificador é articulado pela mão ativa (FARIA-NASCIMENTO, 2009, pp. 95 - 96). A seguir, apresentamos o Construto da formação de uma UT segundo Faria-Nascimento (2009):

Unidade Terminológica (UT) = base presa (Bp) + morfema especificador (Mesp).

$$UT = Bp + Mesp$$

Como a concepção do morfema-base está condicionada aos parâmetros da Libras, consideramos o princípio da CM como parâmetro para nos auxiliar quanto à forma da mão, à flexão e contração dos dedos e aos movimentos internos da palma da mão. A seguir, na Figura 26, apresentamos a relação das 75 Configurações de Mãos que utilizamos na pesquisa:

**Figura 26** – Configuração de Mão de Faria-Nascimento (2009).



Fonte: FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 177 -183.

#### 4.1.2 Corpus da pesquisa

Nesta seção, apresentamos o corpus da pesquisa. O grupo de pesquisadores do LabLibras criou 44 UTS para compor os verbetes do glossário proposto em Libras, a partir dos termos em LP, extraídos das provas do ENEM, de 2009 a 2014, como dito anteriormente.

Das 44 UTS, 13 delas apresentam algum morfema-base e 1 chamou muita atenção por ser uma UTCS bem formada. Esses 14 sinais-termo foram apresentados para os estudantes que participaram da validação e todos foram validados. Em face do tempo, os outros 30 sinais-termo criados não foram validados.

Aplicamos nos 14 sinais-termo a teoria de Marchand (1969) sobre a formação de palavras por derivação e composição. A partir dessa teoria, separamos o corpus em dois níveis: expansão e derivação. No nível da expansão, identificamos o processo de composição. Não identificamos na análise dos dados da pesquisa a formação de sinais-termo a partir do processo de prefixação. Além disso, no processo de derivação, utilizamos a teoria de Faria-Nascimento (2009) de morfema-base. Identificamos que todos os sinais-termo derivados possuem morfema-base.

Os 14 sinais-termo são: AMÉRICA PORTUGUESA, BRASIL IMPERIAL, BRASIL REPÚBLICA, EXPANSÃO MARÍTIMA, COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO, COLÔNIA DE POVOAMENTO, CONQUISTA, OCUPAÇÃO, COLÔNIA, PRIMEIRO REINADO, PERÍODO REGÊNCIAL, SEGUNDO REINADO, NACIONALISMO e ABDICAÇÃO. Todos foram submetidos às teorias selecionadas, a saber, a de Marchand (1969) e a de Faria-Nascimento (2009). Durante a análise, surgiu a proposta desta pesquisa, a qual denominamos “predicação de UTCS”. Segue análise individual dos sinais-termo selecionados:

- I. Aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009): Morfema-Base + Morfema Especificador
  - a. AMÉRICA PORTUGUESA
  - b. BRASIL IMPERIAL
  - c. BRASIL REPÚBLICA
  - d. COLÔNICA DE EXPLORAÇÃO
  - e. COLÔNIA DE POVOAMENTO
  - f. CONQUISTA
  - g. OCUPAÇÃO
  - h. COLÔNIA
  - i. PRIMEIRO REINADO

j. PERÍODO REGENCIAL

k. SEGUNDO REINADO

l. NACIONALISMO

m. ABDICAÇÃO

II. Aplicação do Sistema de Formação de Palavras de Marchand: Derivação e Composição

a. AMÉRICA PORTUGUESA

b. BRASIL IMPERIAL

c. BRASIL REPÚBLICA

d. EXPANSÃO MARÍTIMA

e. COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO

f. COLÔNIA DE POVOAMENTO

g. CONQUISTA

h. OCUPAÇÃO

i. COLÔNIA

j. PRIMEIRO REINADO

k. PERÍODO REGENCIAL

l. SEGUNDO REINADO

m. ABDICAÇÃO

III. Predicação de Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas

a. EXPANSÃO MARÍTIMA

b. PRIMEIRO REINADO

c. PERÍODO REGENCIAL

d. SEGUNDO REINADO

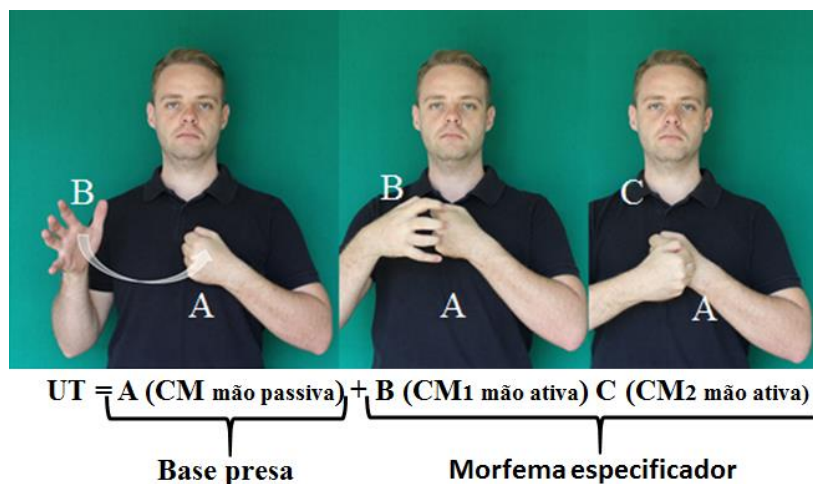
e. NACIONALISMO

f. ABDICAÇÃO

Ao analisarmos os conceitos dos termos AMÉRICA PORTUGUESA, BRASIL IMPERIAL e BRASIL REPÚBLICA no LabLibras da Universidade de Brasília, identificamos no conceito de AMÉRICA e BRASIL um morfema-base com a CM em ‘Y’ em que o morfema especificador articulará as propriedades conceituais inerentes ao termo no português. Assim, há

a aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009) para a UT a) AMÉRICA PORTUGUESA conforme apresenta a Figura 27:

**Figura 27** – ULS/Sinal-termo de “AMÉRICA PORTUGUESA” e aplicação do Construto de Faria-Nascimento (2009).

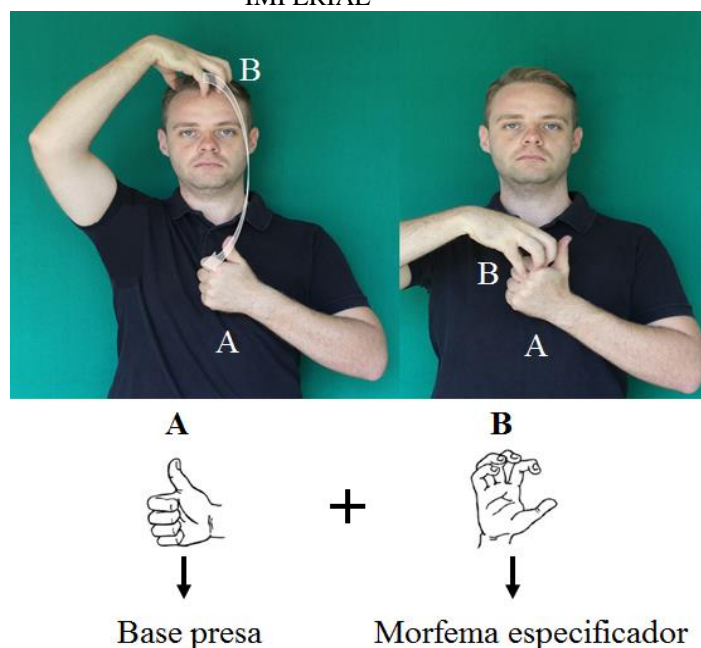


Fonte: Felten (2016).

O morfema especificador, no sinal-termo apresentado na Figura acima, carrega o conceito do período histórico em que os portugueses dominaram, exploraram e povoaram o território pertencente a Portugal na América quando ainda não era constituída como Nação.

Em Libras, conforme os dados das análises investigativas, a considerar o valor semântico dos termos BRASIL IMPERIAL e BRASIL REPÚBLICA no Português, os sinais-termo correspondentes levam em consideração o morfema-base A, que tem propriedades-conceituais inerentes ao termo no português agregado ao morfema especificador, conforme a aplicação do construto na Figura 28:

**Figura 28** – Combinação entre as CMs dos morfemas AB na ULS/Sinal-termo de “BRASIL IMPERIAL”



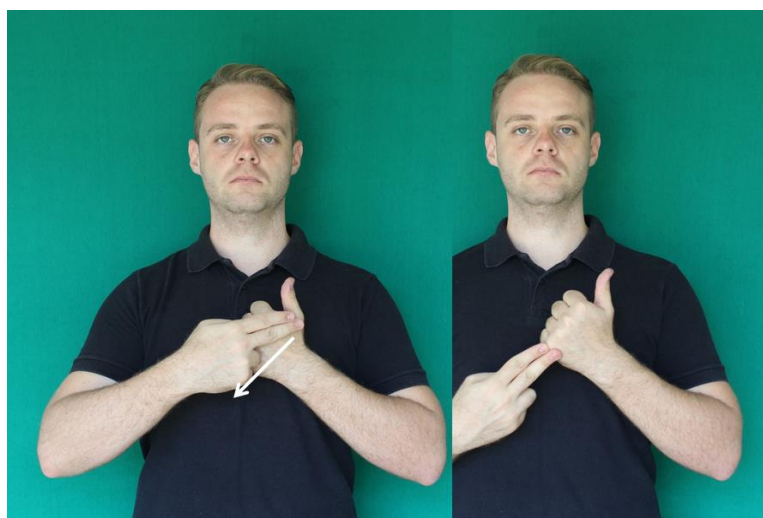
Fonte: Felten (2016)

O componente A que carrega o conteúdo semântico de Brasil, em Libras, pertence à categoria gramatical dos substantivos, bem como o componente B, Império. O sinal-termo apresentado na Figura 28 pertence à mesma categoria gramatical.

A construção acima apresentada segue as regras da formação de sinais, conforme os elementos linguísticos de Libras. O componente A e B são fonomorfemas aplicados à proposta da terminografia. Essa formação se configura em UTCs que são entendidas como construções léxicas com mais de um morfema lexical que formam uma única unidade lexical. O sinal-termo correspondente apresentado na Figura 28 se refere ao modelo de análise da formação e das regras de construção das Unidades Terminológicas Complexas (UTCs), propostas por Faulstich (2003, *passim*).

Nos dados desta pesquisa, foram apresentados alguns sinais-termo que se configuram como Unidade Terminológica Simples (UTS), embora o termo correspondente no Português seja considerado uma UTC, como é o caso de BRASIL REPÚBLICA. Neste exemplo, temos o morfema-base que corresponde ao conteúdo semântico de Brasil e o morfema-especificador que corresponde à República, isto é, representado pela faixa presidencial, sob o governo representativo de um presidente. Vejamos o exemplo na Figura 29 a seguir:

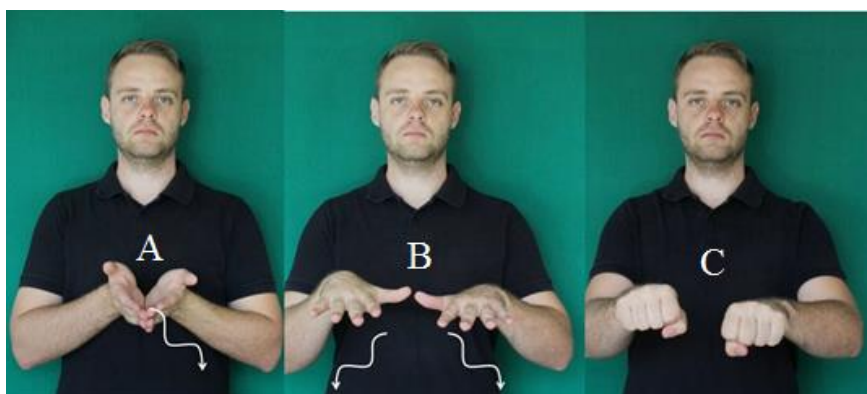
**Figura 29** – ULS/Sinal-termo de BRASIL REPÚBLICA.



Fonte: Felten (2016).

Outro dado que podemos inferir sobre a criação de sinais-termo por composição é o exemplo de EXPANSÃO MARÍTIMA conforme a Figura 30.

**Figura 30** – ULS/Sinal-termo de EXPANSÃO MARÍTIMA.



Fonte: Felten (2016).

O sinal-termo é composto por três ULs que são: EMBARCAÇÃO (A), MOVIMENTO DO MAR classificador (B) e CONQUISTAR (C). Neste caso, o classificador funciona como UL autônoma. Por haver característica composicional, esse sinal-termo fecha como uma Unidade Terminológica Complexa Sinalizada (UTCS).

No que se refere ao processo de formação por derivação, toda combinação AB é composta de afixos, isto é, morfemas presos (morfemas especificadores) à mesma raiz ou morfema-base. Para Faria-Nascimento (2009, p. 96), “o termo equivale à ‘base-livre’ que é, grande parte das vezes, constituída de uma UL ou de uma UT na LSB, que passa a ser base para a construção de novos termos, associado a um ‘morfema-presos’”. Para tanto, a autora explica

que o processo derivacional em Libras se dá por “uma estrutura-base que equivale ao morfema-base; à base presa ou radicais é constituída, normalmente, por CM, OP e PA” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97).

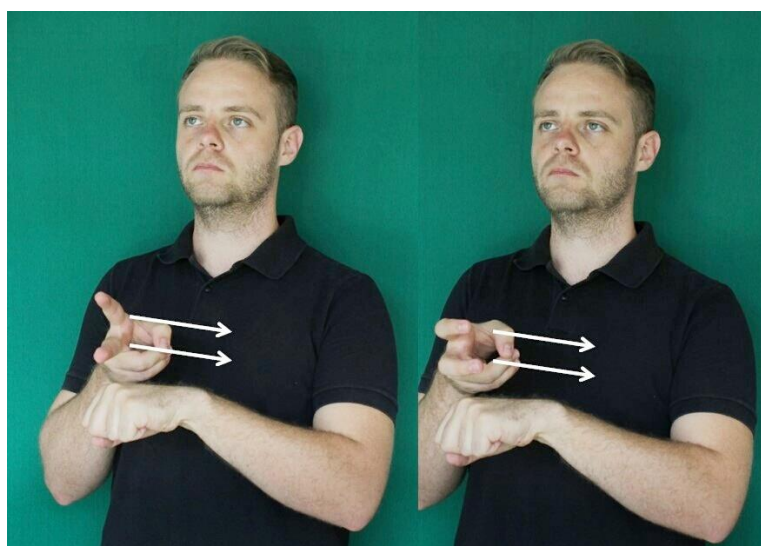
O produto, como a autora chama o sinal formado, é o “resultado de derivações prefixais, ou seja, à base associa-se a outra mão com CM, OP, PA e os demais parâmetros: Mov., EF e EC para constituir a nova UL ou UT” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97). Nas análises da formação de UT por nós empreendidas, verificamos o processo derivacional nos sinais-termos de: COLÔNIA, na Figura 31; COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO na Figura 32; COLÔNIA DE POVOAMENTO na Figura 33; CONQUISTA na Figura 34 e OCUPAÇÃO na Figura 35.

**Figura 31** – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA.



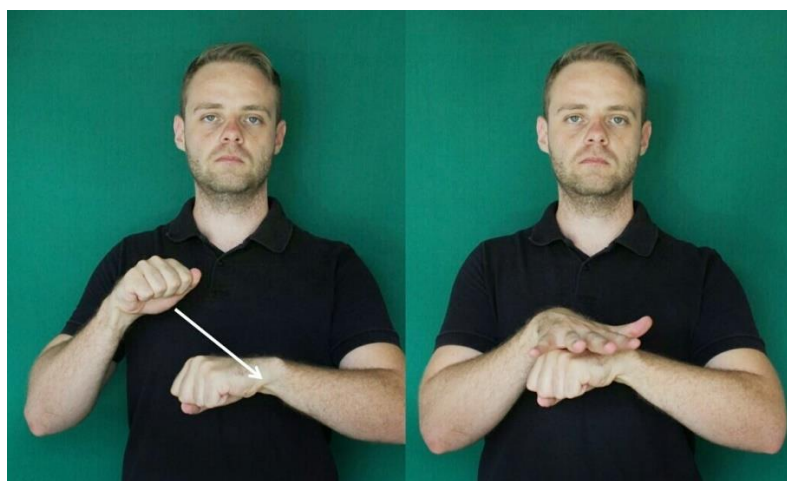
Fonte: Felten (2016).

**Figura 32** – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO.



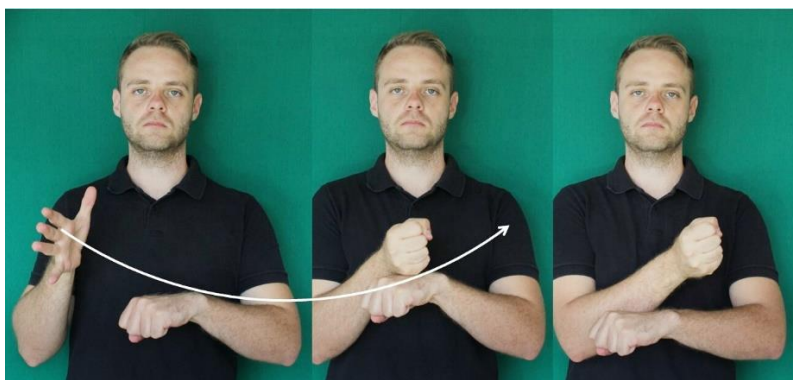
Fonte: Felten (2016).

**Figura 33** – ULS/Sinal-termo de COLÔNIA DE POVOAMENTO.



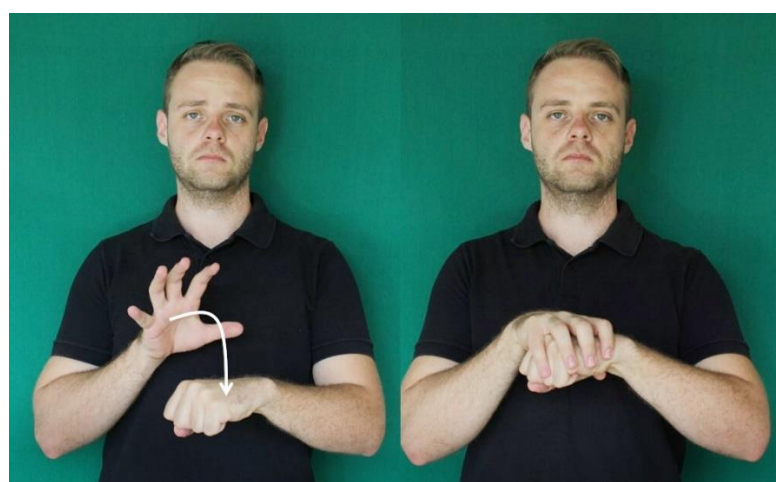
Fonte: Felten (2016).

**Figura 34** – ULS/Sinal-termo de CONQUISTA.



Fonte: Felten (2016).

**Figura 35** – ULS/Sinal-termo de OCUPAÇÃO.



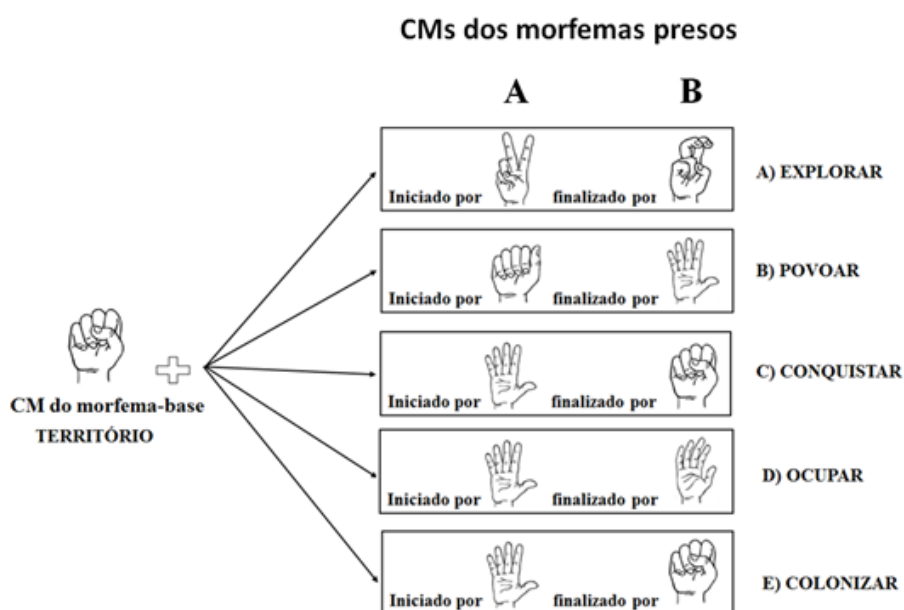
Fonte: Felten (2016).



Verificamos que os sinais-termo acima apresentados possuem um mesmo morfema-base, pois, é possível agregar qualquer conteúdo semântico. O que os especifica é o morfema especificador que será combinado à mão ativa formada de CM, OP, PA e os demais parâmetros Mov., EF e EC.

A seguir, apresentamos na Figura 36 um esquema com as CMs do morfema-base e morfemas especificadores que representam o processo de derivação que contempla os exemplos acima, em seguida, apresentamos os sinais-termo.

**Figura 36** – A formação de sinais-termo pelo processo de derivação por morfema-base.



Fonte: Felten (2016).

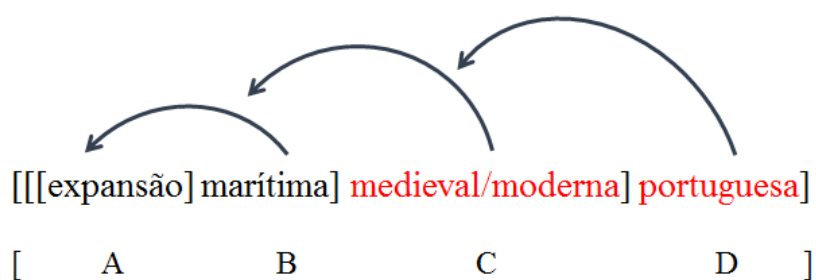
#### 4.2 UNIDADE TERMINOLÓGICA COMPLEXA SINALIZADA

De acordo com os dados apresentados como resultado dos processos de criação de sinais-termo, obtivemos algumas UTCS e observamos que o morfema especificador ou mão passiva desempenha o papel de predicador do morfema-base articulado pela mão passiva. Segundo a perspectiva da formação dos termos de Faulstich (2003, p. 12), há regras que demonstram como os formativos compõem UTCs que possuem um contínuo conceitual. A construção de uma UTC é um contínuo, segundo a autora, que vai de base +geral ao +específico, isto é, uma base genérica que recebe um significado mais específico. Para entendermos melhor a respeito desta composição, é necessário que saibamos a diferença entre uma UT composta e uma UTC.

A UT composta é formada por uma base acrescida de um predicado em que o conceito da UT se encerra. A UTC, no entanto, é formada por uma base com conceito +geral que sustenta outros predicados por meio de argumentos +específicos. A definição da UTC ocorre até a exaustão semântica. Além disso, “no contínuo de uma UTC, os argumentos são reoperados do significado de cada conjunto sintagmático antecedente, com função de especificar, de tal forma que, no intervalo que vai do +geral ao +específico processa-se o novo conceito” (FAULSTICH, 2003, p. 15).

Todas as considerações acerca da formação de UTs estão fundamentadas em estudos de UTCs no Português. Por se tratar de um estudo terminológico de alguns termos da História do Brasil, apresentamos, por sua vez, a organização formativa no seguinte construto adaptado de Faulstich (2003, p. 14) na Figura 37 a seguir:

**Figura 37** – Formação da UTC segundo Faulstich 2003.



Fonte: Felten (2016).

Neste construto, observamos que há uma base mais genérica representada por A, predicada por BCD. No caso, os especificadores CD são palavras possíveis que não aparecem no texto usual, por isso estão marcados em vermelho, no entanto, dão valor semântico para a UTC formada na área de especialidade, uma vez que as expansões marítimas ocorridas na Europa, conforme o conhecimento histórico, ocorreram em um determinado período (C) e foram empreendidas por portugueses (D) ou espanhóis.

Faulstich (2003, *passim*) explica ainda que os termos ausentes na UTC, ou “casa vazia”, como a autora determina, são marcados por um zero (Ø). Esse zero indica que naquele lugar na UTC existe um formativo *in absêntia*. Na Figura 37, os especificadores marcados C e D indicam que ali é o local de um formativo apagado, assim, exemplificamos a seguinte marcação: ‘expansão marítima-ØØ’.

Assim, a partir da aplicação do constructo apresentado acima, acreditamos ser possível comprovar as regras postuladas por Faulstich, no sentido de descrever a formação das UTCs

sinalizadas nos sinais-termo da História do Brasil, além de oferecer ao público que se destina esta pesquisa conhecimento linguístico substancial e elementar.

A partir dos estudos apresentados sobre as UTCS, foi possível criar um novo postulado. De acordo com os dados encontrados nesta pesquisa, postulamos, pois, que a mão ativa ou morfema especificador será sempre o argumento que predica a mão dominante ou morfema preso, visto que a base depende de argumentos na criação de sinais-termo em Libras. Para mais, ao analisarmos as UTCS, partimos do pressuposto de que em Libras se predica por unidades fonomorfológicas que vão compor a UTC.

As análises direcionais em Libras estão relacionadas aos estudos do Movimento (M) como parâmetro, conforme as observações de Ferreira - Brito (1990), ao mostrar que o M pode estar nas mãos, punhos e antebraço, além de categorizar os movimentos direcionais em unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. Klima e Bellugi (1979 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 54) falam sobre a direcionalidade como um elemento de uma vasta rede de formas e direções no parâmetro complexo do Movimento e pontuam os movimentos direcionais no espaço. No Quadro a seguir, mostramos a direcionalidade dentro das categorias do parâmetro movimento em Libras, segundo Ferreira-Brito (1995 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 56):

**Quadro 5** – Categorias do parâmetro Movimento na Libras.

<p><b>TIPO</b>  <i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semi-circular, sinuoso, angular, pontual;  <i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado; <i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;  <i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento; <i>dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo;  <i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo);</p>
<p><b>DIRECIONALIDADE</b>  Direcional  - <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial;  - <i>Bidirecional:</i> para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda;  Não-direcional.</p>
<p><b>MANEIRA</b>  Qualidade, tensão e velocidade  - contínuo;  - de retenção;  - refreado;</p>
<p><b>FREQUÊNCIA</b></p>

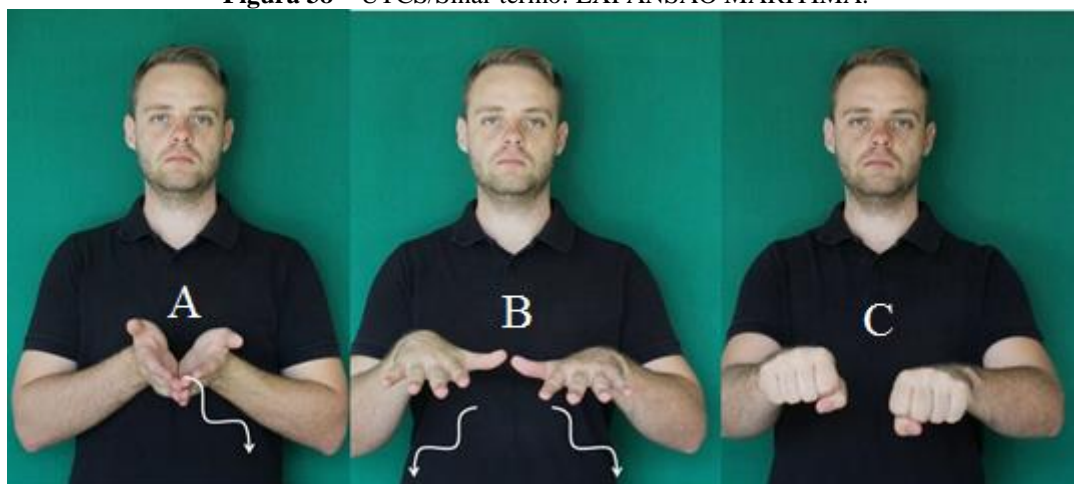
Repetição - simples; - repetido;
--

Fonte: Quadros e Karnopp (*apud* Ferreira-Brito, 2004; p. 56a)

Dispondo do movimento direcional subdividido em categorias unidirecionais e bidirecionais apresentadas pelas autoras Ferreira-Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004), constatamos que o morfema especificador é produzido pela mão ativa ou produzida pela mão passiva. Assim, a proposta deste postulado é que a predicação em Libras ocorre pelo acréscimo de fonomorfemas que respeitam a ordem sequencial na produção da ULS.

Para justificar, buscamos nos dados as UTCS para as análises de ordem predicativa. Segue o exemplo na Figura 38.

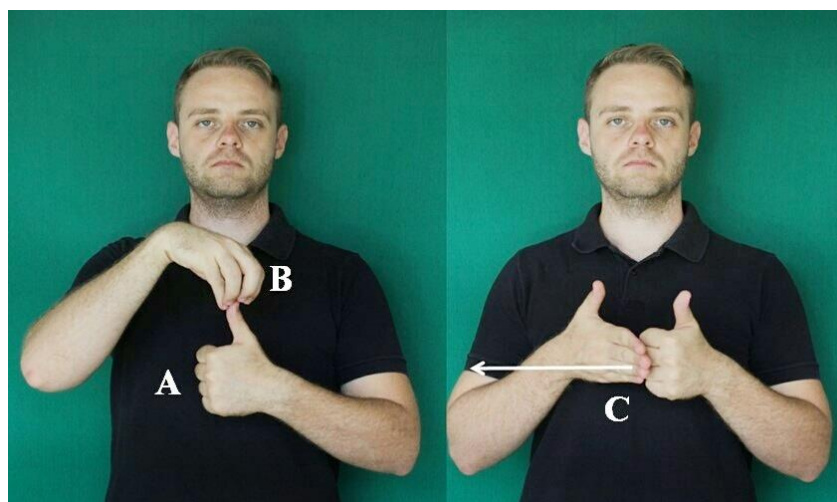
**Figura 38** – UTCS/Sinal-termo: EXPANSÃO MARÍTIMA.



Fonte: Felten (2016).

No exemplo acima, temos uma UTCS formada por três outras ULS: EMBARCAÇÃO (A), MOVIMENTO DO MAR classificador (B) e CONQUISTA (C). As viagens marítimas eram realizadas por embarcações como caravelas, naus e galeões para conquista de outros territórios ou obtenção de mercadorias como as especiarias. A UL autônoma “C” da UTCS em questão, apresenta uma visão prototípica no consciente dos falantes da língua, pois as Expansões Marítimas do século XV e XVI, por uma questão conceitual, fora o período da descoberta das Américas e das conquistas europeias. Assim, a base A possui valor +geral, opera um significado mais abrangente em Libras e sustenta um predicado BC mais abrangente.

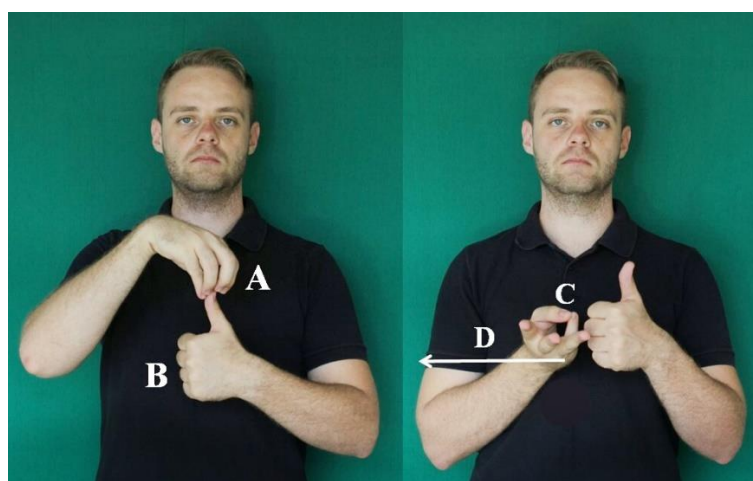
**Figura 39** – UTCS/Sinal-termo: PRIMEIRO REINADO.



Fonte: Felten (2016).

Na figura 39, temos uma UTC sinalizada formada por três outras UL sinalizadas: PRIMEIRO/UM (A), COROA prototípica (B) e PERÍODO (C). O Primeiro Reinado é caracterizado como um período da história do Brasil (1822-1831) que se iniciou com a proclamação da Independência e findou-se com a Abdicação de D. Pedro I. Percebemos que a UTCS possui a base (A) que possui valor +geral, opera um significado mais abrangente em Libras e sustenta predicados +específicos COROA e PERÍODO (BC). A UL B está linguisticamente reconstruída por não ser o sinal original.

**Figura 40** – UTCS/Sinal-termo: PERÍODO REGENCIAL.



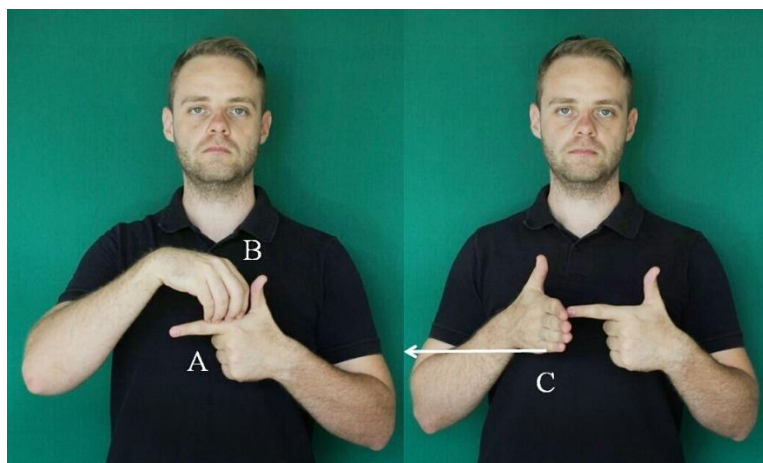
Fonte: Felten (2016).

Na figura 40, há uma UTCS formada por quatro outras ULS: PRIMEIRO/UM (A), COROA (B), TRÊS (C) e PERÍODO (D). O Período Regencial é caracterizado como um período da história do Brasil (1831-1840) que se iniciou com a Abdicação de D. Pedro I e o governo do império brasileiro ficou a cargo de representantes do Imperador que não possuía

idade suficiente para gozar das competências da realeza. Ademais, pode ser entendido como um contínuo do Primeiro Reinado. À vista disso, a UTCS possui base A com valor +geral do conceito; B reopera no conceito de A; C reopera no conceito de AB; D reopera no conceito de BC e fecha o conceito complexo. A base +geral A possui CM com formação ambígua e depois aglutinado.

Em Libras, o elemento C, segundo o morfema especificador, pode ser modificado e obedecer ao valor semântico da UTCS caso seja inserido um novo predicador como na UTC ‘Período Regencial Inglês’. Nesse período regencial no Reino Unido, o Rei George III foi considerado inapto a reinar e seu filho, o Príncipe de Gales, governou como Príncipe Regente – a 1820, se tornando posteriormente George IV, com a morte de seu pai. Na UTCS apresentada pela Figura 40, será necessário o acréscimo do argumento predicativo REINO UNIDO para reoperar o conceito.

**Figura 41** – UTCS/Sinal-termo: SEGUNDO REINADO.



Fonte: Felten (2016).

Na figura 41, temos uma UTCS formada por três outras ULS: SEGUNDO/DOIS (A), COROA (B), e PERÍODO (C). O Segundo Reinado é caracterizado pelo período da história do Brasil entre 1840 e 1889 governado pelo imperador D. Pedro II, e finalizado com a Proclamação da República. À vista disso, a UTCS possui a base A que possui valor +geral do conceito; B reopera no conceito de A; C reopera no conceito de AB e fecha o conceito complexo.

As UTCS representadas pelas Figuras 39 e 41 podem sustentar outro argumento predicador como a UTC no Português ‘Primeiro Reinado da Dinastia de Aviz’ com o reinado de D. João I, “o de Boa Memória” entre 1385 e 1433; ou ainda ‘Segundo Reinado da Dinastia de Bragança’ com o reinado de D. Afonso VI, “O Vitorioso”. Os argumentos predicadores

apresentados estão *in absêntia*, e ao serem usados, funcionam como reoperadores do significado, dessa forma, se usados, processam novos conceitos no Português e em Libras.

**Figura 42** – UTCS/Sinal-termo: NACIONALISMO.

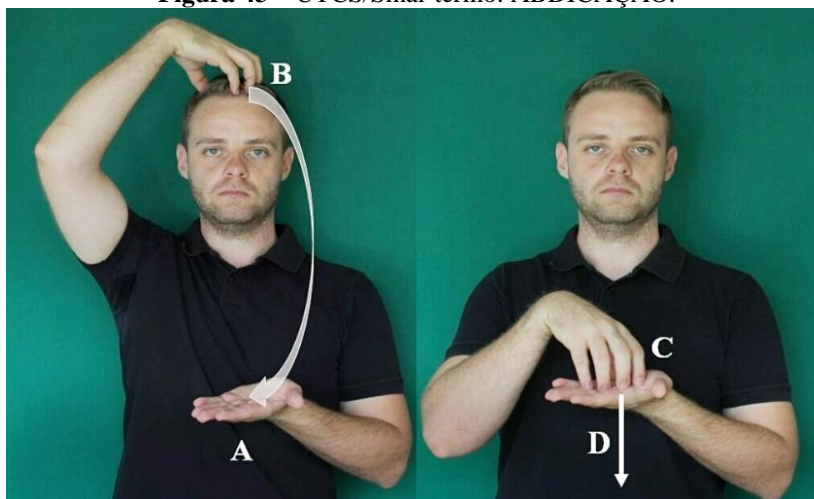


Fonte: Felten (2016).

Na Figura acima, temos uma UTCS formada por quatro outras ULS: TERRITÓRIO (A), CONSCIÊNCIA (B), BANDEIRA (C) e EMPONDERAMENTO/ATITUDE (D). O nacionalismo é entendido como uma corrente de pensamento e um sistema de atitudes e representações que exaltam os valores nacionais, à qual se pertence de maneira prioritária, em função de se seu território. À vista disso, a UTCS possui uma sequência conceitual em que a base A possui valor +geral do conceito; B reopera no conceito de A; C reopera no conceito de AB; D reopera no conceito de CD e fecha o conceito complexo.

O exemplo acima explorado, embora o termo no Português não seja uma UTC, em Libras tem o conceito funcionando de maneira sequencial, reoperando os demais conforme apresentado, compondo um formativo complexo. Assim sendo, é notável que uma UTS em Português pode não o ser em Libras ou o inverso.

**Figura 43** – UTCS/Sinal-termo: ABDICAÇÃO.



Fonte: Felten (2016).

No exemplo acima (Figura 43), temos uma UTCS formada por três outras ULS: COROA (B) e ENTREGA coroa (D). A Abdicação é entendida como a renúncia do governo imperial por D. Pedro I. Nesta UTCS aferimos que há uma composição dos elementos A e B para formar o C. À vista disso, a UTCS possui uma composição conceitual em que a base A possui valor +geral (genérico) do conceito; B significa A no sentido de tirar a Coroa; C reopera no conceito de AB de tal forma que constitui um significado apenas de Coroa tirada; D reopera no conceito de BC e fecha o conceito complexo. A direção “para frente” de D é que completa o conceito de renúncia, já que o ato de retirar a coroa não encerra o conceito, por isso, o elemento direcional é fundamental para a sequência de combinações na formação de UTCS.

Podemos observar, no Quadro 6 a seguir, que a UTS EXPANSÃO MARÍTIMA aparece em duas teorias: a formação de UTS por composição e a formação de UTCS conforme as análises desta pesquisa. Dessa forma, a análise está dividida em 3 grupos, conforme os Quadros 5, 6 e 7:

**Quadro 6** - Relação de UTS segundo a formação de palavras de Marchand (1969) e de sinais de Faria-Nascimento(2009)

<b>FORMAÇÃO DE SINAIS-TERMO</b>	
Derivação Marchand (1969) / Faria- Nascimento (2009)	COMPOSIÇÃO Marchand (1969)
América Portuguesa	Expansão Marítima
Brasil Imperial	
Brasil República	
Colônia de Exploração	
Colônia de Povoamento	
Conquista	
Ocupação	
Colônia	
Abdicação	
Nacionalismo	
Primeiro Reinado	
Período Regencial	
Segundo Reinado	



**Quadro 7** – Relação de UTCS segundo a formação de sinais-termo pelo processo de derivação.

Predicação de UTCS Felten (2016)
Primeiro Reinado
Período Regencial
Segundo Reinado
Nacionalismo
Abdicação

**Quadro 8** – Relação de UTCS segundo a formação de sinais-termo pelo processo de composição.

Predicação de UTCS Felten (2016)
Expansão Marítima

Assim como nas UTCs em Português, conforme apresentamos nos exemplos explorados, verificamos aspectos predicativos na construção de terminologias complexas sinalizadas. O primeiro deles é que, em Libras, a predicação se dá pela agregação de uma unidade fonomorfológicas ao morfema base, uma vez que é composta de morfema-base e morfemas.

O segundo aspecto observado é relacionado à ordem e ao posicionamento das UTCS, porque a importância dessa relação indica para a posição para a qual a mão dominante ou o morfema especificador será conduzido. Identificamos três posições diferentes que chamamos de: posição convencional, posição real e posição direcional. A primeira posição segue as regras da língua, isto é, obedece ao PA de determinado UTCS, por isso chamado de convencional. A segunda posição obedece à localização real no espaço físico, isto é, quando a UTCS é produzida, ao fazer referência à direção de determinado espaço físico. A terceira posição obedece à direção determinada pelo valor semântico da UTCS, ou seja, o conteúdo conceitual que dá forma a UTCS, como constatado na Figura 37, em que a direção determinada pela definição que conduz o movimento para frente CONQUISTAR mantém um conceito funcional e sua utilidade discursiva, sendo impossibilitada a direção contrária.

Wilbur (1987 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 56), em seus estudos na ASL, infere que o movimento direcional de um sinal “pode apresentar somente um movimento de direção (*path*), somente um movimento local ou a combinação simultânea entre ambos”, entretanto, vimos nos exemplos das Figuras 42 e 43 que uma UTCS pode conter mais de um movimento de direção dependendo das unidades predicativas que o compõem.

O modelo teórico que apresentamos neste Capítulo postula que, na formação de uma UTCS, sua forma e o conteúdo conceitual estão enquadrados no funcionamento da gramática de Libras.

O estudo comparativo motivado pelo construto de Faulstich (2003, *passim*) nos mostrou que há regras na formação de UTCS no que tange aos traços conceituais essenciais para determinar traços importantes como a posição em que as unidades predicativas sinalizadas serão designadas.

Esse assunto, objeto de nossas pesquisas, não está concluído nesta proposta, contudo, funciona, em princípio, para mostrar que a formação UTCS possui regras intrincadas e que há muito a ser investigado a respeito da terminologia em Libras. A seguir, veremos como o estudo empreendido pela terminologia em Libras serve para o conhecimento científico na Educação de Surdos.

#### 4.3 A FUNÇÃO SOCIAL DA TERMINOLOGIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS

De acordo com Krieger (2011), nos últimos vinte anos, a produção lexicográfica, em âmbito internacional, ampliou-se de forma significativa. Entre essas produções, encontram-se dicionários e glossários técnico-científicos que atendem as variadas áreas do conhecimento humano. O léxico especializado adota a metodologia de cumprir objetivos aplicados, segundo a autora. Os estudos terminológicos se destacam pela terminografia que atenda interesses práticos da área ou do conhecimento científico em seus campos temáticos.

Podemos dizer, dessa forma, que o objetivo, dentre outros, de obras lexicográficas de natureza terminológica é fornecer informações para a amplificação das atividades essenciais à sociedade de forma prática, a obter esclarecimentos sobre a linguagem por meio de termos utilizados em áreas específicas ou do conhecimento científico. Por esse motivo, o glossário de alguns termos que compõem o léxico da História do Brasil tornar-se-á uma ferramenta que proporcionará aos estudantes Surdos construir conceitos e aplicá-los em diferentes contextos como explicar a relação entre Portugal e sua colônia na América, antes que esse território se tornasse Brasil.

Além disso, o consulente poderá agregar informações significativas em seu processo de aprendizagem sobre a História do nosso país, a fim de apreender e compreender, de maneira efetiva, a realidade em que estiver estudando. A terminologia investigada e organizada em forma de glossário fará com que o mesmo possa ser consultado por professores de História e

professores de Surdos, além de poder contribuir com metodologia de trabalho que contemple o vocabulário específico que domina o léxico de Libras.

Um Surdo, por exemplo, ao usar o termo em suas relações com professores, intérpretes ou seus pares, precisa ter segurança quanto ao significado do vocábulo e às diferenças entre o léxico comum utilizado regularmente, ou seja, saber a diferença entre uma UTS e uma UTCS, por exemplo, só assim o sujeito terá certeza de que compreendeu o que significa “X” ou “Y” e a correlação que essas unidades estabelecem com o conteúdo lecionado em sala de aula.

Dentre tantas atribuições inerentes aos dicionários e glossários, uma outra é o uso consciente e crítico dessas obras. Se o aluno Surdo contar com obras bilíngues que atendam às suas necessidades específicas, a lexicografia estará proporcionando conhecimento sistematizado sobre o léxico e proporcionará função relevante no conhecimento escolar sobre a língua de sinais, o Português e o conhecimento intrínseco ao léxico. Essas são atribuições didáticas correspondentes ao uso da lexicografia que compõe o vocabulário de especialidade.

O vocabulário da História do Brasil, organizado por esta pesquisa, está em consonância com a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), quando determina em seu Art. 9º que os componentes obrigatórios devem ser tratados em uma ou mais áreas do conhecimento para compor o currículo. O item C do Art. determina que o ensino da História do Brasil leva em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

Essa determinação regula as Diretrizes Curriculares Nacionais que definem a formação básica comum e da parte diversificada da educação básica que, em 2013, publicou novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. As diretrizes “estabelecem a base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (BRASIL, 2013, p. 4).

No entanto, nos últimos anos, a perspectiva da base nacional comum está a sofrer transformações para a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que objetiva estabelecer o que os estudantes brasileiros precisam aprender, desde a educação infantil até o final do ensino médio. Para que a BNCC alcance a equidade na formação dos estudantes brasileiros, o Ministério da Educação (MEC) disponibilizou o documento prévio com as diretrizes e convidou a sociedade brasileira para discussões e contribuições para a construção do documento. Por meio do sítio disponibilizado pelo MEC, professores e outros agentes sociais comuns podem ter acesso a esse documento, que ficou para consulta pública até o dia 15 de março de 2015,

meio pelo qual todos os interessados puderam fazer observações sobre o texto preliminar. O texto para consulta está disponível por meio de cadastro, e o usuário avaliou questões relativas aos objetivos dos procedimentos de pesquisa das séries finais do Ensino Fundamental, por exemplo, conforme apresentamos na Figura 44:

**Figura 44** – Versão preliminar da BNCC da Disciplina História para os anos finais do Ensino Fundamental.

CHHI6FOA063  
Identificar fontes históricas, tais como documentos pessoais, fotografias, narrativas orais, escritas e iconográficas e materiais audiovisuais, reconhecendo-as como ferramentas para a produção de evidências e posterior formulação de narrativas sobre o passado, ampliando o vocabulário historiográfico e a compreensão sobre o passado do local ou da região em que vive, do Brasil e do mundo.

Avalie este objetivo de aprendizagem em relação às seguintes afirmações X

1) A linguagem utilizada é clara, permitindo que o mesmo seja compreendido pelos participantes da discussão pública.

Concordo fortemente  
 Concordo  
 Sem opinião  
 Discordo  
 Discordo fortemente

Vá até o fim do questionário para salvar a sua contribuição.

Continuar >

Fonte: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/contribua?ac=AC\\_CIH](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/contribua?ac=AC_CIH).

Após a avaliação, segue o questionário em relação aos outros eixos, a saber: *Representações do Tempo, Categorias, Noções e Conceitos e Dimensão Político-Cidadã*, mesmos eixos que apoiam as séries finais da Educação Básica, o Ensino Médio. Nos *Procedimentos de Pesquisa*, um dos três eixos que orientam o ensino de História no Ensino Fundamental das séries finais contempla, entre outros objetivos, a ampliação do vocabulário histórico.

Entendemos que esse objetivo apresenta uma abertura significativa para o uso de glossários e dicionários que compõem o léxico das Ciências Humanas e da História do Brasil. Além disso, o glossário de alguns termos da História do Brasil contemplará de, forma acessível, todo o conteúdo das séries finais do Ensino Fundamental e Médio que estarão determinados no texto definitivo norteados pelos quatro eixos que apoiam o ensino de História na Educação Básica. O documento foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação (CNE) no primeiro semestre de 2016 e o debate contribuirá para uma manifestação pública sobre o documento; e a manifestação deve “conduzir à reflexão e consequente revisão dessas escolhas em função dos anseios e perspectivas sinalizadas pelos participantes do debate”, nos termos documentais.

Finalmente, cumpre destacar que o ensino e a aquisição lexical na Educação de Surdos corresponde a um processo em que o sujeito não aprenderá a palavra de forma mecânica, mas de maneira associada atendendo as contextualizações inerentes aos períodos e fatos históricos. A aquisição lexical, conforme Morgan e Rinvoluceri (2004 apud GOMES, 2011, p.142) é um processo pessoal, pois, “[...] as associações e reflexos dependem do próprio passado e presente. Ampliamos a nossa compreensão dos significados mediante a interação e as trocas com os outros” além disso, na mesma página, os autores afirmam que tal aquisição se caracteriza como um processo baseado na experiência e no esforço pessoal.

Preocupados com a aquisição lexical do aluno Surdo, o glossário proposto por esta pesquisa visa salientar a relevância da terminologia na Educação de Surdos com foco na História do Brasil. Para isso, é necessário que o *corpus* lexical do glossário esteja enquadrado em estrutura adequada para Surdo. Apresentaremos, nos capítulos 5 e 6, o modelo do glossário e as diferenças consideradas de acordo com as modalidades oral da Língua Portuguesa e da Libras.

## **CAPÍTULO 5 – EXPLICAÇÕES ACERCA DA COMPOSIÇÃO DO GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE PORTUGUÊS – LIBRAS DE TERMOS DA HISTÓRIA DO BRASIL**

Neste Capítulo, apresentamos a estrutura dos glossários em Língua Portuguesa e em Libras. Veremos os elementos lexicográficos que nortearam a estruturação, tanto na língua-fonte como na língua-alvo, as instruções de como consultar a obra, além de fornecer informações a respeito da macro e microestrutura dos verbetes em ambas as línguas.

### **5.1 A APRESENTAÇÃO DOS VERBETES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**O Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de alguns termos da História do Brasil** é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística (LIP), do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB), vinculado ao Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm, pelo pesquisador na área da Lexicologia e Terminologia e da Língua Brasileira de Sinais, Eduardo Felipe Felten, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Enilde Faulstich, coordenadora da Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia, e do Projeto de Pesquisa Estudos de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

O glossário considerou a terminologia da História do Brasil sob o ponto de vista linguístico, educacional e tecnológico e sob a perspectiva do conhecimento histórico, posto que há informações que fornecem amplificação do conhecimento prático, a obter esclarecimentos sobre a linguagem por meio de termos utilizados em áreas específicas ou do conhecimento científico. Elaboramos 3 áreas temáticas, a saber, América Portuguesa, Brasil Imperial e Brasil República.

Para a composição do glossário, seguimos os passos: i) coleta dos termos recorrentes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para tal, usamos o programa AntConc<sup>8</sup> para o levantamento desses termos, além de implementar outros por sua importância no ensino de História do Brasil nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio; ii) criação dos sinais-termo correspondentes ao Português na Libras; iii) avaliação dos sinais-termo criados por pesquisadores Surdos e não Surdos vinculados ao Laboratório de Língua Brasileira de Sinais da Universidade de Brasília (UnB); iv) validação dos sinais-termo criados e avaliados pela

---

<sup>8</sup> O AntConc é um *software* que constrói [concordâncias](http://pt.wikipedia.org/wiki/Concordanciador) automaticamente, além de fornecer outras informações como listar a frequência de palavras em um texto. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Concordanciador>>. Acesso em 26 mar. 2015.

comunidade Surda escolar; v) registro dos termos e dos sinais-termo em um glossário sistêmico bilíngue que atenda às necessidades linguísticas do público-alvo.

Podemos dizer, dessa forma, que o objetivo, dentre outros, de obras terminográficas é fornecer informações para a amplificação das atividades essenciais à sociedade de forma prática, a obter esclarecimentos sobre a linguagem por meio de termos utilizados em áreas específicas ou do conhecimento científico. Por esse motivo, o glossário de alguns termos que compõe o léxico da História do Brasil tornar-se-á uma ferramenta que proporcionará aos estudantes Surdos construir conceitos e aplicá-los em diferentes contextos como explicar a relação entre Portugal e sua colônia na América, antes que esse território se tornasse Brasil.

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética no glossário e obedecem à seguinte estrutura: entrada = categoria gramatical + gênero + definição + fonte da def. + contexto + fonte do contexto ± nota ± fonte da nota ± sinônimo ± remissiva. Os campos marcados com o sinal “+” são campos definidos, ou seja, são elementos básicos para compor um verbete e de preenchimento obrigatório. Os campos acima marcados com os sinais “±” podem compor ou não o verbete, depende do objetivo da obra em que o lexicógrafo está a empreender. A expressão abreviada Adapt. quer dizer que a informação foi adaptada da fonte indicada por letras do nome do autor.

A seguir, verbete extraído do glossário:

**grandes navegações** *s.f.* Viagens marítimas de longa distância realizadas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis. COTRIM, 2013. *Portugal foi o primeiro país a empreender as Grandes Navegações no século XV*. COTRIM, 2013. Nota: A principal embarcação marítima utilizada nas Grandes Navegações foi a Caravela. Desenvolvida pelos portugueses, era um navio de estrutura leve movido pelo vento; sua principal característica era a vela de formato triangular, que podia ser ajustada em várias direções para captar a força eólica (do vento). Assim, qualquer que fosse o sentido do vento, a caravela podia navegar na direção desejada pelo piloto. COTRIM, 2013. Ver expansão marítima;

Para complementar as informações, apresentamos as explicações dos campos que compõem o verbete conforme Faulstich (2010, p. 180-183):

1. **entrada**: Unidade linguística que possui conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal. Neste glossário, vem em negrito e em caracteres minúsculos.
2. **categoria gramatical**: indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser s. = substantivo ou n.=nome; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa.
3. **gênero**: Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m = masculino ou f = feminino.
4. **variante**: Formas *concorrentes* com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente.

5. **sinônimo:** Formas *coocorrentes* no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
6. **definição:** A definição é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
7. **fonte da definição:** Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição.
8. **contexto:** O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
9. **fonte do contexto:** Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação.
10. **remissivas:** Sistema de relação de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos e termos conexos.
11. **nota:** Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
12. **fonte da nota:** Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraído o comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementações da definição.

A relação entre termos sinônimos se dá por identidade de significação, como resultado de proximidade conceitual. No glossário, os termos de maior frequência de uso são entradas, e os de menor frequência de uso, mas que possuem identidade de significação com a entrada, são sinônimos, antecidos pela expressão “mesmo que”.

A definição – “um enunciado que expõe de forma sumária as características genéricas e específicas, de um objeto, inserindo-o num determinado campo do conhecimento” (FAULSTICH, 2011, p. 195) – é parte fundamental num glossário terminográfico, porque facilita a compreensão do termo, ao dizer o que é e para que serve (Cf. FAULSTICH, 2014).

São as observações de caráter prático, linguístico ou enciclopédico, com o propósito de apresentar informações complementares as quais trarão suporte histórico referente ao fato e evento que se define. Estão fundamentadas na bibliografia de especialidade consultada.

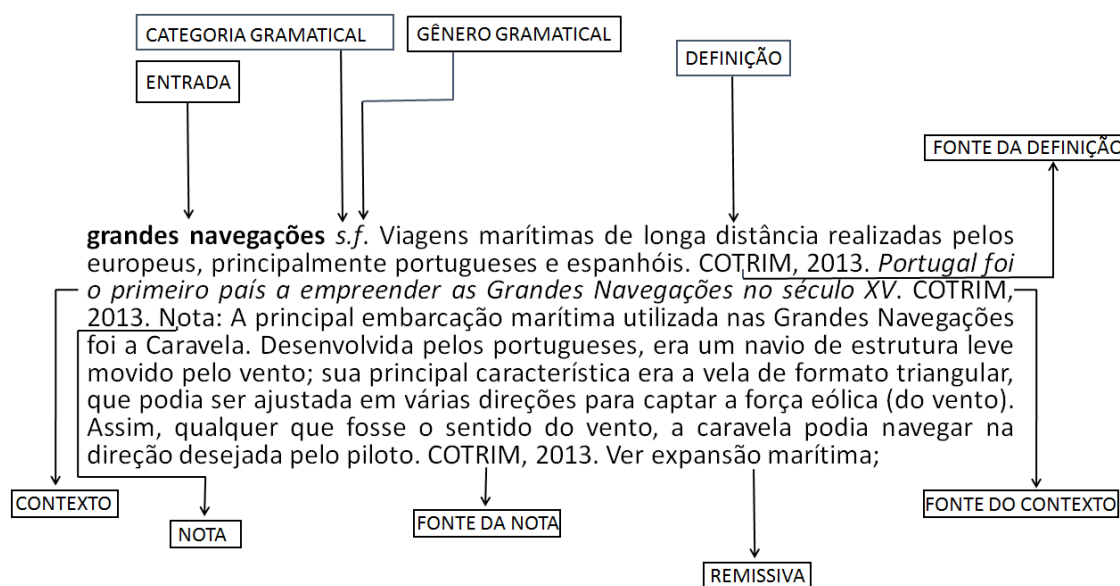
As remissões no glossário funcionam como um sistema de relação de complementaridade entre termos (FAULSTICH, 2010, p. 180-83). Os itens remissivos organizam, de forma sistêmica, a estrutura da obra. Além disto, ampliam a compreensão do conceito explicado nas definições. Para isso, o leitor é conduzido pela expressão Ver. As remissivas constituem novas palavras-entradas no glossário.

Com intenção de registrar e definir corretamente os termos da História do Brasil, foi consultada uma especialista da área, a Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Dayane Augusta Santos da Silva, que analisou os dados de conteúdo da História do Brasil, como as definições e os conceitos que os envolvem. A especialista contribuiu com explicações elementares para aprimorar as definições e as notas.

O modelo da Figura 45 representa os campos canônicos de um verbete, conforme a estrutura lexicográfica apresentada.



**Figura 45** – Estrutura do verbete em Português.



Fonte: Felten (2016).

A terminologia coletada, descrita e organizada, segue dividida conforme apresentado anteriormente em três campos temáticos: América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República. O glossário objetiva, portanto, contribuir com os profissionais, incluindo-se tradutores e intérpretes de Libras, professores Surdos e não Surdos que atuem na Educação Básica com o ensino para Surdos e alunos Surdos e não Surdos que se interessem pela área da História do Brasil.

## 5.2 A APRESENTAÇÃO DOS VERBETES BILÍNGUES

A apresentação do glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de alguns termos da História do Brasil, a seguir, proporciona um nível de comunicação e uma ferramenta eficaz ao consulente em relação à linguagem da História do Brasil, ao contemplar termos e sinais-termo correspondentes.

A organização do glossário em Libras terá adaptações na estrutura para contemplar a modalidade da língua, entretanto, preservará as normas lexicográficas e o conteúdo histórico dos verbetes.


A organização do glossário bilíngue que contempla a Libras será descrita a seguir:

A macroestrutura do glossário, chamada também de paralexigrafia, será apresentada em Português e em Libras. Ao lado das observações de como utilizar o glossário, haverá um vídeo de boas-vindas, mostrando ao consulente que ele deve clicar em cima de cada observação

ao lado para ter acesso ao conteúdo em Libras. Os vídeos que contemplam a língua de sinais estarão legendados em Português para atender as duas línguas envolvidas. Na Figura 46 a seguir, mostramos o modo como será a organização da macroestrutura do glossário em Libras.

**Figura 46** – A macroestrutura do glossário em Libras.

## Observações para o manejo do glossário



- Os sinais-termo estão divididos em 3 campos temáticos: América Portuguesa, Brasil Imperial e Brasil República;
- O vocabulário está ordenado alfabeticamente.
- As palavras-entradas estão em letras minúsculas e em negrito.
- Os itens remissivos organizam de forma sistêmica a estrutura da obra. Além disto, ampliam a compreensão do conceito explicado nas definições. Para isso, o leitor é conduzido pela expressão Ver. As remissivas constituem novas palavras entradas no glossário.

Fonte: Felten (2016).

Para o acesso aos itens das *Observações para manejo do glossário*, o consulente deverá clicar em cima do item desejado. A seguir, na Figura 47, apresentamos o modo como estará disponível o acesso ao conteúdo em Libras:

**Figura 47** – Item da paralexigrafia em Libras.

## Observações para o manejo do glossário

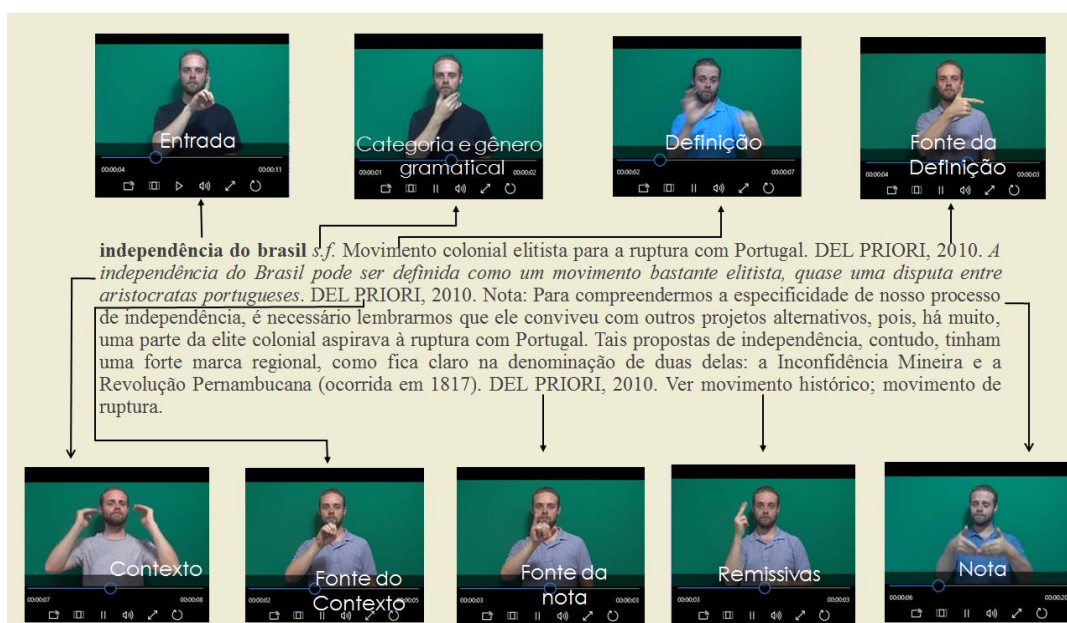


- Os sinais-termo estão divididos em 3 campos temáticos: América Portuguesa, Brasil Imperial e Brasil República;
- O vocabulário está ordenado alfabeticamente.
- As palavras-entradas estão em letras minúsculas e em negrito.
- Os itens remissivos organizam de forma sistêmica a estrutura da obra. Além disto, ampliam a compreensão do conceito explicado nas definições. Para isso, o leitor é conduzido pela expressão Ver. As remissivas constituem novas palavras entradas no glossário.

Fonte: Felten (2016).

A microestrutura do glossário em Libras apresenta dados comuns à microestrutura em Português, com adaptações que levam em conta a estrutura linguística da língua-alvo – a Libras –, entretanto, sem perdas no conteúdo semântico do termo e dos campos terminográficos do verbete. Dessa forma, decidimos manter os mesmos campos terminográficos dos verbetes em português nos verbetes da Libras. No exemplo que segue na Figura 48, apresentamos a estrutura do verbete em Libras:

**Figura 48** – Estrutura do verbete em Libras.



Fonte: Felten (2016).

A lista de abreviações também estará em Libras conforme a Figura 49 exemplificada a seguir:

**Figura 49** – Lista de abreviações do glossário em Libras.



Fonte: Felten (2016).

Para a consulta do glossário, o consulente Surdo poderá buscar os verbetes tanto em Português como pelas Configurações de Mãos de acordo com a mão dominante do sinal-termo. Essa é a forma com a qual outros dicionários e glossários on-line adotaram para contemplar a modalidade da Língua de Sinais, além de proporcionar a busca que seja compatível com sinais que possuem a mesma base morfológica. Como os sinais-termo são articulados por dois articuladores – as duas mãos -, escolhemos a CM da mão dominante para que esta seja a referência para a busca do verbe em Libras. A seguir, apresentamos a organização do glossário para a busca pela CM na Figura 50.

**Figura 50** – Busca do verbe em Libras a partir da CM.



Fonte: Felten (2016).

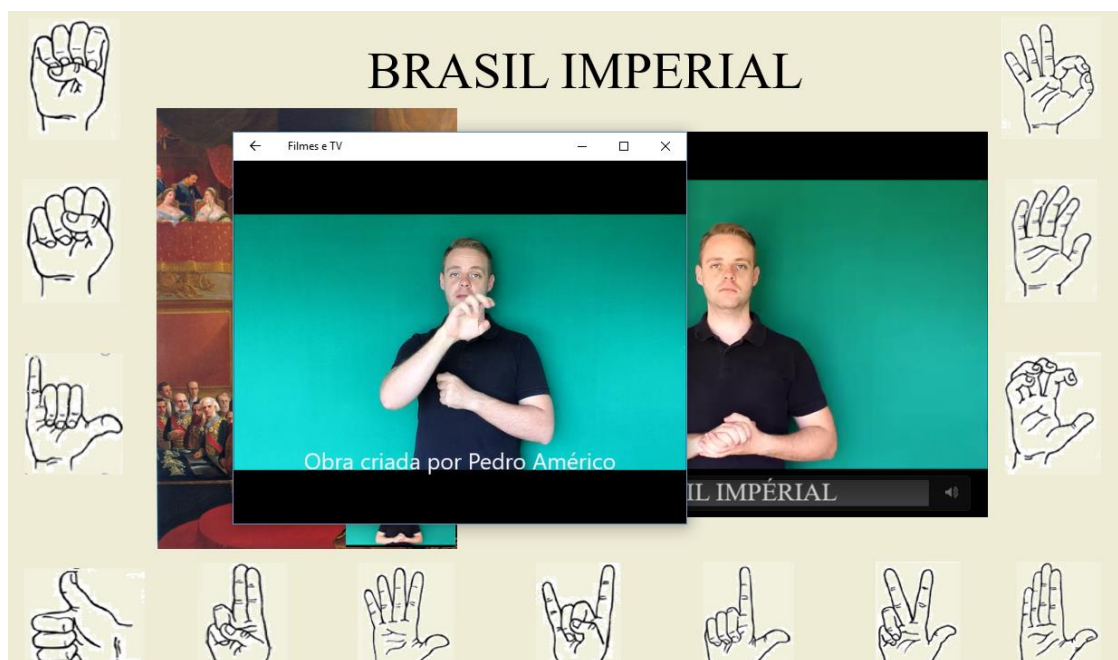
Nos três campos temáticos em que estão divididos os verbetes, o consulente poderá obter o sinal-termo de cada um, a saber, AMÉRICA PORTUGUESA, BRASIL IMPERIAL e BRASIL REPÚBLICA. Para isso, estará disponível a janela com a informação em Libras com legenda em português, conforme a Figura 52. Além disso, na imagem ilustrativa haverá uma pequena janela que indica ‘vídeo’ para que o consulente, ao clicar, tenha acesso a outra janela maior, na qual haverá informações técnicas sobre a imagem, como nos apresenta a Figura 51.

**Figura 51** – ULS/Sinal-termo de BRASIL REPÚBLICA.



Fonte: Felten (2016).

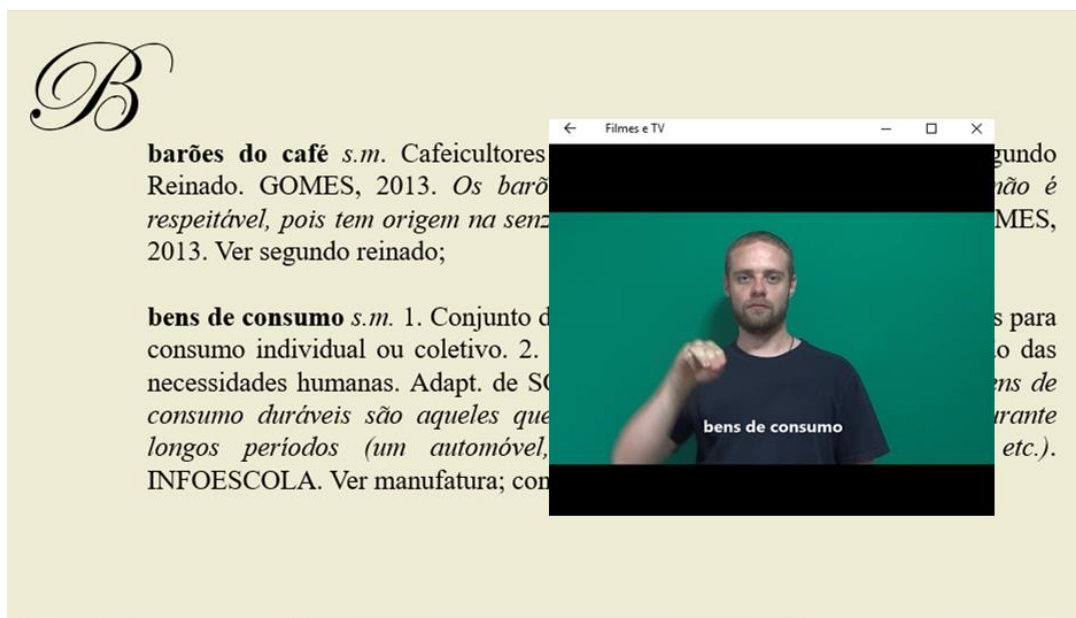
**Figura 52** – Informações técnicas em Libras sobre imagem ilustrativa do BRASIL IMPERIAL.



Fonte: Felten (2016).

Para que o consulente tenha acesso ao verbete em Libras partindo do Português, é necessário que se clique em cima da palavra-entrada que terá um *hiperlink* de acesso ao vídeo do verbete na língua de sinais, conforme apresentado na Figura 53.

**Figura 53** – Busca do verbete a partir do Português.



Fonte: Felten (2016).

Entendemos que um Glossário é um produto lexical e terminológico com autonomia lexicográfica. No entanto, por ser parte fundamental desta pesquisa, o Glossário Sistêmico Bilíngue Português - Libras de Termos da História do Brasil compõe o 6º capítulo da dissertação. Essa metodologia completa e fundamenta toda parte de teoria, de descrição e de aplicação dos estudos feitos no decorrer desta pesquisa.

## CAPÍTULO 6 - GLOSSÁRIO SISTÊMICO DE TERMOS DA HISTÓRIA DO BRASIL EM PORTUGUÊS.

Neste capítulo, apresentamos o Glossário Sistemático de Alguns Termos da História do Brasil em Português, dividido nos três períodos históricos: América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República. Primeiramente, indicamos informações de como consultar o Glossário e a microestrutura do glossário. Em seguida, apresentamos os verbetes organizados em ordem alfabética e, por último, as referências bibliográficas do Glossário.

### GLOSSÁRIO SISTÊMICO DE ALGUNS TERMOS DA HISTÓRIA DO BRASIL EM PORTUGUÊS



## 6.1 APRESENTAÇÃO

O glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de alguns termos da História do Brasil de termos segue os fundamentos teórico-metodológicos da Lexicografia Linguística. O corpus utilizado para a constituição da terminologia foi extraído das provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, dos exames de 2009 a 2014. O glossário compõe-se de 76 verbetes divididos em três áreas da História do Brasil: América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República.

O glossário está disponível para consulta por professores de História, estudantes Surdos. A terminografia proporciona conhecimento e divulgação dos sinais-termo<sup>9</sup> com correspondentes em Língua Portuguesa. O corpus que compõe esta obra é um instrumento linguístico que motiva a internacionalização do Português e da Libras com vistas a divulgar e ampliar temas relevantes da História do Brasil.

## 6.2 SOBRE A MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

### 6.2.1 *Metodologia do Plano de Trabalho*

O glossário considera a descrição da terminologia da História do Brasil, sob o ponto de vista linguístico, educacional e tecnológico e sob a perspectiva do conhecimento histórico, posto que há informações importantes que fornecem amplificação do conhecimento prático de áreas específicas ou do conhecimento científico. O glossário comporta 3 áreas temáticas, a saber, América Portuguesa, Brasil Imperial e Brasil República.

Para a composição do glossário, seguimos os passos: i) coleta dos termos recorrentes do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, das áreas de História do Brasil nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio; ii) criação de sinais-termo correspondentes ao Português na Libras; iii) avaliação dos sinais-termo criados por pesquisadores Surdos e não Surdos vinculados ao Laboratório de Língua Brasileira de Sinais da Universidade de Brasília – UnB; iv) validação dos sinais-termo criados e avaliados pela comunidade Surda escolar; v) registro dos termos e dos sinais-termo em um glossário sistêmico bilíngue que atenda às necessidades linguísticas do público alvo.

---

<sup>9</sup> “Termo da Língua Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializadas, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades”. Disponível em [www.centrolexterm.com.br](http://www.centrolexterm.com.br).



O glossário proposto será disponibilizado em site eletrônico onde estará acessível para aqueles que se interessarem em consultar os sinais-termo da História do Brasil, como via de socialização do conhecimento produzido.

O banco de dados que será exportado para o site eletrônico continuará sendo alimentado com novos verbetes e reformulado conforme as necessidades do usuário, o que possibilitará a consulta ao glossário de forma dinâmica em razão dos *hiperlinks* que ligam diferentes lexemas, constituindo uma rede informativa que complementam os conceitos apresentados pelos verbetes.

O objetivo, entre outros, é fornecer informações importantes para a compreensão das atividades essenciais da sociedade de forma prática, assim como registrar um léxico composto por termos utilizados em áreas específicas do conhecimento científico. Esperamos que o glossário, se torne uma ferramenta que proporcione consulta e aplicação em diferentes contextos da vida quotidiana e escolar.

### **6.2.2 Como está organizado o Glossário?**

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e obedecem à seguinte estrutura: entrada = categoria gramatical + gênero + definição + fonte da def. + contexto + fonte do contexto ± nota ± fonte da nota ± sinônimo ± remissiva. Os campos marcados com o sinal “+”, são campos definidos, ou seja, são elementos básicos para compor um verbete e de preenchimento obrigatório. Os campos acima marcados com os sinais “±” podem compor ou não o verbete, a depender da informação que o lexicógrafo considera fundamental. A expressão abreviada Adapt. quer dizer que a informação foi adaptada da fonte indicada por letras do nome do autor. Com relação ao contexto dos verbetes, buscou-se utilizar contextos idênticos as entradas, entretanto, houve a necessidade de algumas adaptações na construção contextual de alguns verbetes.

A seguir, uma ilustração, extraída do glossário:

**grandes navegações** *s.f.* Viagens marítimas de longa distância realizadas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis. COTRIM, 2013. *Portugal foi o primeiro país a empreender as Grandes Navegações no século XV.* COTRIM, 2013. Nota: A principal embarcação marítima utilizada nas Grandes Navegações foi a Caravela. Desenvolvida pelos portugueses, era um navio de estrutura leve movido pelo vento; sua principal característica era a vela de formato triangular, que podia ser ajustada em várias direções para captar a força eólica (do vento). Assim, qualquer que fosse o sentido do vento, a caravela podia navegar na direção desejada pelo piloto. COTRIM, 2013. Ver expansão marítima.

Para complementar as informações, apresentamos as explicações dos campos que compõem o verbete de acordo conforme Faulstich (FAULSTICH, 2010; p. 180-83):

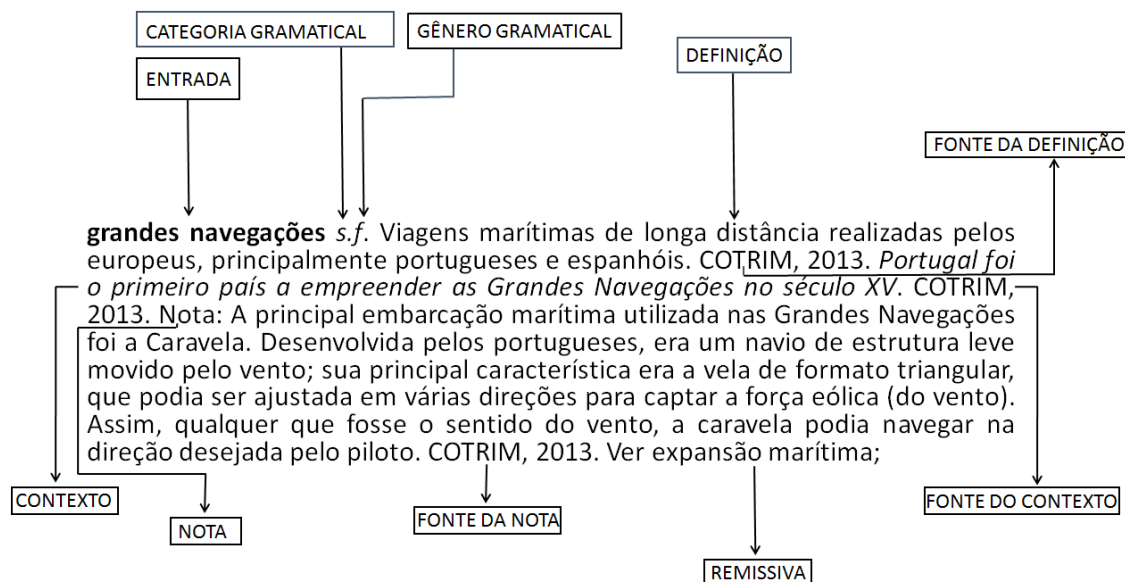
- 6.2.3 entrada:** Unidade linguística que possui conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal. Neste glossário, vem em negrito e em caracteres minúsculos.
- 6.2.4 categoria gramatical:** Indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser s. = substantivo ou n.=nome; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa.
- 6.2.5 gênero:** Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m = masculino ou f = feminino.
- 6.2.6 variante:** Formas *concorrentes* com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente.
- 6.2.7 sinônimo:** Formas *coocorrentes* no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
- 6.2.8 definição:** A definição é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
- 6.2.9 fonte da definição:** Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição.
- 6.2.10 contexto:** fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
- 6.2.11 fonte do contexto:** Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação.
- 6.2.12 remissivas:** Sistema de relação de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas , dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos e termos conexos.
- 6.2.13 nota:** Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
- 6.2.14 fonte da nota:** Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraído o comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementações da definição.

#### **6.2.4 A Consultoria Especializada**

Com a intenção de registrar e definir corretamente os termos da História do Brasil, o conteúdo passou por consulta de uma especialista da área, a prof.<sup>a</sup> Ms. Dayane Augusta Santos da Silva, que analisou os dados da História do Brasil, como os conceitos e as definições.

### 6.2.5 A Estrutura Canônica dos Verbetes

O modelo a seguir, representa os campos canônicos de um verbete, conforme a estrutura lexicográfica apresentada.



### 6.3 A TERMINOLOGIA

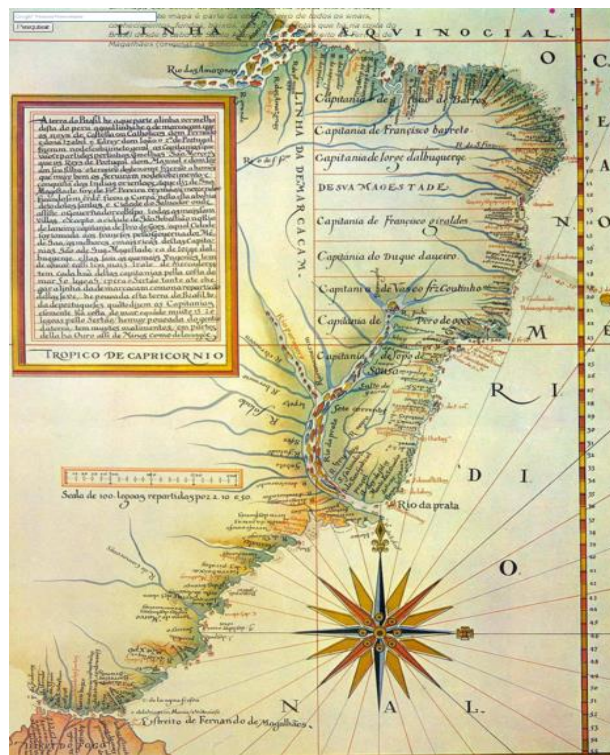
A terminologia coletada, descrita e organizada segue dividida em 3 campos temáticos: América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República.

### 6.4 LISTA DE ABREVIACÕES

<i>s.m</i> .....	substantivo masculino
<i>s.f.</i> .....	substantivo feminino
var. ....	variante
<i>pl.</i> .....	plural
sin. ....	sinônimo
adapt. ....	adaptado

## 6.5 OS VERBETES

### 6.5.1 América Portuguesa



## C

**colônia** *s.f.* var. colônia portuguesa. sin. terra de santa cruz. Território ocupado por Portugal fora de seus domínios. Adapt de HOUAISS, 2010; BRITANNICA, 2015. *A primeira atividade econômica do Brasil colonial foi a extração do pau-brasil.* BRITANNICA, 2015. Ver território.

**colônia de exploração** *s.f.* Uso dos recursos naturais da colônia para benefício da metrópole. Adapt. de INFOESCOLA, 2015. *Um exemplo de colônia de exploração é o Brasil, pois a Coroa Portuguesa, percebendo o potencial de lucro dos recursos naturais brasileiros e a mão-de-obra indígena.* INFOESCOLA, 2015. Ver metrópole; colônia.

**colônia de povoamento** *s.f.* Var. povoação. Ocupação de portugueses em terras concedidas pela Coroa Portuguesa para a instalação de engenhos a fim de desenvolver a terra com habitação, criando formas de comércio e ampliando as estruturas básicas da colônia. Adapt de COTRIM, 2013; HOUAISS, 2010. INFOESCOLA, 2015. *No início do século XVI, época da instação dos primeiros engenhos e núcleos de povoamento, o comércio do açúcar era relativamente livre.* COTRIM, 2013. Ver ocupação; coroa portuguesa; engenho.

**colonização portuguesa** *s.f.* Expansão portuguesa para desenvolver a ocupação, a exploração e o povoamento de novas regiões. SILVA, 2013. *A colonização portuguesa no Brasil se efetivou a partir da exploração, povoamento, extermínio e conquista dos povos indígenas (povoadores) e das novas terras.* BRASILESCOLA, 2015. Nota: A partir da Revolução de 30, a preocupação com a modernização do Brasil e com o caráter nacional levou vários pesquisadores a buscarem

na colonização a explicação para a realidade brasileira. Foi dessa preocupação com que surgiram algumas das principais obras que definiram a forma como pensamos a colonização do Brasil. Dentre elas, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, foi um primeiro marco, contestando as teorias de superioridade racial branca, e vendo com olhar benevolente o processo colonizador. Também *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, procurou estabelecer o caráter nacional, considerando a cordialidade do homem brasileiro fruto da colonização realizada por um povo, os portugueses, acostumado à miscigenação e sem preocupações racistas. Outra abordagem, entretanto, presente na obra de Caio Prado, *A formação do Brasil contemporâneo*, considerava a colonização o fundamento para explicar os problemas sociais e as desigualdades do país. SILVA, 2013. Ver expansão marítima; ocupação; colônia de exploração.

**coroa portuguesa** *s.f.* Var. coroa de Portugal. Referente a realeza de Portugal. Criado pelo autor. *Ninguém poderia retirar pau-brasil sem permissão da coroa portuguesa*. DUARTE, 2015. Ver realeza.

## E

**engenho** *s.m.* Propriedade onde se produzia açúcar. COTRIM, 2013. *Na região de São Vicente, os primeiros colonos iniciaram o cultivo de cana-de-açúcar e instalaram o primeiro engenho do Brasil*. COTRIM, 2013. Nota: Quanto a localização dos engenhos, podiam ser à beira-mar (mais antigos e valorizados) ou na mata (em geral menores, menos valorizados e com custos mais elevados). Havia engenhos reais, movidos pela força da água e que produziam açúcar e aguardente, e os trapiches (ou enghocas), movidos por tração animal e produtores de aguardente. Ver propriedade.

**expansão marítima** *s.f.* Var. expansionismo; expansão colonial; expansão territorial; expansão europeia. Viagens marítimas realizadas pelos europeus a fim de estabelecer colônias nos territórios além dos limites do mundo conhecido. Adapt de FILHO, 2014; COTRIM, 2013. *A partir do século XV, sob a liderança de portugueses e espanhóis, os europeus começam um processo de intensa globalização, a chamada Expansão Marítima*. BRASILESCOLA, 2015. Nota: O Rei de Portugal D. Manuel encarregou Cabral de tomar posse das terras que encontrasse pelo caminho. Por isso, Cabral ordenou aos pilotos da sua esquadra que se afastassem do litoral africano, velejando cada vez mais em direção ao Ocidente. Na tarde do dia 22 de abril de 1500, uma quarta-feira, a esquadra de Cabral avistou um monte verde-azulado de formas arredondadas ao qual deram o nome de Monte Pascal, pois era semana da Páscoa. BOULOS JÚNIOR, 2012. Ver grandes navegações; colônia; território.

## G

**grandes navegações** *s.f.* Viagens marítimas de longa distância realizadas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis. COTRIM, 2013. *Portugal foi o primeiro país a empreender as Grandes Navegações no século XV*. COTRIM, 2013. Nota: A principal embarcação marítima utilizada nas Grandes Navegações foi a Caravela. Desenvolvida pelos portugueses, era um navio de estrutura leve movido pelo vento; sua principal característica era a vela de formato triangular, que podia ser ajustada em várias direções para captar a força eólica (do vento). Assim, qualquer que fosse o sentido do vento, a caravela podia navegar na direção desejada pelo piloto. COTRIM, 2013. Ver expansão marítima;

## H

**herdeiro** *s.m.* Pessoa que passa a ter ou sofrer algo, por transmissão, doação ou força das contingências. HOUAISS, 2010. *Era uma regra dos aristocratas ter "um herdeiro de reserva", algo que fazia muito sentido em épocas de alta mortalidade infantil.* G1, 2015. Ver monarquia hereditária; secessão real.

## I

**instituições de governo** *s.f. pl. var.* administração pública. Administração que representa, em certo sentido, a condição necessária para que os nossos poderes políticos possam afirmar-se, estabilizar-se e manter-se. BOBBIO, 1998. *‘A governabilidade de uma democracia depende do relacionamento entre a autoridade de suas instituições de Governo e da força das suas instituições de oposição’ (Huntington).* BOBBIO, 1998. Ver governo; política.

## J

**juíz** *s.m.* Magistrado que tem o poder de julgar. SANTOS, 2001. *Se o inquérito for arquivado pelo juiz, não poderá ser desarquivado, a não ser se aparecerem novas provas e será devidamente reanalisado.* SANTOS, 2001. Ver magistrado; juízo.

**juízo** *s.m. sin.* julgamento. Exercício oficial das funções de um juiz. SANTOS, 2001. *Toda e qualquer ação de natureza civil pleiteada em juízo é uma Ação Cível.* SANTOS, 2001. Nota: É o juiz quem dirige todo o processo. Ele deverá garantir igualdade de tratamento às partes, zelar pela rápida solução do litígio, prevenir ou reprimir atos contrários à dignidade da Justiça. O juiz tem garantias de vitaliciedade, inamovibilidade e a da irredutibilidade de vencimentos. SANTOS, 2001. Ver juiz.

## M

**magistrado** *s.m.* Ver juiz.

**monarca** *s.m.* Ver rei.

**monarquia** *s.f.* Governo, comumente hereditário, por ou em nome de um único indivíduo. WRIGHT, 2013. *A monarquia, considerada sagrada, perdia seu caráter sagrado, e a morte de Luís XVI, em 1793, anunciava muitas outras, simbólicas ou não.* SCHWARCZ, 2002. Ver hereditariedade; governo.

**monarquia hereditária** *s.f.* Sucessão do monarca após a sua morte por seu filho, filha ou outro parente. Adapt. de BRITANNICA, 2015. *Quando o rei ou a rainha de uma monarquia hereditária morre ou abdica, a coroa geralmente é passada à próxima geração, ou seja, para seu filho ou filha, observando alguma ordem de antiguidade.* WIKIPEDIA, 2015. Nota: Os monarcas quase sempre têm reinado vitalício, ou seja, ficam no cargo até morrer. Além disso, a maioria das monarquias é hereditária. As monarquias já foram muito comuns em todo o mundo, mas hoje em dia são poucas. BRITANNICA, 2015. Ver sucessão; monarca.

## N

**nação** *s.f.* 1. Estado politicamente organizado constituído pelo povo, por território e regime político. Adapt. de OSBORNE, 2015. 2. Indivíduos que compartilham os mesmos interesses, símbolos e representações de ideais nacionais. Adapt. de DIC. DE SOCIOLOGIA, 2015. *Apesar de algumas das heranças coloniais concorrerem para a unidade da nação, podemos dizer que a nacionalidade foi uma conquista do império independente.* SCHWARCZ; THOMAZ, 2014. Nota: Já ao findar o século XVIII, várias teorias tinham surgido tentando definir que elementos ou fatores poderiam determinar uma nacionalidade, predominando a ideia de que pertencer a uma nação era a vontade de viver comum, ter consciência de sua pátria. AZEVEDO, 1999. Ver regime político; território; símbolo; representação.

**nacionalismo** *s.m.* Corrente de pensamento e um sistema de atitudes que exaltam os valores nacionais, à qual se pertence de maneira prioritária, em função de seu território ou mudanças históricas. Adapt de DIC. DE SOCIOLOGIA, 2015. *Assim como o Estado precisava do frenesi nacionalista como meio de legitimação de sua soberania, o nacionalismo precisava de um Estado forte para atingir seu propósito de unificação.* BAUMAN, 2003. Ver corrente de pensamento; território; mudanças históricas.

## O

**ocupação** *s.f.* 1. Apropriação das terras encontradas durante a expansão marítima portuguesa. 2. Ato de invadir uma propriedade. Adapt de BOULOS JÚNIOR, 2012; HOUAISS, 2010. *Até o ano de 1530, a ocupação portuguesa ainda era bastante tímida, somente no ano de 1531, o monarca português Dom João III enviou Martin Afonso de Souza ao Brasil nomeado capitão-mor da esquadra e das terras coloniais, visando efetivar a exploração mineral e vegetal da região e a distribuição das sesmarias (lotes de terras).* BRASILESCOLA, 2015. Ver expansão marítima; grandes navegações.

## P

**propriedade** *s.f.* Território pertencente ao um indivíduo ou nação. Adapt de HOUAISS, 2010. *Após a chegada de Colombo à América, os reis da Espanha apressaram-se em garantir seus direitos de propriedade sobre a nova terra.* Adapt de COTRIM, 2013. Ver colônia; território; nação.

## R

**realeza** *s.f.* Excelência do rei. Adapt. de HOUAISS, 2010. *Ficava permitida a importação ‘de todos e quaisquer gêneros, fazendas e mercadorias transportadas ou em navios estrangeiros das potências que se conservavam em paz e harmonia com a minha realeza’.* Adapt de SCHWARCZ, 2015. Ver rei de Portugal.

**rei** *s.m.* sin. monarca. Soberano governante de uma monarquia. Adapt de MICHAELIS, 2009. *O famoso ditado ‘rei morte, rei posto’ tinha o sentido político importante de manter a continuidade da dignidade real, que sobrevivia à morte humana de um rei, mas, não de sua dinastia e linhagem.* HERMANN, 2008. Nota: D. João VI decretou em 28 de janeiro de 1818, anunciando a data de sua aclamação como Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos

Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia etc. HERMANN, 2008. Ver governo; monarquia; nação; realeza; rei de portugal.

**regime político** *s.m.* Conjunto das instituições que regulam a luta pelo poder e o seu exercício, bem como a prática dos valores que animam tais instituições. BOBBIO, 1998. *O Interesse nacional assim entendido pode definir, por outro lado, comportamentos diversos, segundo a situação histórica concreta, a força do Estado em questão, sua estrutura econômica e seu regime político.* BOBBIO, 1998. Ver instituições de governo; monarquia.

**rei de portugal** *s.m.* Soberano real governante de Portugal. Adapt de VAINFAS, 2000.. *Quem teria matado o rei de Portugal? Em 1826, os dois maiores interessados no desaparecimento de D. João VI eram sua mulher, a rainha Carlota Joaquina e o seu filho mais novo, o Príncipe D. Miguel.* Adapt de GOMES, 2010. Ver monarca; realeza; monarquia; monarquia hereditária.

## S

**sucessão real** *s.m.* Transmissão de direitos, encargos ou bens após a morte da realeza a seu herdeiro. Adapt de HOUAISS, 2010. *A filha do príncipe William da Inglaterra e de sua esposa Kate, é a quarta na linha da sucessão real.* Adapt de G1, 2015. Ver rei; realeza; monarquia; monarquia hereditária.

## T

**território** *s.m.* Extensão terrestre, espaço aéreo e as águas territoriais de uma nação. Adapt de SANDRONI, 1999. *A palavra “crioulo” (créole, creole e criollo) tem a ver diretamente com esse processo de expansão dos europeus pelo mundo e com o estabelecimento de colônias nos territórios d'além mar.* TRAJANO FILHO, 2014. Ver colônia; propriedade; nação; nacionalismo.



### 6.5.2 . *Brasil Imperial*



## A

**abdicação de d. Pedro I** *s.f.* Renúncia de D. Pedro I ao governo Imperial do Brasil. MELHORAMENTOS, 1971. *No dia 7, por volta das três da manhã, a carta de abdicação de D. Pedro I era entregue para ser lida publicamente.* Adapt. de SCHWARCZ, 2015. Nota: D. Pedro abdicou melhor do que reinou. Altivo, afirmou que a decisão estava tomada e encerrou o episódio: “entre mim e o Brasil tudo está acabado e para sempre”. Voltava ele então para Portugal, ao lado da esposa, onde reassumiu seu antigo título português e acrescentou o “defensor perpétuo do Brasil”. Agora era hora de cuidar da vida da monarquia em Portugal e do lugar de sua filha, d. Maria da Glória. SCHWARCZ, 2015. Ver primeiro reinado; governo; império.

**abolição da escravatura** *s.f.* var. abolição da escravidão. Extinção definitiva da escravidão no Brasil, após a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, filha de D. Pedro II. Adapt de BRITANNICA, 2015. *Após a abolição da escravatura, o que existia era uma população negra desempregada que tinha dificuldade de acesso à compra de terras devido à Lei de Terras de 1850, disputando vagas com os imigrantes, em uma cultura que ainda era escravocrata e racista.* TERRA, 2014. Ver fato histórico; escravidão; lei áurea.

## B

**barões do café** *s.m.* Cafeicultores da aristocracia rural brasileira do Segundo Reinado. GOMES, 2013. *Os barões do café vivem com um luxo que não é respeitável, pois tem origem na senzala do negro e no chicote do feitor.* GOMES, 2013. Ver segundo reinado.

**bens de consumo** *s.m.* 1. Conjunto de bens manufaturados ou industrializados para consumo individual ou coletivo. 2. Objetos materiais destinados à satisfação das necessidades humanas. Adapt. de SOUSA, 2005; SANDRONI, 1999. *Os bens de consumo duráveis são aqueles que podem ser utilizados várias vezes durante longos períodos (um automóvel, uma máquina de lavar roupas, etc.).* INFOESCOLA. Ver manufatura; consumo; comércio.

**Brasil imperial** *s.m.* var. brasil império; brasil monarquia. Período da história do Brasil que se iniciou com a Independência, em 7 de setembro de 1822, e terminou com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. BRITANNICA, 2015. *Durante os 67 anos do Brasil imperial (1822-1889), o país passou por tantas revoltas internas que é um milagre que tenha mantido a unidade do seu vasto território - e não tenha se fragmentado como ocorreu com a América espanhola.* SUPERINTERESSANTE, 2002. Nota: Na maior parte desse período, o Brasil foi governado por imperadores, D. Pedro I e D. Pedro II, também chamados de “monarcas”. Havia um parlamento, formado por deputados e senadores, para discutir e aprovar leis, entre outras funções. E o Brasil passou a ter uma Constituição. Por isso, costuma-se dizer que o Brasil Império foi uma “monarquia parlamentar constitucional”. Adapt de BRITANNICA, 2015. Ver período histórico; independência do brasil; proclamação da república.

## C

**capital** *s.m.* sin. dinheiro; patrimônio. Bens, dinheiro ou patrimônio possuídos por um indivíduo ou Estado. Adapt. de SOUSA, 2005. *Num sistema capitalista, o capital é suprido ou pelo único proprietário de uma empresa ou pelos acionistas, no caso de uma companhia de sociedade anônima.* WRIGTH, 2013. Ver bens de consumo; lucro; comércio.

**comércio** *s.m.* Troca de valores ou de produtos visando o lucro. SANDRONI, 1999. *Cada país, entretanto, continua livre para determinar as formas de comércio com as demais nações.* SANDRONI, 1999. Nota: Os atos de comércio promovem a transferência de mercadorias entre os indivíduos, deslocando-se de regiões onde são abundantes para outras onde não existem em quantidade suficiente para satisfazer o consumo. SANDRONI, 2010. Ver lucro; consumo; bens de consumo; capital.

**consumo** *s.m.* Utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo. Adapt. de SANDRONI, 1999. *O objetivo-base de toda a atividade econômica é alcançar o maior nível possível de consumo.* Sousa, 2005. Nota: Numa sociedade em que a divisão social e técnica é relativamente complexa, a apropriação e a transformação dos elementos da natureza são separadas, no tempo e no espaço, de seu uso para a satisfação de necessidades humanas. Por exemplo: a maçã colhida na Argentina pode vir a ser consumida só no Brasil. SANDRONI, 1999. Ver bens de consumo.

**corrente de pensamento** *s.f.* Sin. corrente filosófica. Linha de pensamento comum que se constroem para criar e propagar novas ideias. Adapt. de HOUAISS, 2010. *O idealismo*

*contemporâneo – compreendendo pelo menos as correntes de pensamento idealistas a partir das últimas décadas do século XIX – adaptou diversas formas, mas na maior parte dos casos baseou-se num dos tipos de idealismo manifestados durante a época moderna.* MORA, 1978. Ver movimento histórico; mudança histórica; ideia.

## E

**escravidão** *s.f.* Sujeição de uma pessoa e sua vontade à autoridade de uma outra pessoa. PINSK, 2010. *A fonte legal da escravidão moderna era o direito romano, mantido durante a Idade Média, que fazia distinção tênue entre escravidão e servidão.* VAINFAS, 2000. Nota: No Brasil, o processo de colonização, iniciado nos anos 1530, foi marcado pelo apresamento e a utilização dos índios como mão-de-obra – então chamados de “negros da terra” ou “negros brasis” (...). A substituição da escravidão indígena pela africana, que preponderou desde o século XVII em várias áreas agroexportadoras, foi explicada por diversos ângulos. VAINFAS, 2000. Ver abolição da escravatura.

## I

**imperador** *s.m.* Ver rei; monarca.

**independência do Brasil** *s.m.* Movimento colonial elitista para a ruptura com Portugal. DEL PRIORI, 2010. *A independência do Brasil pode ser definida como um movimento bastante elitista, quase uma disputa entre aristocratas portugueses.* DEL PRIORI, 2010. Nota: Para compreendermos a especificidade de nosso processo de independência, é necessário lembrarmos que o processo conviveu com outros projetos alternativos, pois, há muito, uma parte da elite colonial aspirava à ruptura com Portugal. Tais propostas de independência, contudo, tinham uma forte marca regional, como fica claro na denominação de duas delas: a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana (ocorrida em 1817). Adapt. de DEL PRIORI, 2010. Ver movimento histórico; movimento de ruptura.

## L

**lei áurea** *s.f.* Lei assinada que estabelece a abolição da escravatura no Brasil. TERRA, 2012. *A mobilização internacional para denunciar e combater o trabalho escravo começou quatro décadas após a assinatura da Lei Áurea.* EM DISCUSSÃO, 2011. Ver lei; escravidão; abolição da escravatura.

**lucro** *s.m.* Rendimento atribuído aos bens vendidos. SANDRONI, 1999. *As funções econômicas são expressões matemáticas responsáveis por representar situações envolvendo as movimentações financeiras de uma empresa, com base no custo, na receita e no lucro.* BRASIL ESCOLA. Ver rendimento; capital; comércio; bens de consumo.

## M

**manufatura** *s.f.* Técnica de produção artesanal fabril desempenhado por operários. SANDRONI, 1999. *A manufatura sucedeu o artesanato como forma de produção e*

*organização do trabalho, sendo substituída pela produção industrial mecanizada.* SANDRONI, 1999. Ver técnica de produção; produto artesanal; fábrica; operários.

**movimento histórico** *s.m.* Corrente de pensamento que caracteriza mudança histórica, filosófica e social. Adapt. de HOUAISS, 2001. *É impossível entender as explicações católicas acerca do movimento histórico e de suas causas, sem entender de que maneira essas explicações estabelecem como deveria ser produzido o saber humano.* Adapt de MANOEL, 2003. Ver corrente de pensamento; mudança histórica.

**movimento de ruptura** *s.m.* Corrente de pensamento que caracterizou a quebra de compromissos com Portugal. Adapt de HOUAISS, 2001. *A Independência do Brasil foi marcado pelo movimento de ruptura com Portugal.* Criado pelo autor. Ver corrente de pensamento.

**mudança histórica** *s.f.* Mudanças que envolvem os níveis econômicos, culturais, políticos, etc. DORTIER, 2010. *O mundo está vivendo uma importante mudança histórica mundial.* Adapt. de ONIC RIO, 2011. Nota: “O mundo muda”. A proposição é verdadeira, mas oca. As dificuldades começam quando queremos saber exatamente o que muda e quais são as diferentes causas da mudança. Essas mudanças são podem variar de forma progressiva, por ciclos, por saltos, etc. Adapt. de DORTIER, 2010.

## O

**operário** *s.m.* pl. Pessoa que trabalhava nas fábricas por longas jornadas em condições nada saudáveis e recebiam muito pouco por isso. Adapt de BRITANNICA, 2015. *As más condições de trabalho deram origem a conflitos entre operários e empresários, não só na Inglaterra como em outras regiões da Europa onde se desenvolveu o sistema fabril.* COTRIM, 2013. Ver fábrica; jornada de trabalho.

## P

**período regencial** *s.m.* Período da história do Brasil em que o governo esteve a cargo de representantes do imperador. Adapt de EDIÇÕES MELHORAMENTOS, 1971. *Mas é certo também que inspiração federalista que iria sacudir o Brasil ao longo do período regencial e consequências desse debate apareceriam durante o processo de independência.* SCHWARCZ, 2015. Nota: Após a Abdicação de D. Pedro I na madrugada de 07 de abril de 1831, D. Pedro II, com apenas 5 anos e 4 meses de idade, embora imediatamente aclamado imperador, não pôde assumir a chefia do governo. Destarte, deveria a Assembleia Geral, composta do Senado do Império e da Câmara dos Deputados eleger uma regência, integrada por três membros. MELHORAMENTOS, 1971. Ver período histórico; governo; imperador.

**primeiro reinado** *s.m.* Período da história do Brasil (1822-1831) que se iniciou com a Proclamação da Independência e findou-se com a Abdicação de D. Pedro I. MELHORAMENTOS, 1971. *No Primeiro Reinado, o Brasil se envolveu em um conflito internacional, a Guerra da Cisplatina, na região que deu origem ao Uruguai.* BRITANNICA, 2015. Ver período histórico; independência do Brasil; abdicação.

## R

**representação** *s.f.* Manifestação de uma ideia ou objeto sob a forma de uma imagem, de um símbolo ou de um sinal abstrato. DORTIER, 2010. *No sentido mais amplo, a representação designa qualquer realidade (objeto, sinal, imagem) que mantenha uma relação de correspondência com outra realidade, e que a substitua.* DORTIER, 2010. Nota: a bandeira americana é a representação de um país. O sinal ‘+’ é a representação simbólica de uma operação matemática. No sentido mais amplo, a representação de um objeto ou de uma ideia é sua cópia sob a forma de uma imagem, de um símbolo ou de um sinal abstrato. DORTIER, 2010. Ver ideia; imagem; símbolo; sinal abstrato.

**revolução industrial** *s.f.* Substituição da produção artesanal e manufatureira pela produção em série, realizada por trabalhadores assalariados com o uso predominante de máquinas. COTRIM, 2013. *O avanço desse mundo de máquinas e tecnologias teve como marco o processo chamado de Revolução Industrial.* COTRIM, 2013. técnica de produção; manufatura; fábrica; tecnologia; produto artesanal.

## S

**segundo reinado** *s.m.* Período da história do Brasil (1840-1889) governado pelo imperador D. Pedro II e se finalizou com a Proclamação da República. MELHORAMENTOS, 1971. *Na ausência da família, caberia às elites brasileiras prepará-lo para assumir o trono aos 14 anos e servir ao Estado no longo e relativamente estável Segundo Reinado, entre 1840 e 1889, ano da Proclamação da República.* GOMES, 2010. Nota: O reinado de dom Pedro II foi o governo mais longo da história do Brasil: 49 anos. Dom Pedro II tornou-se imperador aos 14 anos de idade e reinou até os 63. BRITANNICA, 2015. Ver período histórico; governo; imperador; proclamação da república.

**símbolo** *s.m.* Ser, objeto ou imagem a que se atribui certo significado. HOUAISS, 2010. *Assim, o símbolo da Lua, expresso sob a forma de uma palavra, de uma imagem ou de um esquema, designa o astro da noite, mas também a feminilidade, a fertilidade ou os sonhos.* DORTIER, 2010. Nota: em um sentido mais completamente diferente, o símbolo designa com frequência uma imagem ou objeto que possui um valor sagrado e metafórico, como quando se diz: ‘A pomba branca é o símbolo da paz’ ou ‘o uniforme é o símbolo da autoridade’. Simbolismo também se refere a uma corrente literária e artística nascida na França no final do século XIX com poetas como Stéphane Mallarmé e Charles Baudelaire. DORTIER, 2010. Ver representação; imagem; imagem mental.

**sinal abstrato** *s.m.* Representação de tudo aquilo que é interpretado em um dado momento. Adapt. de DORTIER, 2010. *No limite, uma nuvem em forma de coelho torna-se signo para quem a vê assim.* DORTIER, 2010. Nota: O signo é definido de forma bastante ampla. Esta definição está de acordo com Charles W. Morris em que defende o signo ou sinal abstrato, aquilo que é interpretado em um momento específico. DORTIER, 2010. Ver representação; símbolo; imagem.

## T

**técnica de produção** *s.f.* Processo mecânico ou manual pelo qual o homem atua na produção. Adapt. de SANDRONI, 1999. *Uma técnica de produção é uma particular combinação dos*

*diversos meios e materiais de produção.* DÉAK, 1985. Ver produtividade; tecnologia; manufatura.

### 6.5.3 Brasil República



## A

**ação tática** *s.f.* Ações de combate necessária à execução de uma operação militar, podendo a tropa que a empreender combater ou não. *MINISTÉRIO DA DEFESA, 2007. As ações táticas fundamentam-se na necessidade de neutralizar o poder de combate superior das forças convencionais. VISACRO, 2009. Ver ações de combate.*

**ações de combate** *s.f. pl.* Ver ação tática.

**aliança** *s.f.* 1. Acordo entre indivíduos, governos ou nações; 2. Acordo entre Alemanha, Itália e Japão que constituiu as Potências do Eixo; 3. Acordo entre Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética que resultou que constituiu as Potências Aliadas. *Adapt de HOUAISS, 2010; COTRIM, 2013. Adapt de HOUAISS, 2010; COTRIM, 2013. Essa política de alianças culminaria com a assinatura do Pacto Tripartite entre as três nações em 1940 e a formação definitiva do chamado Eixo. COTRIM, 2013. Nota: Além da Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética, participou a China, em menor escala, e a França, invadida e ocupada pelos alemães durante quase todo o conflito. Adapt de COTRIM, 2013. Nota: A partir de 1941, o governo brasileiro começou a fazer acordos internacionais para apoiar os Aliados (...). Além da Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética, participou a China, em menor escala, e a França, invadida e ocupada pelos alemães durante quase todo o conflito. Adapt de COTRIM, 2013. Ver governo; nação; segunda guerra mundial; potências do eixo; potências aliadas.*

**arraial** *s.m.* Pequenos núcleos de povoação estáveis e bem organizados . *Adapt de HOLANDA, 1995. Depois, atacaram novamente os paulistas no arraial da Ponta do Morro, atual Tiradentes. Adapt. de BRITANNICA, 2015. Ver guerra de canudos.*

## B

**Brasil republicano** *s.m.* var. brasil república. Período da história do Brasil que se iniciou em 1889 com a instituição do governo provisório, adquirindo conotações diversas conforme o contexto conceitual do período em que se insere até se reformular no molde da República atual. Adapt de COTRIM, 2013; BOBBIO, 1998. *Como, pois, o Brasil republicano conserva um bem nacional com as armas da Monarquia! Convém derrubá-lo!* GOMES, 2013. Ver período histórico; república; governo provisório.

## D

**ditadura militar** *s.m.* Período da história do Brasil em que o controle político do país ficou sob a direção geral das Forças Armadas. Adapt de COTRIM, 2013. *Mas na posse do primeiro presidente civil, após 21 anos de ditadura militar, em 1985, ninguém poderia nos adiantar como seria o caminho para reimplantar a democracia no Brasil.* SCHWARCZ, 2015. Nota: As Forças Armadas tinham uma longa história de envolvimento na vida pública nacional, eram politicamente heterogêneas, incluíam diferenças de armas, geração e carreira, possuíam interesses próprios e capacidade de promovê-los, mas nunca haviam exercido o poder de maneira duradoura. SCHWARCS, 2015. Ver período histórico; governo; forças armadas.

## E

**estado** *s.m.* Nação organizada politicamente. INFOPÉDIA, 2015. *Também as divisões geográficas da era moderna, que criaram países e Estado distintos, foram feitas a partir da lógica da colonização e do “descobrimento”, a qual obviamente não respeitou as fronteiras existentes.* SCHWARCZ, 2013. Nota: Uma definição de Estado contemporâneo envolve numerosos problemas, derivados principalmente da dificuldade de analisar exaustivamente as múltiplas relações que se criaram entre o Estado e o complexo social e de captar, depois, os seus efeitos sobre a racionalidade interna do sistema político. Uma abordagem que se revela particularmente útil na investigação referente aos problemas subjacentes ao desenvolvimento do Estado contemporâneo é a da análise da difícil coexistência das formas do Estado de direito com os conteúdos do Estado social. Ver nação; política.

## F

**fascismo** *s.m.* Corrente de pensamento político e ideológico da metade do século XX, cuja ideia central é a de que o indivíduo deve ser subjugado às necessidades do Estado. Adapt de WRIGHT, 2013. *Entre nós, a força do fascismo anunciou-se de maneira clara a partir de 1932, com a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB).* SCHWARCZ, 2015. Nota: A crença central do fascismo é de que o Estado deveria ser dirigido por um líder forte que personificasse a vontade da nação. Surgiu em oposição ao comunismo e adotou estilos totalitários de propaganda, organização e violência. WRIGHT, 2013. Ver corrente de pensamento; política; estado;

**fato histórico** *s.m.* Evento ocorrido pontualmente em um determinado período histórico. REZK, 2002. *Cada fato histórico é um elo entre outros fatos históricos que se prolongam nos eventos subsequentes, dos quais se tornam a causa.* REZK, 2002. Nota: O fato histórico possui



uma essência material e temporal íntegro que, como todos sabemos por sua obviedade, uma vez realizado como acontecimento, não pode ser alterado. REZK, 2002. Ver período histórico.

**forças armadas** *s.f.* pl. Instituições nacionais constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica. MINISTÉRIO DA DEFESA, 2007. *Muitas invenções usadas pelas forças aéreas para aperfeiçoar as aeronaves e armas foram depois incorporadas à aviação civil (não militar)*. BRITANNICA, 2015.

## G

**guerra** *s.f.* Conflito, normalmente entre países, envolvendo o emprego de suas forças armadas. Adapt de MINISTÉRIO DA DEFESA, 2007. *Guerras internacionais são travadas entre países ou grupos de países*. BRITANNICA, 2015. Ver estado; forças armadas; guerra civil.

**guerra civil** *s.f.* Conflito travado entre grupos de um mesmo país. Adapt de BRITANNICA, 2015. *Guerras civis são as que ocorrem entre duas facções de um mesmo país*. BRITANNICA, 2015. Ver guerra; forças armadas.

**guerra de canudos** *s.f.* Conflito travado entre o Exército da República e o arraial de Canudos (1896 - 1897) contra as revoltas dos sertanejos, seu líder Antônio Conselheiro e seus ideais messiânicos. Adapt de COTRIM, 2013. *A Guerra de Canudos é tida como um dos principais conflitos que marcam o período entre a queda da monarquia e a instalação do regime republicano no Brasil*. BRASIL ESCOLA, 2015. Nota: Foram organizadas quatro expedições armadas para combater Conselheiro e seus seguidores. (...) A primeira expedição, em 1896, liderada pelo tenente Manuel Pires Ferreira, foi derrotada. A segunda, em janeiro de 1897, com centenas de homens sob o comando do major Febrônio de Brito, também fracassou. Na terceira expedição, também malsucedida, morreu o coronel da tropa, Antônio Moreira César. A partir de junho de 1897, a quarta expedição reuniu entre 6 mil e 10 mil soldados. O conflito durou até 5 de outubro, quando a vila de Canudos foi derrotada e destruída pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães. Nesse conflito os líderes de Canudos foram mortos, inclusive Antônio Conselheiro. No dia seguinte, os casebres que ainda estavam de pé foram incendiados. COTRIM, 2013. Ver guerra civil; forças armadas; república; messianismo; arraial.

**governo provisório** *s.m.* Forma de governo proclamada provisoriamente pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. BRASIL, 1889. *No dia seguinte, a primeira edição do Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil estampou a proclamação do Governo Provisório, anunciando a extinção da monarquia*. SCHWARCZ, 2015. Nota: Durante o Governo Provisório, o marechal Deodoro conseguiu realizar mudanças importantes no país. Separou o Estado da Igreja e criou legalmente o casamento civil. Por outro lado, estabeleceu a censura à imprensa e fez uma reforma tributária e bancária que não deu certo, causando uma crise financeira que ficou conhecida como “encilhamento”. Em 15 de novembro de 1890, no Rio de Janeiro, o Congresso Constituinte reconheceu o Governo Provisório até a promulgação da Constituição. Ver governo; proclamação da república.

## M

**messianismo** *s.m.* Corrente de pensamento de um grupo de pessoas difundida por um líder político-religioso, considerado capaz de conduzir determinada coletividade, pautada na justiça e felicidade. Adapt de COTRIM, 2013. *Na Primeira República, os dois principais movimentos*

*de caráter messiânico foram Canudos e Contestado*. COTRIM, 2013. Nota: A palavra messianismo é derivada de messias, que significa “o enviado de Deus”, “o Salvador”. Originalmente, o termo refere-se a crença da religião judaica na futura vinda do Messias, insto é, daquele que libertará o povo judeu dos sofrimentos, conduzindo-os à felicidade eterna. Com base nessa crença, os cristãos entendem que Jesus Cristo é o Messias, que já veio a Terra indicar o caminho da salvação eterna e voltará no dia do Juízo Final. (...) O messianismo foi a maneira encontrada pelos sertanejos de Canudos para expressar sua vontade de construir uma ordem social diferentes, sob a liderança de Antônio Vicente Mendes Maciel, chamado de Antônio Conselheiro. (...) Um de seus principais lemas era: “A terra não tem dono, a terra é de todos”. Adapt de COTRIM, 2013. Ver corrente de pensamento; guerra de canudos.

## P

**política** *s.f.* Ciência das formas de governo, organização do Estado e organização social. Adapt de BOBBIO, 1998. *O maior desafio é fazer com que os jovens de baixa renda tenham espaço na discussão política*. CARTA NA ESCOLA, 2014. Nota: Derivado do adjetivo originado de pólis (politikós), que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social, o termo Política se expandiu graças à influência da grande obra de Aristóteles, intitulada *Política*, que deve ser considerada como o primeiro tratado sobre a natureza, funções e divisão do Estado, e sobre as várias formas de Governo, com a significação mais comum de arte ou ciência do Governo, isto é, de reflexão, não importa se com intenções meramente descritivas ou também normativas, dois aspectos dificilmente discrimináveis, sobre as coisas da cidade. BOBBIO, 1998. Ver estado; governo.

**período histórico** *s.m.* Dimensão temporal decorrida entre dois acontecimentos históricos ou mesmo duas épocas, de maior ou menor duração. Adapt de INFOPÉDIA, 2003. *Ao longo do período histórico da ditadura, nos anos imediatamente anteriores e posteriores ao golpe de 1964, foram registrados por volta de 1100 assassinatos*. Adapt. de SCHWARCZ, 2015. Ver fato histórico.

**potências aliadas** *s.m.* Aliança constituída e liderada por Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética. COTRIM, 2013. *Foi só então que se formaram com maior clareza os dois grandes blocos antagônicos: o grupo de países que apoiavam as potências do Eixo e o grupo de países que apoiavam as chamadas potências Aliadas*. Adapt de COTRIM, 2013. Nota: A partir de 1941, o governo brasileiro começou a fazer acordos internacionais para apoiar os Aliados (...). A Alemanha logo reagiu à cooperação do Brasil com os Aliados. Entre fevereiro e agosto de 1942, submarinos alemães torpearam e afundaram nove navios brasileiros, matando mais de 600 pessoas. A agressão militar nazista provocou indignação nacional (...). Em 31 de março de 1942, o governo brasileiro declarou guerra às potências do Eixo. Em 1944, partiram para lutar na Itália (...). COTRIM, 2013. Ver aliança; nação; segunda guerra mundial.

**potências do eixo** *s.m.* Aliança dos países fascistas que lutaram ao lado da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. WRIGHT, 2013. *Em 10 de junho de 1940, a Itália entrou na guerra como uma potência do Eixo*. BRITANNICA, 2015. Nota: O termo foi usado num acordo (outubro de 1936) entre Hitler e Mussolini, proclamando a criação de um eixo Roma-Berlim “em torno do qual todos os países europeus também puderam reunir”. WRIGHT, 2013. Ver aliança; nação; segunda guerra mundial; fascismo.

**proclamação da república** *s.f.* Movimento militar elitista que pôs fim à monarquia e instaurou a República. COTRIM, 2013; SCHWARCZ, 2015. *A proclamação da República foi resultado*

*mais do esgotamento da Monarquia do que do vigor dos ideais e da campanha republicanos.* GOMES, 2013. Nota: Em novembro de 1889, as relações entre Exército e o governo imperial estavam deterioradas. (...) Deodoro, apesar de estar se recuperando de uma doença, toma uma iniciativa, decretando a prisão do visconde do Ouro Preto, chefe do Gabinete e presidente do Conselho de Estado; a agitação do Exército toma conta das ruas e é proclamado o fim da monarquia; dois dias mais tarde, a família real embarca para a Europa, rumo ao exílio. DEL PRIORI, 2010. Ver movimento histórico; forças armadas; monarquia; república.

## R

**regime militar** *s.m.* Ver ditadura militar.

**república** *s.f.* Forma de Governo em que as pessoas elegem ou escolhem seus governantes. BRITANNICA, 2015. *O novo governo foi organizado pelos grupos sociais que promoveram a República, entre militares, cafeicultores e profissionais liberais.* COTRIM, 2013. Nota: O significado do termo República evolve e muda profundamente com o tempo (a censura ocorre na época da revolução democrática), adquirindo conotações diversas, conforme o contexto conceptual em que se insere. BOBBIO, 1998. Ver governo.

## S

**segunda guerra mundial** *s.f.* 1. Guerra disputada entre as Potências do Eixo e os Aliados, incluindo a Grã-Bretanha, a União Soviética e os Estados Unidos. WRIGHT, 2013. 2. Confrontos bélicos que envolveu cerca de 58 países de várias regiões do planeta entre os anos 1939 e 1945. COTRIM, 2013. *A Segunda Guerra produziu números assustadores de brutalidade, numa escala nunca antes registrada.* COTRIM, 2013. É quase desnecessário demonstrar que a Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha. Com exceção da futura República da Irlanda e de Suécia, Suíça, Portugal, Turquia e Espanha, e talvez do Afeganistão, fora da Europa, quase todo o globo foi beligerante ou ocupado, ou as duas coisas juntas. HOBSBAWM, 1995. Ver guerra; potências do eixo; aliados.

### 6.5.4 Referências do Glossário

#### Referências das Imagens

AMÉRICO, Pedro. Óleo sobre a tela. **Fala do Trono**. 1872. 288 × 205 cm (113.4 × 80.7 in). Museu Imperial do Brasil: Rio de Janeiro, Brasil.

TEIXEIRA, Luís. **Litoral brasileiro com as Capitânicas Hereditárias (1574)**. Biblioteca da Ajuda, Portugal.

ZAUER, Artur. **Escudo ou Brasão de armas do Brasil**. Versão oficial. Disponível em <<http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/brasao/brasao-da-republica>>. Acesso em 10/02/2016 às 14h17.

#### Referências do Corpus

Todas as provas do ENEM estão disponíveis no sítio: <<http://enem.inep.gov.br/>>.

#### Referências Linguísticas

FAULSTICH, E. Características DO QUE É e PARA QUE SERVE nas definições de terminologias científica e técnica. In: **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. VII. Aparecida Negri Isquerdo; Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Orgs). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 377 – 393.

\_\_\_\_\_. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 50, 2011.

\_\_\_\_\_. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. M. A. *et al* (Org.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística*: entrelaçando saberes e vidas. São Luis: Ed. da UFMA, 2010. p.166-185. ISBN 978-85-7862-143-8.

#### Referências das Definições

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998. v. 1: 674 p. (total: 1.330 p.).

*Brasil Império*. In Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

BRASIL. Decreto nº 1, de 15 de novembro de 1889. Proclama provisoriamente e decreta como forma de governo da Nação Brasileira a República Federativa, e estabelece as normas pelas quais se devem reger os Estados Federais. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D0001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D0001.htm)>. Acesso em: 26 jul. 2015.

BRASIL. Glossário das Forças Armadas. Ministério da Defesa, 2007.

*Brasil*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/480842/Brasil>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

*Colônia de Exploração*. In: InfoEscola Online. 2015. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/colonias-de-exploracao/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

*Colônia*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481016/colonia>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e geral – I*. São Paulo: Saraiva, 2013a.

\_\_\_\_\_. *História Global: Brasil e geral – II*. São Paulo: Saraiva, 2013b.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral III*. São Paulo: Saraiva, 2013c.

DEL PRIORE, Mary. *Uma Breve História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

DICIONÁRIO de Sociologia. Disponível em <<http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

DORTIER, Jean-François. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DUARTE, Lidiane. Pacto colonial. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/pacto-colonial/>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

*Estado*. In: *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Estado>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

GOMES, Laurentino. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da república no Brasil*. São Paulo: Globo, 2013. p. 98.

*Guerra*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482828/guerra>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001.

MELHORAMENTOS, Edições. Departamento Editorial das Edições Melhoramentos. *Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

MODERNO dicionário da língua portuguesa Michaelis. Michaelis On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&pala=vra=rei>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

*Monarquia*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481938/monarquia>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

OSBORNE, Richard. *Dicionário de Sociologia*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7771703/Richard-Osborne-Dicionario-de-Sociologia-PDF#scribd>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

*Período* (História). In: Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$periodo-\(historia\)](http://www.infopedia.pt/$periodo-(historia))>. Acesso em: 27 jul. 2015.

PESQUISA EM LETRAS E LINGUÍSTICA (ANPOLL), 9., 2013a. Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br/#!/artigos2014/cddb>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

PINSK, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

*República*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482353/republica>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

REZK, Antônio. Miniz Bandeira e o governo João Goulart. In: *Revista Novos Rumos*. Ano 17. nº 38, 2002. p. 12.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTOS, Washington dos. *Dicionário jurídico brasileiro*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 67.

SOUSA, Fernando de. *Dicionário de Relações Internacionais*. Edições Afrontamento/CEPESE, 2005.

TERRA, Antonia. 13 de maio de 1888. In: *Dicionário de datas da história do Brasil*. Circe Bittencourt (Org.). São Paulo: Contexto, 2012.

*Trabalho*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481691/trabalho>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

TRAJANO FILHO, Wilson. *Crioulo, criouliização*. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (Orgs). *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014.

VAIFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

WRIGHT, Edmund. *Dicionário de história do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

WRIGHT, Edmund. *Dicionário de história do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 672.

### Referências dos contextos

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 84.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998. v. 1: 674 p. (total: 1.330 p.). p. 641.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. v. 1: 674 p. (total: 1.330 p.). p. 548.

*Brasil Império*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

BRASILESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/colonizacao-brasil.htm>>. Acesso: 18 jun. 2015.

CARVALHO, Leandro. BRASILESCOLA. Disponível em: <<http://brasilecola.com.br/b120941>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

CAVALCANTE, Rodrigo. *Brasil Império*. História. Revista Superinteressante On-line. nº 181, outubro de 2002.

*Colônia de Exploração*. In: InfoEscola Online. 2015. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/colonias-de-exploracao/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

*Colônia*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481016/colonia>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral – 2*. São Paulo: Saraiva, 2013b. p. 15.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 55.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 61.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 64.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 73.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 100.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral – 2*. São Paulo: Saraiva, 2013b. p. 117.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral – 2*. São Paulo: Saraiva, 2013b. p. 121.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral – I*. São Paulo: Saraiva, 2013a. p. 249.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral – I*. São Paulo: Saraiva, 2013a. p. 252.

DÉAK, Csaba. *Verbetes de economia política e urbanismo*. Disponível em: <[http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/c\\_deak/CD/4verb/tecnica/index.html](http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/c_deak/CD/4verb/tecnica/index.html)>. Acesso em: 27 jul. 2015.

DEL PRIORE, Mary. *Uma Breve História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

DOCUMENTO oficial da fundação do INES em 1857. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/uploads/institucional/Doc-INES-01.jpg>>. Acesso em: 2015.

DORTIER, Jean-François. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 164.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 588.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 589.

EDUFBA, 2014. p. 12.

EM DISCUSSÃO. Revista de audiências públicas do Senado Federal. Ano 2 – nº 7 – maio de 2011.

*Força aérea*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/480549/forca-aerea>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

GOMES, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 264.

\_\_\_\_\_. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 281-282.

\_\_\_\_\_. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da república no Brasil*. São Paulo: Globo, 2013. p. 22.

\_\_\_\_\_. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da república no Brasil*. São Paulo: Globo, 2013. p. 94.

\_\_\_\_\_. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da república no Brasil*. São Paulo: Globo, 2013. p. 273.



*Guerra dos Emboabas*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483227/Guerra-dos-Emboabas>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

*Guerra*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482828/guerra>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

*Guerra*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482828/guerra>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

HERMANN, Jaqueline. *Aclamação*. In: VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das (Orgs). *Dicionário do Brasil Joanino: (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 28.

MANOEL, Ivan A. O Movimento Histórico: produto da (des) razão. (Um ensaio sobre a filosofia católica da história) 1800 – 1960. *Revista Nucleus*. v. 1, n 1. Out./Abr. 2003. p. 103-123.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 129.

NOÉ, Marcos. Brasil Escola. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/funcoes-economicas.htm>. Acesso em: 23 maio 2015.

OLIVEIRA, Tory. Voto jovem. *Revista Carta na Escola*, vol. 90, setembro de 2014. p. 15.

PACIEVITCH, Thais. *Bens de Consumo*. InfoEscola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/bens-de-consumo/>>. Acesso em: 23 maio 2015.

PRESSE, France. Novo bebê real será 'herdeiro de reserva'; saiba mais. *G1 online*. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/novo-bebe-real-sera-herdeiro-de-reserva-saiba-mais.html>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

Presse, FRANCE. VEJA COMO FICA A LINHA DE SUCESSÃO DA COROA INGLESA COM O NOVO BEBÊ REAL. CADERNO MUNDO. *G1 ONLINE*. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://G1.GLOBO.COM/MUNDO/NOTICIA/2015/05/VEJA-COMO-FICA-LINHA-DE-SUCCESSAO-DA-COROA-INGLESA-COM-O-NOVO-BEBE-REAL.HTML](http://G1.GLOBO.COM/MUNDO/NOTICIA/2015/05/VEJA-COMO-FICA-LINHA-DE-SUCCESSAO-DA-COROA-INGLESA-COM-O-NOVO-BEBE-REAL.HTML)>. ACESSO EM: 22 JUL. 2015.

### Referências das notas

REZK, Antônio. Miniz Bandeira e o governo João Goulart. In: *Revista Novos Rumos*. Ano 17. nº 38, 2002. p. 12.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 110.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 365.

SANTOS, Washington dos. *Dicionário jurídico brasileiro*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. p. 24.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 184.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 43.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 173.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 241.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 242.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 315.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 367.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 462-463.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 502.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; THOMAZ. Por um dicionário reflexivo e em constante Construção. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (Orgs.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014.

*Segunda Guerra Mundial*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482882/Segunda-Guerra-Mundial>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

SOUSA, Fernando de. *Dicionário de Relações Internacionais*. Edições Afrontamento/CEPESE, 2005. p. 73.

SOUSA, Rainer. Guerra de Canudos. *Brasil Escola Online*, 2015. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiab/canudos.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

TERRA Notícias Online. Brasil. Lei Áurea: o final de uma luta que começou bem antes de 1888. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/lei-aurea-o-final-de-uma-luta-quecomecoubemantesde1888,b326e15ffd0f5410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

TRAJANO FILHO, Wilson. *Crioulo, criouliização*. In In Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado (Orgs). Salvador: EDUFBA, 2014. p. 79.

UNIC RIO. Mundo passa por mudança histórica equivalente à 1989, diz Ban. Reportagem publicada em 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/mundo-passa-por-mudanca-historica-equivalente-a-de-1989-diz-ban/>>. Acesso em: 23 maio 2015.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 205.

WRIGTH, Edmund. *Dicionário de história do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 139.

### Referências das notas

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos, e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 319.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1. ed., 1998. p. 401.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1. ed., 1998. v. 1: 674 p. (total: 1.330 p.). p. 555.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1. ed., 1998. p. 954.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998. p. 1107.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: sociedade & cidadania*. 7º ano. São Paulo: FTD, 2012. p. 194.

*Brasil Império*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

*Brasil Império*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483127/Brasil-Imperio>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral – 2*. São Paulo: Saraiva, 2013b. p. 15.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 53 e 127.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 100-101.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral - 3*. São Paulo: Saraiva, 2013c. p. 127.

\_\_\_\_\_. *História global: Brasil e geral – 1*. São Paulo: Saraiva, 2013a. p. 248.

DEL PRIORE, Mary. *Uma Breve História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2010. p. 164.

\_\_\_\_\_. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. p. 211.

*Deodoro da Fonseca*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483248/Deodoro-da-Fonseca>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

DORTIER, Jean-François. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 429.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 588.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de ciências humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 589.

DUARTE, Lidiane. *Pacto colonial*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/pacto-colonial/>. Acesso em: 23 jun. 2015.

HERMANN, Jaqueline. *Aclamação*. In: VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das (Orgs). *Dicionário do Brasil Joanino: (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 27.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 31-32.

MELHORAMENTOS, Edições. Departamento Editorial das Edições Melhoramentos. *Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p. 506.

*Monarquia*. In: Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2015. Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/481938/monarquia>. Acesso em: 22 jul. 2015.

REZK, Antônio. Miniz Bandeira e o governo João Goulart. In: *Revista Novos Rumos*. Ano 17. nº 38, 2002. p. 12.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 110.

\_\_\_\_\_. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 126.

SANTOS, Washington dos. *Dicionário jurídico brasileiro*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. p. 134.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 242.

\_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 449.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 68.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 206.

WRIGHT, Edmund. *Dicionário de história do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 606.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de história do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 270.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a História do Brasil é uma barreira para os Surdos, porque faltam sinais específicos para os termos correspondentes e recorrentes. Por isso, é fundamental que os profissionais que atuam na educação de Surdos escolham procedimentos metodológicos adequados para ensinar a História que está imbricada em todas as Ciências. “A história brasileira é fruto de cinco séculos” (DELPRIORI; VENANCIO, 2010, p. 302), conseqüentemente, há muito a ser investigado nessas memórias tanto na História propriamente dita, paralela a outras ciências com que dialoga, como a Linguística. Assim, o referencial quanto à narrativa histórica do povo brasileiro é extenso e, por se tratar de uma ciência humana, diariamente há novas descobertas, que superam teorias, reconstroem narrativas. No entanto, na terminologia de Libras, ainda há muito o que ser estudado.

Todo o percurso desta pesquisa procurou contribuir para um diálogo provocativo interdisciplinar entre campos científicos. Os estudos conceituais da História do Brasil são relevantes propósitos formativos e garantem traços gerais na constituição do sujeito como agente histórico na *práxis* humana. Esses propósitos são propagados, sobretudo, na Educação Básica, que tem como princípio a equidade. Contudo, esta realidade está longe de ser considerada na prática. Esta pesquisa propõe, principalmente, diminuir as distâncias entre as oportunidades desiguais do direito de aprendizado entre Surdos e Não-Surdos por meio de material verdadeiramente bilíngue.

Procuramos, por meio de acessibilidade, atender as necessidades dos Surdos que precisam utilizar a Libras como L1 e o Português como L2, línguas oficiais do Brasil, além de promover a conscientização sobre as peculiaridades linguísticas na escolarização. Para tanto, é fundamental que na escolarização haja motivação didática e pedagógica capaz de considerar as diversas linguagens. Por isso, esta pesquisa buscou o desenvolvimento linguístico mediante o Português em primeiro lugar, devido à disponibilidade das fontes conceituais da História do Brasil e de Libras em segundo lugar, para chegar à compreensão dos conceitos complexos da história brasileira e, então, alcançarmos sinais-termo adequadamente correspondentes.

Para o desenvolvimento do projeto desta pesquisa, foram empregadas novas tecnologias para que o conteúdo produzido se apresentasse acessível aos Surdos e Não-Surdos, porque está melhor relacionada a peculiaridade da língua, ou seja, a perspectiva visual. Muitos materiais que levam a denominação “dicionário” de Libras apresentam método apenas escrito, em Português, com descrição imagística do que vem a ser um sinal em Libras. Por isso, os recursos

tecnológicos são significativos aliados na didática visual que é imprescindível na língua de sinais.

O glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de alguns termos da História do Brasil está dividido em três períodos históricos: América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República. A obra possui os verbetes organizados em ordem alfabética e permitirá a consulta em Língua Portuguesa, com *hiperlinks* que disponibilizarão os verbetes em Libras e a pesquisa poderá acontecer pelas CMs em Libras. Além disso, toda a paralexiconografia estará acessível nas duas línguas. Essa estrutura atende ora a língua-fonte, ora a língua-alvo, num movimento colaborativo e reverso, ou seja, o glossário terá o Português e a Libras como língua-fonte (L1) e também como língua-alvo (L2). Essa organização foi projetada conforme os fundamentos teóricos da lexicografia bilíngue, podendo ser repensada e reorganizada de acordo com seu funcionamento e o *feedback* dos consulentes.

O glossário proposto será disponibilizado em site eletrônico onde estará acessível para aqueles que se interessarem em consultar os sinais-termo da História do Brasil, como via de socialização do conhecimento produzido.

O banco de dados que será exportado para o site eletrônico continuará sendo alimentado com novos verbetes e reformulado conforme as necessidades do usuário, o que possibilitará a consulta ao glossário de forma dinâmica em razão dos *hiperlinks* que ligam diferentes lexemas, constituindo uma rede informativa que complementam os conceitos apresentados pelos verbetes.

Pretendemos, ainda, continuar as análises da lexicografia e terminografia Histórica de Libras iniciadas nesta pesquisa, para que entendamos os processos da identificação das estratégias lexicográficas da língua de sinais e de fixação do léxico que contribui para a história da identidade do povo Surdo. Além disso, aspiramos prosseguir com as investigações do postulado, formulado por esta pesquisa sobre o morfema especificador como argumento predicador em Unidades Terminológicas Complexas sinalizadas, isto é, a mão ativa ou morfema especificador será sempre o argumento que predica a mão dominante ou morfema preso, visto que a base depende de argumentos na criação de sinais-termo em Libras.

Para mais, ao analisarmos as UTCS, partimos do pressuposto de que em Libras se predica por unidades fonomorfológicas que vão compor a UTC. ampliando nosso campo de pesquisa com vistas a analisar as UTCS em outros dicionários e glossários bilíngues, além de verificar a função e a importância da direcionalidade como referência fundamental na formação de sinais-termo.

O material lexicográfico criado por essa pesquisa contribuirá para o conhecimento de História com base nos verbetes elaborados em Libras, além de fornecer informações complementares em Língua Portuguesa por se tratar de um material bilíngue e acessível ao consulente Surdo.

Espera-se, ainda, que o modelo de glossário bilíngue desenvolvido por esta pesquisa possa ser previamente consultado por estudantes Surdos e Não-Surdos que almejam fazer o ENEM. Além disso, que os sinais-termo disponíveis auxiliem Universidades e Faculdades a oferecer conteúdo acessível da História do Brasil nos exames para ingresso de Surdos a cursos no Ensino Superior.

Diante do que foi estudado, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para o aprendizado de Português e de Libras, uma vez que apresenta uma proposta de glossário pautado nos princípios da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia, além de detalhar a estrutura de glossário inovador que pode ser usado como estratégia de aprendizado do léxico do Português e de Libras. Por se tratar de uma proposta bilíngue, esta pesquisa está pautada na qualidade de materiais terminográficos.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE BRASÍLIA (ASB). **Curso de Libras**. APADA-DF, 1999.

AZEVEDO, Antônio C. do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

BARROS, Rejane Lourêdo. **Política linguística: a terminologia da libras como veículo de cultura em concursos públicos**. Dissertação de mestrado. PPGL-UnB, 2013.

BASTUJI, J. Aspects de la Néologie Sémantique. In: **Langages**. Nº 36, vol. 8. p. 6-19. Paris, 1974.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

\_\_\_\_\_. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

BRANDÃO, Flávia. **Dicionário ilustrado de Libras**. Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: Global Editora, 2011.

BRITO, Bernardo Gomes de, 1688-1759. **História trágico-marítima**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1942. – 3 v.; 20 cm. – (Nova edição / publ. sob a direção de Damião Peres).

CAMARÃO, César Bhering. **Glossário de termos técnicos em processamento de dados**. Editado pelo Centro Nacional de Treinamento – CNT. SERPRO, 1976.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso (1970). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001b.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

CASTRO, Américo. **Glosarios latino-españoles de la Edad Media**. Espanha: C.S.I.C, 1991.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: ENCICLOLIBRAS. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL – UnB, 2012.

CRUZ, C. L. S. (RE) **Aplicação do Constructo de Faulstich**: Regras de formação das Unidades Terminológicas Complexas na área da Engenharia Civil. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL-UnB, 2013.

DELBECQUE, Nicole. **Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

DEL PRIORI, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DF. Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos**. Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental Anos Finais**. Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Médio**. Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Especial**. Brasília, 2014.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DOSSE, François. **A história**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DUBOIS, Jean; [et. al.]. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

DROYSEN, J. G. Historik. Vorlesungen über Enzyklopädie und Methodologie der Gensichte. 5ª ed.: In: **R. Hühner**. Munique, 1967.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; MEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. **Organon**: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 50, 2011.

\_\_\_\_\_. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995. p. 31.

\_\_\_\_\_. **Planificação linguística e problemas de normalização**. In: Alfa. São Paulo, 42(n.esp.): 247-268, 1998.

\_\_\_\_\_. Rede de remissivas em um glossário técnico. In: MACIEL, A. M. B. (org.) **Cadernos do Instituto de Letras**. n.10, Porto Alegre, UFRGS, jul. 1993a, p. 91-98. 1993.

\_\_\_\_\_. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**. Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. especial, p. 197-201, jun./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Para gostar de ler um dicionário. In: **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. Conceição de Maria de Araújo Ramos; José de Ribamar Mendes Bezerra; Maria de Fátima Sopas Rocha. São Luiz: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

\_\_\_\_\_. **Glossário sistêmico de léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

\_\_\_\_\_. Características DO QUE É e PARA QUE SERVE nas definições de terminologias científica e técnica. In: **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. VII. Aparecida Negri Isquerdo; Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Orgs). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 377 – 393.

\_\_\_\_\_. **Metodologia para Elaboração de Dicionários, Glossários e Léxicos, com Modelo de Fichas de Terminologia e de Verbetes**. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP- IL - UnB. Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, Brasília, 2014 - Trabalho entregue em laboratórios de Lexicologia e Terminologia turma Pós-Graduação.

\_\_\_\_\_. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGUÍSTICA (ANPOLL), **ATAS...**, 2013a. Disponível em: <http://www.centrolexterm.com.br/#!/artigos2014/cddb>. Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FALSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-32.

\_\_\_\_\_. Terminologia científica: o que é e como se faz. **Rev. de Letras**, v. 19, nº 44, 1/2-jan/dez 1997.

\_\_\_\_\_. **Glossário sistêmico de léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, Centro Lexterm. [Em elaboração.].

FELIPE, Tanya Amara; LIRA, G. A. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais**. Versão 2.0 – 2005. Disponível em <http://www.acessobrasil.org.br>.

FERREIRA, Júlio Romero. Educação especial, inclusão e política educacional: notas brasileiras. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

FERREIRA-BRITO, Lucinda et al. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Depto. Linguística e Filologia, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. In: **Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 1, p. 20 – 43, 1990.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. V. I. Objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FINLEY, Moses I. **O uso e o abuso da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Typographia Universal de E. & H. Laemmert: Rio de Janeiro, 1875.

GOMES, Partícia V. Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GRIMM, J. **Kleinere Schriften**, reimpressão da ed. Gütersloh, 1890, Hildesheim, 1966, t. VIII: Vorreden, Zeitgeschichtliches und Persönliches, p. 311.

GUILBERT, L. La créativité lexicale. **Communication et langages**. Nº 1. vol. 30. p. 127. Paris, 1976.

HAENSCH, Günther; [et. al.]. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Editada Gredos: Madrid, España, 1982.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia G. A Memória Evanesciente: Documento e História. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de; TATSCH, Flávia Galli (coord. edit.). **A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

- KRIEGER, Maria da Graça. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 73-85.
- MELHORAMENTOS, Edições. **Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- MOSCATELI, Renato. A narrativa histórica em debate: algumas perspectivas. In: **Revista Urutágua**, nº 06, quadrimestral. Maringá: Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Ciências Sociais, 2003.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas-SP: Pontes Editores – São Paulo : Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Paperp, 2006.
- OATES, Eugênio. **Linguagem das Mãos**. Editora Santuário: São Paulo, 1988.
- PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. New York: Cambridge University Press, 1997
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- PEREIRA, Ana Carolina B. **Na transversal do Tempo: Natureza e Cultura à prova da História**. (Tese de Doutorado). 225p. Programa de Pós-Graduação em História: Universidade de Brasília, 2013.
- PROMETI, D. Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música. Dissertação. PPGL – UnB: 2013.
- QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- REY, Alain. A Terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007.
- ROBIN, Régine. **História e Linguística**. Editora Cultrix: São Paulo, 1973.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SEEDF. **Currículo em movimento da Educação Básica: Ensino Médio**. 2014.
- SILVA, Eloiza T. da. **Dicionário técnico-bilíngue Inglês-Português da subárea do *check-list***. (Tese). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2009.

SILVA, Antônio Carlos da. As teorias do signo e as significações linguísticas. **Revista Partes**, São Paulo, n. 39, Ano III, novembro de 2003. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm>>. Acesso em: 28 set. 2014.

SILVA, Maria C. Parreira da. Reflexões sobre o verbete dos dicionários bilíngues para fins pedagógicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia** – Vol. IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 329-349.

SOARES, Charley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. Dissertação. PPLG-UnB, 2013.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (org.). **História da sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 49-56.

VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia B. P. das. **Dicionário do Brasil Joanino: (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanidades/Pontes, 2002.

WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. **Dicionário de história do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ZANOTTO, Normelio (1986). **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. São José-SC: LUCERNA, 2006.

## **APÊNDICE**

**APÊNDICE I****MODELO DO GLOSSÁRIO SISTÊMICO BILÍNGUE DE ALGUNS TERMOS DA  
HISTÓRIA DO BRASIL**

**[DISPOSITÍVO MÓVEL – PENDRIVE]\***